

# **TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL**

## **LÍNGUA PORTUGUESA**

**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**

**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**

# **LÍNGUA PORTUGUESA**

**Natal  
2014**





Presidente da República  
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação  
JOSÉ HENRIQUE PAIM FERNANDES

Diretor de Educação a Distância da CAPES  
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN  
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação  
JOSÉ YVAN PEREIRA LEITE

Coordenador da Editora do IFRN  
PAULO PEREIRA DA SILVA

Diretor do *Campus* EaD/IFRN  
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do *Campus* EaD/IFRN  
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN  
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenadora Adjunta da UAB/IFRN  
MARLI TACCONI

Coordenadora do Curso  
de Tecnologia em Gestão Ambiental  
MARIA DO SOCORRO DIÓGENES PAIVA

LÍNGUA PORTUGUESA  
Material Didático

Professor Pesquisador/Conteudista  
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Direção da Produção de Material Didático  
ROSEMARY PESSOA BORGES

Coordenação da Produção de Material Didático  
LEONARDO DOS SANTOS FEITOZA

Revisão Linguística  
KALINA ALESSANDRA RODRIGUES DE PAIVA

Projeto Gráfico  
BRENO XAVIER

Diagramação  
GEORGIO NASCIMENTO  
LUANNA CANUTO DA ROCHA  
MARÍLIA DA COSTA PAIVA  
VICTOR HUGO ROCHA  
EMERSON LUIZ BEZERRA DOS SANTOS  
ALEF SOUZA DA SILVA  
JOACI NASCIMENTO DE PAULA

---

Ficha Catalográfica

C376t Cavalcante, Ilane Ferreira.  
Tecnólogo em Gestão Ambiental: Módulo 1 - Disciplina: Língua Portuguesa /  
Ilane Ferreira Cavalcante. – Natal : IFRN Editora, 2011.  
294 f. : il. color.

ISBN 978-85-8333-071-4

1. Língua Portuguesa - EaD. 2. Comunicação. 3. Linguagem. 4. Gêneros  
textuais. I. Título.

RN/IFRN/EaD

CDU 81´1

## O Material Didático

Caro(a) Aluno(a):

Você está recebendo este material didático por meio do qual vai realizar a maior parte de seus estudos do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental. Na Educação a Distância, o material didático é a mais importante ferramenta de estudo. Ele é o principal mediador entre você e os conhecimentos historicamente acumulados que foram escolhidos para compor cada aula que agora está em suas mãos.

O material didático na EaD é, ainda, substituto do professor no momento em que você o utiliza. Nesses textos, o professor se faz presente através da linguagem dialogada, das estratégias de mobilização dos conteúdos, das atividades, enfim, de tudo o que compõe esse material. É importante que você tenha clareza de que a sua aprendizagem depende, sobretudo, do seu empenho em estudá-lo, dedicando bastante atenção aos conteúdos de cada aula. Realizar cada uma das atividades, comunicar-se com seu tutor e/ou professor através das várias formas de interação e sanar as dúvidas que, porventura, venham surgir durante o processo de utilização desse material, constituem-se elementos primordiais para o seu aprendizado.

Esse material foi concebido, escrito e finalizado com muita dedicação com um objetivo principal: a sua aprendizagem. Cada imagem, ícone ou atividade passou por um refinado processo de análise com o objetivo de que, no final de cada sessão de estudo, você tenha compreendido bem os conceitos, categorias ou postulados essenciais à sua formação como tecnólogo em Gestão Ambiental. Desejamos que o itinerário iniciado por você seja exitoso e que, ao final do curso, esse material tenha contribuído efetivamente para seu crescimento na condição de indivíduo, cidadão e profissional.



Bons estudos.

Diretoria de Produção de Material Didático



## As seções

Com o objetivo de facilitar a sua aprendizagem, as aulas foram estruturadas didaticamente em seções que facilitam o seu itinerário de estudos. Essas seções cumprem, cada uma, um objetivo específico e estão articuladas entre si, de modo que, ao final de cada aula, você tenha compreendido o conteúdo e apreendido os conceitos principais. Vamos ver quais são essas seções e quais as suas funções nas aulas.



### Apresentando a aula

Apresentação do conteúdo da aula e chamada para a importância dos temas que serão tratados nela.



### Definindo objetivos

Apresentação dos objetivos de aprendizagem da aula.

### Desenvolvendo o conteúdo

Desenvolve a temática da aula através da apresentação dos conteúdos propriamente ditos.



### Atividade

Apresenta as atividades de fixação/percurso relativas aos conhecimentos estudados no bloco de conteúdo.



### Lembre-se!

Apresenta informações complementares importantes para o aluno como biografemas ou mesmo Glossário.



### Resumindo

Resumo da aula que você estudou.



### Leituras complementares

Indicação de leituras complementares.



### Avaliando seus conhecimentos

Espaço em que o professor sugere algumas maneiras de você se autoavaliar em relação ao seu aprendizado.

### Conhecendo as referências

Apresenta as referências bibliográficas que foram utilizadas pelo professor para a elaboração da aula.

## Índice

Linguagem, texto e hipertexto .....	Aula 01
Análise textual, temática e interpretativa .....	Aula 02
Variação linguística .....	Aula 03
Da leitura para a escrita .....	Aula 04
Noções de coesão e mecanismos de coesão referencial .....	Aula 05
Coesão sequencial .....	Aula 06
Coerência .....	Aula 07
Progressão textual .....	Aula 08
A paragrafação .....	Aula 09
Características da linguagem técnica, acadêmica e científica .....	Aula 10
Modos de citação do discurso alheio .....	Aula 11
Tópicos de gramática .....	Aula 12
Pontuação .....	Aula 13





# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 01**  
**LINGUAGEM, TEXTO E HIPERTEXTO**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

Uma reflexão sobre a importância da comunicação, as diferentes linguagens humanas e os diferentes textos que elaboramos para nos comunicar. Esses conceitos iniciais são importantes porque, ao longo de nossa disciplina, vamos priorizar, sempre, o estudo da língua portuguesa em sua aplicação prática, ou seja, através da leitura, compreensão e produção de textos.

Os textos serão nossa base para compreendermos a diversidade da língua, a forma de organizarmos melhor as nossas idéias, as possibilidades de interligar os enunciados visando a uma melhor produção de sentidos e, por fim, a possibilidade de seqüenciarmos nossas idéias de forma a explicar, a narrar, a descrever, a argumentar. Em linhas gerais, esses são os conteúdos que trabalharemos ao longo desta disciplina. Espero que esse percurso seja agradável e proveitoso!

Nesta primeira aula, vamos estudar os conceitos de língua e linguagem, os diferentes gêneros textuais produzidos pelo ser humano para se comunicar, assim como as competências mínimas necessárias para a eficiência comunicativa.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Entender o uso das linguagens humanas e os conceitos de texto e hipertexto e gênero textual.
- Conhecer as três competências para leitura e produção de textos: lingüística, comunicativa e enciclopédica.
- Aplicar essas competências em produções textuais.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

Gosto de sentir a minha língua roçar  
 A língua de Luís de Camões  
 Gosto de ser e de estar  
 E quero me dedicar  
 A criar confusões de prosódias  
 E uma profusão de paródias  
 Que encurtem dores  
 E furtem cores como camaleões  
 Gosto do Pessoa na pessoa  
 Da rosa no Rosa  
 E sei que a poesia está para a prosa  
 Assim como o amor está para a amizade  
 E quem há de negar que esta lhe é superior  
 E deixa os portugueses morrerem à míngua  
 “Minha pátria é minha língua”  
 Fala mangureira!  
 Fala!  
 Flor do Lácio Sambódromo  
 Lusamérica latim em pó  
 O que quer  
 O que pode  
 Esta língua?  
 (Caetano Veloso - *Língua*)



Fig. 1

Fonte: <http://agal-gz.org/blogues/media/blogs/ovnis/rolling-stones-lingua.jpg>

A letra da canção de Caetano Veloso se inicia através de uma brincadeira com o duplo sentido da palavra língua: ao mesmo tempo órgão de nosso aparelho digestivo e fonador e o idioma que falamos. Essa brincadeira nos dá uma pequena idéia da plasticidade do idioma, que nos constitui como sujeitos de um determinado momento e de uma determinada sociedade, dotando-nos de valores e de cultura. Daí

a letra da canção fazer alusões a autores de nossa língua (Luís de Camões, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa) e às origens históricas dessa língua, que evoluiu do Latim (falado na região do Lácio, na Europa), chegando ao Brasil e a tantos outros lugares através da colonização portuguesa.

Vamos refletir um pouco sobre a língua?

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### A comunicação humana

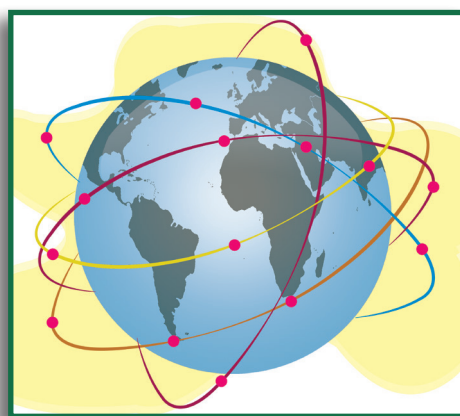
Para começar qualquer processo de ensino-aprendizagem de um idioma, é sempre interessante refletir acerca dos conceitos de língua, linguagem e comunicação.

O ser humano sempre viveu, desde a pré-história, em comunidade. Primeiro, em pequenas comunidades familiares, depois em pequenas aldeias que, aos poucos, foram se tornando vilas, cidades, metrópoles, enfim...

A vida em comunidade impõe a necessidade de **comunicação**. Assim, o ser humano é um animal basicamente comunicativo que estabelece sua relação com o mundo e com os demais seres através da linguagem.

A linguagem, por sua vez, surge do esforço de comunicação entre os seres, que não precisam ser humanos, nem utilizar palavras; macacos se comunicam por meio de gritos ou gestos, também possuem uma linguagem. Mas poderíamos chamar de linguagem a comunicação entre animais? É um assunto a discutir.

Ao longo da sua existência, o homem foi criando meios cada vez mais complexos de comunicação. Há alguns milhares de anos estávamos soltando grunhidos e desenhando nas paredes das cavernas algumas imagens que retratavam nossas experiências diárias. Queríamos nos comunicar, explorar nossas experiências, recriar o mundo em que vivíamos. Pouco a pouco fomos aprendendo a dar significado a nossos grunhidos, e eles passaram a representar idéias. Elaboramos a linguagem



Fonte: HUGO, 2013.

Fig. 2

em sua manifestação primitiva, oral. Aos poucos, também, fomos elaborando e estilizando os nossos desenhos iniciais e construímos a escrita.

					SAG Cabeza
					NINDA Pan
					GU <sub>7</sub> Comer
					AB <sub>2</sub> Vaca
					APIN Arado
					SUHUR Carpa
En torno al 3100 a.C. (Uruk IV)	En torno al 3000 a.C. (Uruk III)	En torno al 2500 a.C. (Fara)	En torno al 2100 a.C. (Ur III)	En torno al 700 a.C. (Época neosíria)	Lectura sumeria + significado

Fonte: <http://giramundo-cirandeira.blogspot.com.br/2011/08/um-b-com-be-baii.html>

Fig. 3 - Escrita Cuneiforme

Enquanto escavava sobre as colinas de Rãs *Shamra*, na antiga cidade de *Ugarit*, *Schaeffer*<sup>1</sup> achou várias tábuas escritas com língua cuneiforme desconhecida. Durante os anos seguintes, centenas de tabuletas cuneiformes Fenícias foram descobertas em Ugarit e em outros sítios arqueológicos ao redor do Mediterrâneo. Essa descoberta foi muito significativa para a civilização do Oriente Médio, porque os arqueólogos estavam levantando o véu da história das línguas humanas.

Através da pesquisa, em 1948, todos os vinte e oito caracteres do alfabeto cuneiforme Fenício foram corretamente identificados. Das 28 letras, 26 eram consoantes. Essas Tábuas de Ugarit continham o primeiro alfabeto da história humana.

A escrita e a leitura, hoje, são frutos de uma sociedade mais complexa. Justamente por isso, ao ler, não podemos nos fixar apenas no conteúdo do que lemos, há uma série de elementos não textuais que nos ajudam a compreender melhor ou mais profundamente aquilo que lemos.

O principal meio de comunicação humana é, ainda, um conjunto de sons e

<sup>1</sup> **Claude Frédéric-Armand Schaeffer** [1898-1982]: Arqueólogo francês, escavou sob a cidade Fenícia de Ras Shamra (Ugarit), datada da Idade do Bronze, hoje Síria. Dedicou sua vida a essa pesquisa, conduzindo expedições arqueológicas e escrevendo livros sobre a cidade.

símbolos grafados que denominamos de língua. **A língua é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade.** Em outras palavras: um grupo social convencionou e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Claro, os seres humanos não utilizam apenas a linguagem verbal (falada ou escrita), fazem uso de diversos outros tipos de signos não verbais. Tal código está presente quando falamos com alguém, quando lemos, quando escrevemos. A linguagem verbal é a forma de comunicação mais presente em nosso cotidiano. Mediante a palavra falada ou escrita, expomos aos outros as nossas idéias e pensamentos. A linguagem verbal está presente em:

- textos;
- propagandas;
- reportagens (jornais, revistas, etc.);
- obras literárias e científicas;
- discursos (de representantes de classe, de candidatos a cargos públicos, entre outros);
- várias outras situações e
- na comunicação entre as pessoas.

## ATIVIDADE 01

**1.** Reflita sobre o que estudamos até aqui e responda:

- a) O que é linguagem?
- b) O que é comunicação?

**2.** Dê exemplos de diferentes textos com os quais você se depara no dia a dia e que contenham mais de uma linguagem.





## TEXTO E GÊNERO TEXTUAL

Observe o anúncio a seguir. Ele não se utiliza apenas da linguagem verbal, não é mesmo?



Fonte: Revista Panorama Editorial.

Fig. 4 - Anúncio

O anúncio acima pode ser considerado um texto? Ou apenas a mensagem escrita em linguagem verbal é um texto?

O texto pode ser concebido como o resultado da atividade comunicativa humana, que se realiza por intermédio de processos, operações e estratégias mentais que são postos em ação, em situações concretas de interação social. É, portanto, uma atividade consciente, criativa e interacional, bem como uma prática social.

O texto é uma atividade consciente e criativa que compreende o desenvolvimento de estratégias de escolha de meios adequados à realização dos objetivos do enunciador. É também uma atividade interacional, pois se orienta a parceiros da comunicação (enunciador e co-enunciador), que se encontram, de maneiras diversas,

envolvidos no processo de produção textual. E é, por fim, uma prática social inserida nos mais variados contextos da atividade humana, expressa por meio da linguagem verbal e/ou não-verbal, a serviço de fins sociais.

Considerando apenas a linguagem verbal, seja oral ou escrita, texto é uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados intencionalmente e ordenados em seqüência durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros (autor/enunciador e leitor/ouvinte/co-enunciador) tanto a apreensão de conteúdos semânticos como a interação ou atuação em práticas sócio-histórico-culturais, como ler um livro, participar de uma discussão, escrever uma carta, etc. (KOCH; VILLELA, 2001).

É possível pensar, por exemplo, o quadro da figura 5 como um texto?

Vamos pensar... Ele é construído a partir de uma linguagem, ou seja, a partir de signos que nos remetem a significados? Ele nos comunica algo?

Fonte: [http://www.proa.org/exhibiciones/pasadas/portinari/salas/id\\_portinari\\_retirantes.html](http://www.proa.org/exhibiciones/pasadas/portinari/salas/id_portinari_retirantes.html)



**Fig. 5 - Os retirantes, Quadro de Cândido Portinari.**

Se sua resposta às questões acima é sim, então, claro, o que temos acima é um texto.

Ele foi criado a partir da linguagem própria da pintura, que explora cores, linhas e perspectiva. A partir de sua leitura podemos construir uma mensagem. Ele representa uma família de retirantes “destruída” pela fome e pela seca, que compõe a paisagem de fundo.

Ao lermos, vamos construindo significados e fazendo associações entre aquele texto que lemos e outros conhecimentos que trazemos de nossa formação.

A associação é um conceito que diz respeito a nosso modo de ler e escrever: as referências, notas de rodapé, índice, por exemplo, são marcas que remetem a outros

textos e indicam que o leitor não precisa fazer uma leitura linear, podendo seguir o itinerário que mais lhe convier. Você já fez anotações à margem de algum texto que estivesse lendo? Ou mesmo sublinhou passagens que você considera importantes?

Esse leque de possibilidades de associação, que já era bastante amplo antes mesmo das novas tecnologias da comunicação e informação, foi incrementado no meio eletrônico e na Internet, criando o que hoje se conhece por **hipertexto**.

## NOÇÃO DE HIPERTEXTO

O mapa a seguir tenta representar graficamente o hipertexto. É uma árvore de hyperlinks criada pelo filósofo da informação, Pierre Levy e representa uma pequena parte da Internet. Para Lévy (1993), o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Esses nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos também ser hipertextos.

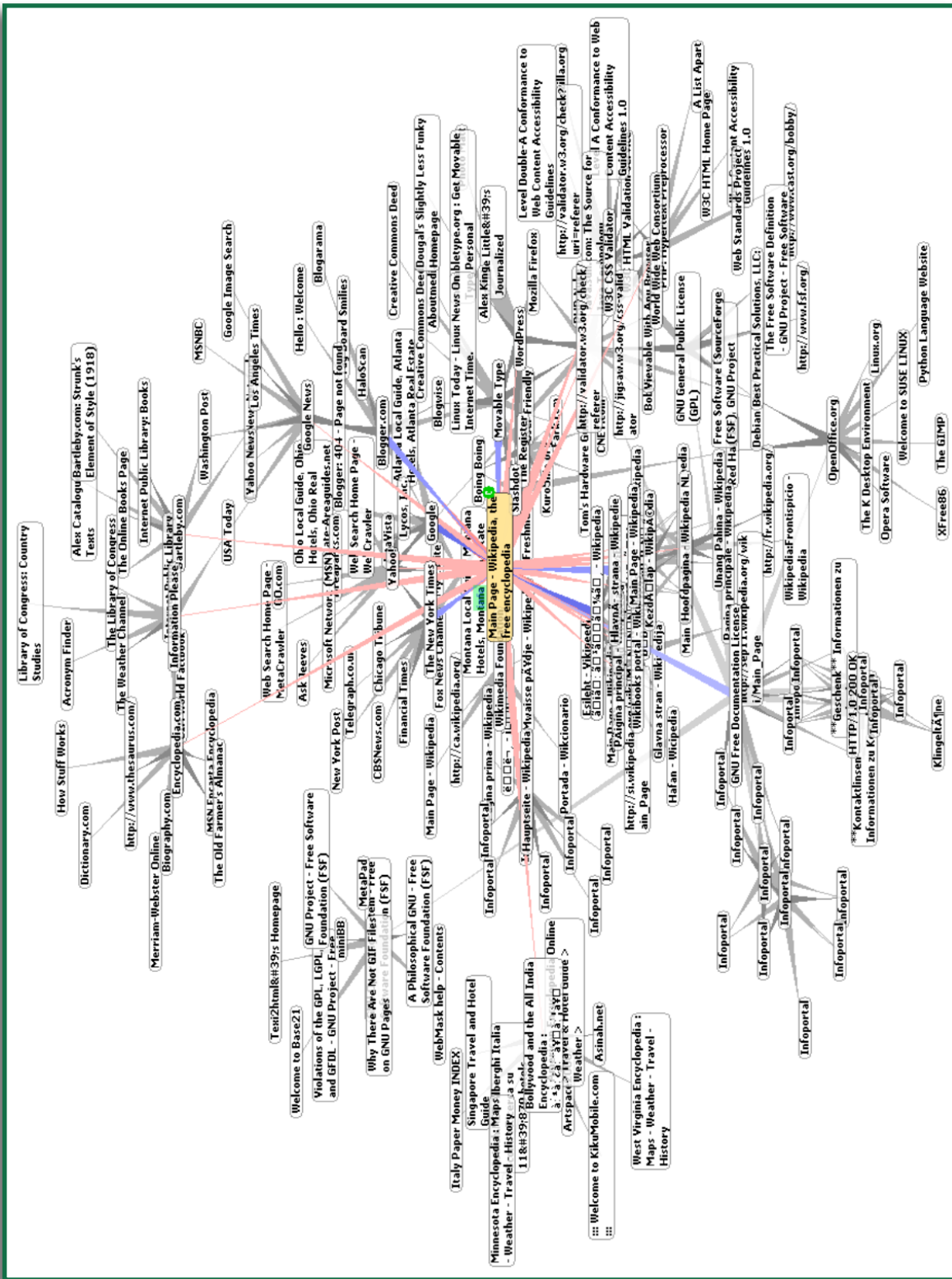


Fig. 6 - Mapa de Hipertexto.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre\\_L\\_%C3%A9vy](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_L_%C3%A9vy)

**Hipertexto** é o termo que remete a outro texto. Hoje, no mundo virtual, a esse termo agregam-se outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas *hiperlinks*, ou simplesmente *links*. Esses *links* ocorrem na forma de termos destacados no corpo de texto principal, *ícones* gráficos ou imagens e têm a função de interconectar os diversos conjuntos de informação, oferecendo acesso sob demanda a informações que estendem ou complementam o texto principal. A idéia de hipertexto não nasce com a Internet, nem com a web. Na Idade Média, já se utilizavam hipertextos, através de anotações à margem dos textos manuscritos.

Assim, a característica principal do hipertexto é a presença de *links* ou nós que indicam uma associação com outros textos. Grosso modo, **podemos definir, pois, o hipertexto como um texto com conexões**. Navegar em um hipertexto na Internet é seguir um percurso de informações quase sem fronteiras. Já no CD-ROM, por exemplo, os limites são bem mais definidos, uma vez que as idas e vindas ocorrem nos limites do conteúdo desse suporte.

## ATIVIDADE 02

Conforme a definição de texto apresentada, responda às questões a seguir, justificando-as.

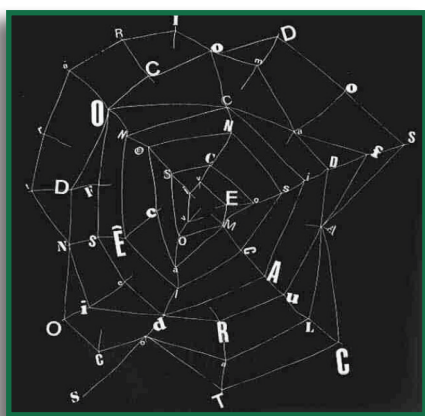
- 1) As placas de sinalização de trânsito podem ser consideradas como exemplos de texto? Justifique sua resposta.
- 2) Em que tipos de texto usamos somente a linguagem verbal?



- 3) Em que tipos de texto precisamos utilizar outro tipo de linguagem além da verbal?
- 4) Procure, em artigos e revistas, exemplos de hipertextos, ou seja, de textos que façam referência a outros textos.
- 5) Procure elaborar uma lista de ações em que você se comunica ao longo do dia; procure observar que linguagem você usa em cada uma dessas ações.
- 6) Que diferenças de sentido você pode identificar entre os enunciados abaixo?
- SILÊNCIO!!!!
  - Sshhhh!!!
  - Precisamos fazer silêncio.
  - Cala essa boca!
  - Cerra teus lábios e não deixa que nenhum som ultrapasse essa fronteira, amiga.

## GÊNEROS TEXTUAIS

Fonte: [http://oca.idbrasil.org.br/wiki2/index.php/Wiki\\_e\\_jovem\\_-\\_Lingua\\_Portuguesa](http://oca.idbrasil.org.br/wiki2/index.php/Wiki_e_jovem_-_Lingua_Portuguesa)



**Fig. 7 - Perspectiva dos gêneros textuais.**

Quando falamos sobre comunicação e sobre as múltiplas linguagens utilizadas nos processos comunicativos, precisamos lembrar que sempre que nos comunicamos, o fazemos através de textos. Vamos discutir ainda um pouco mais sobre isso, porque toda a nossa disciplina se alicerça sobre a compreensão da capacidade humana de produzir e adequar seus textos às diferentes situações de comunicação.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas à utilização de linguagens, como a língua, por exemplo, por isso os modos de sua utilização são tão variados como as práticas sociais existentes.

Cada enunciado reflete as condições específicas de sua produção, as finalidades a que se propõe, tanto por seu conteúdo como pela escolha dos recursos lingüísticos (elementos lexicais, fraseológicos e gramaticais) e pela sua estrutura composicional. Existe, portanto, uma relação intrínseca e determinante entre situação comunicativa e gênero textual produzido.

Mas o que seria **gênero textual**?

Vamos pensar em uma situação específica de comunicação? Você precisa explicar a uma criança de três anos que ela não pode pular da janela do quarto andar, pois isso certamente acarretará em conseqüências muito perigosas para a sua integridade física. Bem, você diria isso utilizando essas palavras que eu utilizei? Com certeza, não, pois, provavelmente, ela manteria seus olhos bem abertos para você sem ter a menor noção do que você estava dizendo. Para conversar com uma criança de três anos, precisamos escolher um vocabulário simples, auxiliar esse vocabulário com expressões faciais e gestos que facilitem a compreensão da criança, além de precisarmos utilizar uma entonação específica.

Bem, agora imaginemos outra situação. Você precisa proferir uma comunicação

oral em um congresso de sua área. Isso exigirá de você outra estrutura de texto, diversa da situação com a criança, não é mesmo?

Bem, o fato é que existem formas específicas de organização do pensamento e da linguagem exigidas por cada situação de comunicação. Assim, poderíamos definir **gênero textual** como tipos relativamente estáveis de enunciados, marcados sócio-historicamente, que estão direcionados às diferentes situações sociais e que, por isso, apresentam uma grande variedade, incluindo desde o diálogo oral cotidiano a uma tese de doutoramento.



Fonte: HUGO, 2013.

Fig. 8

Como qualquer produto social, os gêneros textuais estão sempre sujeitos a mudanças decorrentes de transformações sociais, de inovações tecnológicas, de variações ocorridas na própria língua por meio do trabalho dos falantes. Eles surgem em função de situações comunicativas, desaparecem quando a situação que lhes originou não existe mais, podem sofrer transformações no decorrer do tempo ou manterem entre si relações interdiscursivas. Por exemplo, a organização comercial e industrial exigiu a criação de gêneros escritos como o memorando, a carta comercial, a ata, o relatório, entre outros. Hoje, com o advento do computador e da Internet, esses gêneros já estão passando por algumas modificações para se adaptarem ao meio tecnológico.

Para a produção e a leitura desses textos, são necessárias, no mínimo, três competências que o sujeito desenvolve ao longo de sua vida, ao participar das práticas sociais e culturais de sua comunidade de falantes. Vamos a elas.

## **COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS À LEITURA E À PRODUÇÃO DE TEXTOS**

As competências, como foi dito anteriormente, são três e dizem respeito ao domínio da língua (competência lingüística); ao domínio de conhecimentos (competência enciclopédica) e ao domínio de um saber que permite ao sujeito comportar-se adequadamente nas diversas situações comunicativas, produzindo os gêneros adequados a cada uma das situações (competência comunicativa).

### **Competência linguística**

Como o próprio nome já diz, refere-se ao conhecimento de como funciona o idioma: saber encadear orações, estabelecer a concordância devida entre as palavras, ter um bom vocabulário, dominar mecanismos de coesão, usar corretamente as convenções ortográficas, pontuar de forma coerente, etc.



Todos nós, falantes de um idioma, desenvolvemos o conhecimento da estrutura básica desse idioma ao longo do nosso processo de aquisição da linguagem. Assim, internalizamos uma gramática que nos impede de elaborar, em língua portuguesa, enunciados sem sentido como:

Arisco Alice de é peludo gato o.

Essa é uma competência básica que possuímos como falantes da língua portuguesa, mas a educação formal (escolar) tem a função de aprimorar o nosso conhecimento da língua e nos levar a utilizá-la seguindo normas de concordância de gênero e número e normas de ortografia de forma que possamos elaborar uma diversidade maior de textos e adequá-los a situações de comunicação das mais informais às mais formais.

Tais conhecimentos, no entanto, não devem ser confundidos como conhecimento da metalinguagem da gramática de uma língua (substantivo, advérbio, sujeito, predicado, oração adjetiva restritiva etc.). Eles se referem mais especificamente ao uso da língua e não à descrição dos elementos que a compõem.

## Competência enciclopédica

Trata-se do conjunto de conhecimentos, virtualmente ilimitado, que se enriquece ao longo das interações comunicativas de que participam os enunciadores.

Esse é um conjunto de conhecimentos que adquirimos ao longo da vida, como uma bagagem interna que guardamos de cada experiência que vivenciamos. Cada um de nós tem uma bagagem específica que vai crescendo e se aprimorando à medida em que o tempo passa.

Esse estoque de conhecimentos serve de base tanto para a produção como para a recepção dos diversos gêneros textuais. É essa competência que nos permite reconhecer quem é Super-homem, saber onde fica o Brasil, o que é a Petrobrás, saber a diferença entre leite em pó integral e instantâneo, etc. Esse saber enciclopédico varia em função da sociedade em que se vive e da experiência de cada um.

## Competência comunicativa

Consiste em saber comportar-se diante dos múltiplos gêneros textuais que circulam socialmente. De fato, um texto sempre se apresenta na forma de um gênero textual particular (um memorando, uma carta, um diálogo, uma palestra), que varia em função da sociedade e da época. Isso significa que não encontramos os mesmos gêneros textuais em qualquer comunidade de falantes, ou o mesmo gênero textual pode mudar de uso de uma época para outra. Observe a gravura a seguir.



Fonte: <http://www.study-body-language.com/sitting-positions.html#sthash.iaHfLPZ2.dpbs>

**Fig. 9 - Moça sentada.**

A cena explicitada na figura anterior, uma moça displicentemente sentada de pernas cruzadas, é coisa que, no Brasil, até início do século XX, de acordo com Câmara Cascudo (2003, p. 198), era uma infração ao código de boas maneiras. O gesto denunciava claro abandono às normas da educação e indicava uma intimidade que ultrapassava os limites da confiança familiar. As mocinhas recebiam severas recomendações de jamais sobrepor uma perna à outra.

Os textos produzidos em linguagem verbal sofrem modificações da mesma forma. Mesmo não dominando a produção de certos gêneros, as pessoas são capazes de identificá-los e de ter um comportamento adequado a eles. É a partir do momento em que se identifica um enunciado como um memorando, um folheto publicitário, um atestado médico, um *e-mail*, um curso de português, que o sujeito pode adotar em relação a ele o comportamento ou atitude que convém. Assim, os leitores podem,

por exemplo, ler e arquivar o memorando, jogar fora o folheto publicitário, entregar ao chefe o atestado médico ou repassar o *e-mail* para as pessoas que eles quiserem.

A competência comunicativa, da mesma forma que a enciclopédica, também varia de acordo com o indivíduo. A maior parte dos membros de uma sociedade é capaz de produzir os gêneros textuais adequados às situações mais corriqueiras do cotidiano (cumprimentar, atender ao telefone, escrever um postal, uma carta familiar). Mas nem todos são capazes de pronunciar uma palestra, escrever uma carta oficial, um requerimento ou uma peça jurídica. Pode-se aí ver uma manifestação clara da desigualdade social: numerosos indivíduos são discriminados porque não sabem comunicar-se com facilidade em certos gêneros socialmente valorizados.

Seria muito simples se as competências necessárias à leitura e à produção de textos se manifestassem de modo seqüencial. Primeiro uma, depois outra, depois outra... Na verdade, elas interagem de forma que os indivíduos possam tanto produzir quanto compreender textos. O indivíduo lança mão de todas para obter êxito na interação comunicativa.

Portanto, é evidente que o uso das competências lingüística, enciclopédica e comunicativa é essencial para produzir e interpretar enunciados.

**Câmara Cascudo:** (Natal 1898 — Natal, 1986) foi um historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Passou toda a sua vida em Natal e dedicou-se ao estudo da cultura brasileira. Foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O Instituto de Antropologia dessa universidade tem seu nome. Pesquisador das manifestações culturais brasileiras, deixou uma extensa obra.



## JÁ SEI!

Nesta aula, você estudou aspectos ligados à comunicação humana a partir do uso de diferentes linguagens. Observamos que, ao nos comunicarmos, produzimos textos que variam de acordo com diversos fatores, tais como: a situação de comunicação específica, o interlocutor, a sociedade e o tempo em que vivemos. Esses textos que produzimos e a que temos acesso em nossos atos de comunicação diária são chamados gêneros textuais. Os gêneros textuais são textos que apresentam certa estabilidade de estrutura, mas que podem evoluir e se transformar, adequando-se às novas necessidades que o ser humano tem a partir das mudanças sociais, científicas e tecnológicas. Também observamos que os textos podem ser interligados entre si a partir de textos que servem de pontes, os hipertextos, muito comuns na internet, mas que nós também produzimos a partir de anotações à margem dos textos que lemos. Por fim, descobrimos que, para lermos e produzirmos textos de forma adequada, precisamos contar com três competências básicas que usamos concomitantemente: a competência lingüística, a enciclopédica e a comunicativa.



## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

1. Leia cada texto e responda ao que se pede:

### TEXTO 01

#### **Esporte "de menino" ou "de menina"? Isso não existe!**

Um recorde importante será quebrado nos jogos olímpicos de Londres que acontecem em julho deste ano. E não tem nada a ver com velocidade e tempo de prova. Pela primeira vez na história, as mulheres competiram em todas as modalidades. E, para a edição de 2016, mais novidades: segundo o comitê olímpico internacional (COI), todos os novos esportes incorporados aos jogos - como o rúgbi - deverão ter disputas para os dois sexos. Realmente, a democratização das categorias é um passo em direção à superação da diferença entre gêneros. No entanto, na maioria dos esportes, eles e elas seguem competindo separadamente - em Londres, das 33 modalidades, só duas terão provas mixtas: o hipismo e o badminton.

(Revista Nova Escola, Texto adaptado para esta atividade. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/esporte-menino-ou-menina-isso-nao-existe-684732.shtml> Acesso: 07/08/2012)

a) Destaque alguns problemas que comprometem a qualidade do referido texto.

b) Estabeleça uma relação entre, de um lado, as competências necessárias à leitura e à produção de textos e, de outro, o texto acima reproduzido.

c) Reescreva o texto desfazendo os entraves que comprometem a sua eficácia comunicativa.

**2.** Uma professora de ensino médio pediu aos alunos que escrevessem uma carta a um amigo (também secundarista) de outra cidade, contando sobre as conseqüências das últimas chuvas para a cidade de Natal. O texto apresentado a seguir foi considerado inadequado pela professora.

## TEXTO 2

Natal, 05 de agosto de 2006.

Caro amigo,

As últimas precipitações atmosféricas formadas por gotas de água que ocorreram em nossa cidade provocaram inundações que, como conseqüência, formaram várias cavidades nas ruas do meu bairro. Entre estas, algumas são tão grandes que impedem a passagem dos transeuntes.

A prefeitura tomou ciência do fato, mas, até o presente momento, não houve disposições no sentido de solucionar o problema.

Pelos motivos supracitados, os habitantes do meu bairro acreditam que devemos nos unir para que possamos nos utilizar de medidas coercitivas em relação à prefeitura no sentido de encontrarmos uma solução para esse problema em nosso bairro.

Sem mais,

Joseph de Jesus Júnior

- a) Que problemas o texto apresenta?
- b) Que competência faltou ao produtor da carta para redigir um texto eficaz?

**3.** Uma agência de publicidade pediu a um aluno do curso de Turismo, do ensino superior, que elaborasse um texto sobre a cidade de Natal, a ser publicado em uma revista nordestina. O resultado da produção textual desse aluno é o texto reproduzido a seguir.

### TEXTO 3

Natal, hoje com 1 500 000 habitantes, é uma das cidades que mais cresce no país. Multiplicam-se dia a dia o número de pousadas, hotéis, bares, restaurantes, centros de compras entre outros, sendo grande parte desses investimentos feita por brasileiros que acreditam no potencial turístico da região.

A cidade possui quatro hotéis cinco estrelas e o maior shopping das Américas, mas preserva o espírito hospitaleiro de pequenas cidades e baixos índices de violência, sendo considerada uma das mais seguras capitais brasileiras.

Por sua posição geográfica privilegiada, Natal é ensolarada apenas parte do ano, sendo conhecida como a “noiva do sol”. Por essa razão, muitas pessoas de países onde o inverno é rigoroso se encantam com a cidade e compram imóveis, a fim de, posteriormente, morarem em Natal.

Estrutura de cidade grande, hospitalidade de cidade pequena, uma das menores taxas de violência do país, belezas naturais incomparáveis e um clima extremamente agradável. Realmente, Natal é uma cidade apaixonante.

a) O texto apresenta problemas que obscurecem sua credibilidade. Explícite-os.

b) Que competência(s) o produtor desse texto precisa dominar para melhorar sua produção escrita?



## LEITURAS COMPLEMENTARES

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

É uma boa leitura para compreender melhor essas questões de leitura e de interpretação de textos. Além de discutir os múltiplos sentidos do texto, esse livro apresenta uma ampla gama de gêneros textuais que circulam socialmente e traz noções de coesão e de coerência que serão importantes ao longo da nossa disciplina.



## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

CEREJA, W. R.; MAGALHAES, T. C. **Texto e interação**: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2000.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

KOCH, I.; TRAVAILIA, L. C. **Texto e coerência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - <http://agal-gz.org/blogues/media/blogs/ovnis/rolling-stones-lingua.jpg>

**Figura 03** - <http://giramundo-cirandeira.blogspot.com.br/2011/08/um-b-com-be-baii.html>

**Figura 04** - Fonte: Revista Panorama Editorial.

**Figura 05** - [http://www.proa.org/exhibiciones/pasadas/portinari/salas/id\\_portinari\\_retirantes.html](http://www.proa.org/exhibiciones/pasadas/portinari/salas/id_portinari_retirantes.html)

**Figura 06** - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre\\_L%C3%A9vy](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_L%C3%A9vy)

**Figura 07** - [http://oca.idbrasil.org.br/wiki2/index.php/Wiki\\_e-jovem\\_-\\_Lingua\\_Portuguesa](http://oca.idbrasil.org.br/wiki2/index.php/Wiki_e-jovem_-_Lingua_Portuguesa)

**Figura 08** - <http://www.study-body-language.com/sitting-positions.html#sthash.iaHfLPZ2.dpbs>

# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LINGUA PORTUGUESA**

**AULA 02**  
**ANÁLISE TEXTUAL, TEMÁTICA E INTERPRETATIVA**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

Na aula anterior estudamos as diferentes formas de ler os diferentes gêneros textuais com que lidamos em nossa comunicação cotidiana. Nesta aula veremos como a leitura se desenvolveu ao longo da história e qual a importância que devemos dar a elementos (situação de comunicação específica e contexto) que não fazem parte do texto propriamente dito, mas contribuem para a nossa compreensão.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Conhecer o desenvolvimento da leitura ao longo da história.
- Compreender a importância do co-texto no ato de leitura.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

### A Arte de Ler



Fonte: HUGO, 2013.

Fig. 1

O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria. (QUINTANA, 2012).

Quando falamos sobre leitura, logo imaginamos uma série de conselhos e recomendações intermináveis, não é mesmo? Mas o poeta Mário Quintana, no fragmento acima, comenta apropriadamente, a leitura nos leva a exercitar a criatividade e a imaginação. Nos leva em viagem. Portanto, não se preocupe, não vou, aqui, chateá-lo com uma infinidade de conceitos acerca da importância de ler ou sobre as nuances conceituais que diferentes teóricos apresentam acerca do ato de ler. Vamos preferir observar, de uma forma mais prática, o que representa a leitura em nosso cotidiano.

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### O que é ler?

Ao longo do tempo, foram construídos inúmeros conceitos para o ato de ler. De uma mera atitude passiva do leitor até uma total responsabilidade sobre o que lê, à responsabilidade de atribuir sentido. Hoje, considera-se, de qualquer forma, que o leitor é um ser ativo, que interpreta o mundo a partir de fatores que dependem de

sua intenção em relação ao que lê, dos valores e do conhecimento que traz, do tempo e da sociedade em que vive. Enfim, considera-se o ato de ler como uma prática social.

Paulo Freire (2001), por exemplo, compreende a ação de ler de modo amplo, demonstrando que ela se caracteriza pelas relações entre o indivíduo e o mundo que o cerca. A tentativa de compreender o mundo a partir de uma hierarquia qualquer de significados representa, já, uma “leitura”. O real torna-se um “código” com suas leis, e a revelação desse código traduz uma modalidade de “leitura”. Essa “leitura de mundo” começa a ser realizada desde o nascimento e é mediada pelo “outro”, é fruto de interação. Assim, a “leitura da palavra” está irremediavelmente ligada à “leitura de mundo”.

**Paulo Reglus Neves Freire** (Recife, 1921 — São Paulo, 1997) foi um educador brasileiro. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. É considerado um pensador notável na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

Assim, precisamos estar atentos ao fato de que não lemos apenas palavras, lemos o mundo, ou seja, estamos constantemente lendo tudo o que ocorre e o que está à nossa volta, pois preenchemos de significados o nosso cotidiano.

Poderíamos dizer que ler é decodificar, compreender e atribuir significado, não é mesmo? Mas a atividade de leitura, apesar de englobar especificamente as ações acima, é bem mais complexa do que parece. Em primeiro lugar, para decodificar é preciso dominar o código. O código ou a linguagem em que o texto é construído são elementos importantes na nossa atividade de leitura, pois são capazes de possibilitar inúmeras interpretações, afetando a nossa capacidade de compreensão do que lemos.

Se ao caminharmos na rua nosso olhar se fixa em um sujeito mal vestido e mal encarado que caminha em nossa direção, imediatamente sentimos um impulso

de autoproteção que nos impele a nos afastarmos daquele indivíduo. Na verdade, temos o pré-conceito de que seremos assaltados sempre por alguém mais pobre e com uma cara de mau. Será que é assim mesmo? A História parece comprovar que podemos ser assaltados por pessoas aparentemente inofensivas, não é mesmo? Senhores elegantes e bem vestidos arrombam prédios, seduzem mulheres, enganam populações inteiras.

Assim, muitas vezes, lemos o que queremos ler (ou seja, interpretamos aquilo que queremos) e não necessariamente o que está lá. Quer um exemplo? Observe atentamente o texto a seguir:

3M UM D14 D3 V3R40, 3574V4 N4 PR414, 0853RV4ND0 DU45 CR14NÇ45 8R1NC4ND0 N4 4R314. 3L45 7R484LH4V4M MU170 C0N57RU1ND0 UM C4573L0 D3 4R314, C0M 70RR35, P4554R3L45 3 P4554G3NS 1N73RN45. QU4ND0 3575V4M QU453 4C484ND0, V310 UM4 0ND4 3 D357RU1U 7UD0, R3DU21ND0 0 C4573L0 4 UM M0N73 D3 4R314 3 35PUM4. 4CH31 QU3, D3P015 D3 74N70 35F0RÇ0 3 CU1D4D0, 45 CR14NC45 C41R14M N0 CH0R0... C0RR3R4M P3L4 PR414, FUG1ND0 D4 4GU4, R1ND0 D3 M405 D4D45 3 C0M3C4R4M 4 C0N57RU1R 0U7R0 C4573L0. C0MPR33ND1 QU3 H4V14 4PR3ND1D0 UM4 GR4ND3 L1C40: G4574M05 MU170 73MP0 D4 N0554 V1D4 C0N57RU1ND0 4LGUM4 C0154 3 M415 C3D0 0U M415 74RD3, UM4 0ND4 P0D3R4 V1R 3 D357RU1R 7UD0 0 QU3 L3V4M05 74N70 73MP0 P4R4 C0N57RU1R. M45 QU4ND0 1550 4C0N73C3R 50M3N73 4QU3L3 QU3 73M 45 M405 D3 4LGU3M P4R4 53GUR4R, 53R4 C4P42 D3 50RR1R! S0 0 QU3 P3RM4N3C3 3 4 4M124D3 0 4MOR 3 C4R1NHO, 0 R3ST0 3 F31T0 4R314.

**Fig. 2 - Texto codificado.**

**Fonte: Revista Língua Portuguesa (2007, p. 8).**

Se você conseguir ler as primeiras palavras, imediatamente você decifrará todo o texto. Interessante, não é? O fato é que nosso cérebro cria associações que permitem o restabelecimento do código (no caso, a língua portuguesa) que nós dominamos e nos leva a ler o texto com facilidade.

Assim, da mesma forma, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e última letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma bagunça total, que você ainda pode ler sem problema. Isso é porque nós não lemos cada letra isolada, mas a palavra como um todo.

## ATIVIDADE 01

1. Elabore uma definição de leitura.

---



---



---



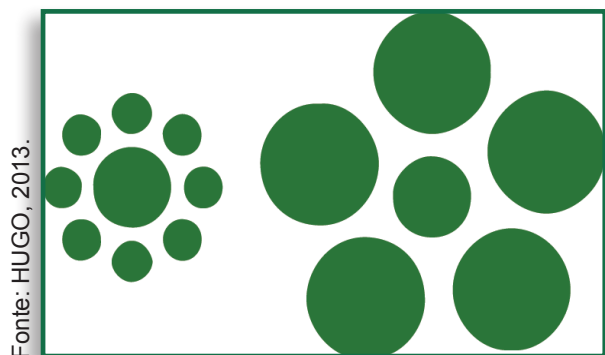
---



---



## AUTO-ENGANO



Fonte: HUGO, 2013.

Fig. 3

Observe as duas imagens expostas na figura ao lado. O círculo central parece maior em qual delas? Na verdade, ambos possuem o mesmo tamanho. Vemos um maior que o outro por causa dos círculos em torno. É uma ilusão de ótica. E uma ilusão de ótica nada mais é que um auto-engano, não é

mesmo? Enganamo-nos porque a nossa percepção visual é mais do que um simples reflexo do que percebemos. O cérebro não vê as coisas diretamente, ele as traduz em representações. Ou, de acordo com Morin (1994, p.26):

Os estímulos luminosos que vêm impressionar nossa retina são traduzidos, codificados em impulsos que, através dos nervos óticos, vão determinar os processos cerebrais bioquímicos-elétricos que determinam nossa representação. Mas essa representação é, por sua vez, coorganizada em função de estruturas e estratégias mentais que determinam a coerência e a inteligência da percepção.

É por isso que temos muita dificuldade em identificar um erro de imprensa, pois adotamos sempre uma visão global a partir de elementos privilegiados que



nos permitem economizar a leitura de todos os elementos. O nosso cérebro tende a restabelecer automaticamente a “constância” dos objetos de acordo com o modelo que ele conhece. Assim, o nosso cérebro reproduz um modelo do real a partir daquilo que estamos percebendo (vendo/lendo).

Morin (1994) chama a isso de um componente “alucinatório” da percepção que é determinado não por um fator irracional, mas por um princípio de racionalidade nosso. Ou seja, somos enganados por nossas próprias percepções lógicas e racionais. Assim, devemos sempre desconfiar de nossa percepção, não só do que nos parece absurdo, mas do que parece evidente, aliás, principalmente do que parece evidente, porque isso é, justamente, aquilo que mais facilmente nos engana.

Essa nossa aula tem a função, portanto, de levar você a pensar o quanto é importante a sua participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. É preciso que você esteja constantemente refletindo sobre o que lê e sobre o que vê. A reflexão e o questionamento contribuem para uma percepção mais apurada do mundo e, dessa forma, para uma melhor compreensão dos conteúdos que você precisa desenvolver ao longo do seu curso.

O **texto** pode ser concebido como o resultado da atividade comunicativa humana, que se realiza por intermédio de processos, operações e estratégias mentais que são postos em ação em situações concretas de interação social. É, portanto, uma atividade consciente, criativa e interacional, bem como uma prática social.

O texto é uma atividade consciente e criativa que compreende o desenvolvimento de estratégias de escolha de meios adequados à realização dos objetivos do enunciador.

É também uma atividade interacional, pois se orienta a parceiros da comunicação (enunciador e co-enunciador), que se encontram, de maneiras diversas, envolvidos no processo de produção textual.

E é, por fim, uma prática social inserida nos mais variados contextos da atividade humana, expressa por meio da linguagem verbal e/ou não-verbal, a serviço de fins sociais.

Ao lermos, vamos construindo significados e fazendo associações entre aquele texto que lemos e outros conhecimentos que trazemos de nossa formação.

A associação é um conceito que diz respeito a nosso modo de ler e escrever: as referências, notas de rodapé, índice, por exemplo, são marcas que remetem a outros textos e indicam que o leitor não precisa fazer uma leitura linear, podendo seguir o itinerário que mais lhe convier. Você já fez anotações à margem de algum texto que estivesse lendo? Ou mesmo sublinhou passagens que você considera importantes?

Esse leque de possibilidades de associação, que já era bastante amplo antes mesmo das novas tecnologias da comunicação e informação, foi incrementado no meio eletrônico e na *Internet*, criando o que hoje se conhece por **hipertexto**. Esse conceito nós já discutimos na aula anterior, lembra?

## A leitura na história

Já discutimos na seção anterior o fato do ser humano sempre haver representado o mundo, ou seja, sempre haver criado representações daquilo que via ou experienciava, e também observamos que essa prática foi se constituindo mais complexa na medida em que ele evoluiu.



Fonte: NASCIMENTO, 2013.

Fig. 4

Da mesma forma, ao longo da sua existência, o homem foi criando meios cada vez mais complexos de comunicação. Há alguns milhares de anos estávamos soltando grunhidos e desenhando nas paredes das cavernas algumas imagens que retratavam nossas experiências diárias. Queríamos nos comunicar, explorar nossas experiências, recriar o mundo em que vivíamos. Pouco a pouco fomos aprendendo a dar significado a nossos grunhidos e eles passaram a representar idéias. Elaboramos a linguagem em sua manifestação primitiva, oral. Aos poucos, também, fomos elaborando e estilizando os nossos desenhos iniciais e construímos a escrita.

A escrita e a leitura, hoje, são frutos de um ser humano mais evoluído, fruto de uma sociedade mais complexa. Justamente por isso, ao ler, não podemos nos fixar apenas no conteúdo do que lemos. Há toda uma série de elementos não textuais que nos ajudam a compreender melhor ou mais profundamente aquilo que lemos.

Se virmos/lermos o quadro exposto na Figura 5, por exemplo, a que fatores textuais deveremos estar atentos?

No caso de um quadro, que é um texto das artes plásticas, devemos perceber as cores e as formas, não é mesmo? Nesse quadro, temos um céu alaranjado que nos lembra o crepúsculo ou o início da noite. Uma forma curva em azul e preto sugere um rio ou um braço de mar, e o local onde percebemos a silhueta humana parece uma ponte. Os seres humanos que cruzam a ponte são três: há uma figura em destaque e duas, em plano mais afastado. Na figura em destaque, o que podemos perceber? Uma evidente expressão de espanto, boca aberta e mãos espalmadas sobre as orelhas: a figura emite um grito. Bem, essas são as formas, curvas, imprecisas, lúgubres. As pinceladas disformes e a mistura de cores dão ênfase à atmosfera sombria do quadro. Esses são alguns elementos próprios da linguagem desse quadro, quem compõem o seu texto, sua tessitura, não é? Mas a que outros fatores poderíamos estar atentos, que nos permitiriam uma compreensão mais ampla sobre esse quadro? Vamos pesquisar?

Bem, sabemos que o quadro se intitula *O grito*. Aliás, a imagem representada já nos deixa bem evidente o porquê desse título. Mas, por que o ser humano é tão estilizado, sua forma é tão imprecisa? Esse é um item que poderíamos investigar. Além disso, quem é esse pintor, Edvard Munch? Em que período histórico ele viveu? Será que o contexto de criação do quadro poderia nos ajudar a compreendê-lo melhor? Essas são outras questões a investigar.

Se digitarmos no Google, por exemplo, o nome Edvard Munch, pesquisando só as páginas em português, vamos encontrar várias indicações



Fonte: [http://grenal.files.wordpress.com/2008/03/ei\\_grito.jpg](http://grenal.files.wordpress.com/2008/03/ei_grito.jpg)

**Fig. 5 - O grito. Edvard Munch.**

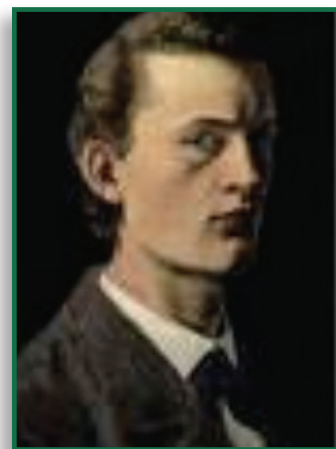


Foto: [http://tbn0.google.com/images?q=tbn:ZelMBPwv9F5t5uM:http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/images/1240\\_munch/3124913\\_m1300.jpg](http://tbn0.google.com/images?q=tbn:ZelMBPwv9F5t5uM:http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/images/1240_munch/3124913_m1300.jpg)

**Fig. 6 - Edvard Munch.**

de sites sobre o pintor e descobrir, em Edvard (2008), que ele nasceu em Løten, na Noruega, em 12 de dezembro de 1863, e estudou arte em Oslo. Começou a pintar em 1880, primeiramente retratos e, depois, uma série de quadros naturalistas que testemunham sua rejeição ao impressionismo da época. Munch ganhou uma bolsa de estudos em 1889. Morou na França, na Alemanha e na Itália, e somente após 18 anos regressou à terra natal. Em Paris, fez contato com os pós-impressionistas, especialmente Toulouse-Lautrec e Gauguin, de quem recebeu reconhecida influência. Interessado também no realismo social de Ibsen, Munch criou para o escritor os cenários e figurinos da peça *Peer Gynt*, montada em Paris em 1896. A atmosfera sombria, os nus e retratos espectrais de Munch inspiram-se em Ibsen, mas a partir de 1890 seu expressionismo adquiriu caráter simbolista, de teor quase histórico em “O vampiro”, “A angústia” ou “O grito”.

Ora, percebemos, então, que Munch é um pintor expressionista. Mas o que significa isso? Que tal visitarmos o [Wikipédia \(2008\)](#)<sup>1</sup>? Lá vamos descobrir que ser expressionista significa ser adepto de uma vanguarda de forte crítica social que surgiu entre o final do século XIX e o começo do XX. A época foi marcada por desamparo e medo da sociedade que passara, recentemente, pelo processo de unificação da Alemanha, mas que ainda era deveras atrasada industrialmente. Não só ocorriam mudanças políticas e econômicas, mas também intelectuais e culturais, o que gerava inúmeras incertezas. Foram tais incertezas que resultaram no medo, na angústia, na solidão, nos sentimentos mais sombrios que uma sociedade inteira poderia sentir e que foram expressos nos quadros dos pintores da época, tais como Van Gogh, Gauguin e Munch.

Veja quanta informação nós já possuímos! Todas elas sugeridas a partir da leitura de um único quadro. Todas essas informações nos ajudam a compreender bem melhor a pintura, não é?

---

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Expressionismo\\_alem%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Expressionismo_alem%C3%A3o)>. Acesso em: 13 ago. 2008.

## ATIVIDADE 02

1. Experimente visualizar novamente o quadro. O que você compreende sobre ele agora? O que você poderia dizer sobre ele? Sua percepção mudou?



### A leitura do texto e do co-texto

A leitura silenciosa é uma atividade individual, fruto de uma sociedade também individualista. Nem sempre a leitura foi uma atitude silenciosa, sabia? Mas isso é uma outra história... Voltando ao nosso assunto, como pudemos perceber antes, a leitura nos permite acessar uma quantidade infinita de conhecimentos. No entanto, nem sempre lemos com a atenção necessária para fixar aquele conteúdo. Algumas técnicas podem nos ajudar nesse sentido.

Em inglês, existem as expressões *scanning* e *skimming* que significam, no âmbito da leitura, uma leitura mais geral, que nos ajuda a identificar os tópicos mais importantes no material específico que estamos lendo e a compreensão de informações específicas daquele texto, respectivamente.

Assim, uma boa leitura inclui uma prática que vá além do texto, que apreenda o co-texto: ou seja, a seção de livro ou periódico em que o texto foi publicado, a função daquele texto, quem é o autor, a organização do texto na página (fato relevante, pois as figuras, as tabelas, os gráficos funcionam como elementos importantes na compreensão do texto), entre outras coisas.

Vamos ver algumas dicas que você pode aplicar à sua experiência de leitor?

- Antes de começar a ler um livro ou o capítulo de um livro, é interessante lê-lo “em diagonal”, ou seja, olhar rapidamente todo o texto. Isto dará uma idéia geral do assunto do livro ou capítulo e do investimento de tempo que será preciso para a leitura total.
- Durante a leitura, pare periodicamente e reveja mentalmente os pontos principais do que acaba de ser lido. Ao final, olhe novamente o texto “em diagonal” para uma rápida revisão.
- Procure, também, ajustar a velocidade de leitura para adaptá-la ao nível de dificuldade do texto a ser lido. Um texto muito difícil, com muitos termos técnicos, exige mais tempo de leitura e mais cuidados, também. Sublinhar palavras difíceis, ir ao dicionário, etc.
- Ao encontrar dificuldades em partes importantes de um texto, volte a elas sistematicamente. Não perca tempo simplesmente relendo inúmeras vezes o mesmo trecho. Uma boa estratégia costuma ser uma mudança de tópico de estudo e um posterior retorno aos trechos mais difíceis.
- Tomar notas do essencial do que está lendo também pode ser uma boa idéia. Tomar notas não significa copiar simplesmente o texto que está sendo lido. Geralmente não se tem muito tempo de reler novamente os textos originais, e, portanto, tomar notas utilizando suas próprias palavras é extremamente importante. Principalmente, porque, sintetizar o conteúdo lido implica em tê-lo compreendido.
- Alguns textos e livros que você precisa ler na sua profissão ou na vida acadêmica não estarão em Português. É importante ter uma técnica para ler textos em línguas das quais não se tem completo domínio. Em princípio, não tente traduzir todas as palavras desconhecidas. Tente abstrair a idéia geral a partir do entendimento de algumas palavras-chave. Identificar números, datas, títulos, palavras em destaque e termos cognatos ajuda a compreender o texto. Textos técnicos, em geral, apresentam uma grande quantidade de termos de origem latina.

As técnicas anteriores são sugestões de caráter geral, mas é bem provável que, dependendo do estudante, algumas delas sejam mais eficazes que outras. Cada pessoa deve criar sua própria técnica de estudo. É muito importante que você pense sobre isso e reconsidere técnicas que não estão sendo adequadas. Uma técnica eficiente de estudo, desenvolvida ao longo do tempo de estudante, irá ser extremamente proveitosa durante toda a sua vida profissional.

Vamos observar, agora, alguns tipos de análise que podem ajudá-lo a compreender melhor as diferentes etapas e os diferentes níveis de profundidade da leitura de um texto.

### ATIVIDADE 03

Escolha um texto, de uma das outras disciplinas que você está estudando e tente aplicar as dicas que apresentamos até agora. Depois, reflita: será que sua leitura está mais atenta e produtiva?



### Análises do texto

Sempre que você se depara com um texto qualquer, certamente faz aquela primeira leitura de sondagem, não é verdade? Uma leitura que observa tamanho da fonte, a organização do texto na página em branco (se impresso), o tamanho do texto, os principais conteúdos de que ele trata. Se seu interesse for estudar o texto, você precisa, no entanto, debruçar-se sobre ele e compreendê-lo com mais detalhamento, não é mesmo?

Vamos discutir, portanto, alguns tipos de análise de texto que nos permitem aprofundar nossa leitura e compreensão dos mais diversos textos, dependendo do nosso interesse em cada um deles.

## Análise textual

A primeira leitura que fazemos, mais rápida, apenas para identificar aspectos do texto, denomina-se **análise textual**. É uma leitura superficial, que não tem como preocupação, ainda, captar a compreensão de todo o texto. Ela busca antecipar e resolver problemas que possam interferir na compreensão preliminar do texto – principalmente problemas relacionados ao idioma. Daí três preocupações são inerentes a essa análise: com o autor, com o vocabulário e com o que foi citado.

Com relação ao autor do texto, você deve conhecer suas idéias (políticas, religiosas, culturais, principalmente aquelas que auxiliem na compreensão daquele texto em particular), o que pode facilitar a compreensão de seu posicionamento em relação a determinado conteúdo. Muitas vezes os textos impressos ou na Internet apresentam uma breve apresentação do autor.

Com relação ao vocabulário do texto, se ele apresenta alguma dificuldade, um bom dicionário é muito útil, mas, às vezes, nem é necessário, a palavra pode ser compreendida pelo próprio contexto. Essa pesquisa de vocabulário, além de facilitar a nossa compreensão textual, ajuda a ampliar o nosso repertório. A deficiência vocabular dificulta a leitura e, conseqüentemente, impede que você compreenda as ideias do autor.

Ainda há alguns detalhes importantes, como a referência a datas, o uso de palavras estrangeiras, termos em destaque e citações. Todos esses são elementos que podem auxiliar na compreensão do texto, pois trazem informações relevantes ou representam aspectos que o autor quis destacar.

Quanto às citações, é interessante procurar perceber não só seu conteúdo, mas se elas são relevantes, de quem são elas, ou seja, quem é seu autor e que relação o autor estabelece entre as idéias citadas e as suas próprias.

Discorrendo sobre ela dessa forma, parece que a análise textual é algo muito maçante e cansativo, mas, na verdade, algumas dessas ações de que falamos aqui são feitas automaticamente pelo nosso cérebro e vão ficando mais rápidas e eficientes na medida em que nos tornamos melhores leitores.



## Análise temática

A **análise temática** representa um passo a mais na compreensão textual. É quando você precisa analisar a postura do autor, interpretar mais detalhadamente o que ele disse no texto em análise. Percebendo não só suas idéias gerais, mas como ele argumenta em favor de sua tese, por exemplo, se for um texto argumentativo. Ou observar qual o aspecto que ele prioriza na descrição de uma personagem, se for um texto descritivo ou narrativo.

Nessa análise, ainda não há espaço para críticas, elas só serão feitas em outro momento. Nesta etapa, você deve considerar os seguintes aspectos: o tema do texto, o problema abordado, a tese defendida e a argumentação do autor.

Em relação ao tema do texto, você deve-se perguntar: “De que tema trata o texto?”. Em seguida, deve formular um juízo que represente o tema abordado pelo autor. Quanto ao problema, você deve-se perguntar: “O que motivou o autor a escrever o texto? Que problema o autor procura solucionar?”

Se você estiver lendo um texto argumentativo, pense sobre a tese defendida. Considere que o autor não produz seu texto apenas para apresentar um problema; ele objetiva solucioná-lo. Então, você deve se perguntar: “De que forma o autor resolve o problema apresentado? O que ele propõe para solucionar as dificuldades suscitadas? Qual é a tese apresentada?”

Ao observar a argumentação construída, procure identificar o raciocínio do autor, o encadeamento lógico de argumentos de que ele se vale para sustentar sua tese. Então, você deve se perguntar: “Qual é o raciocínio empregado pelo autor? Por meio de quais argumentos o autor sustenta sua tese?”. Identifique todos os argumentos que o autor utiliza, seguindo a mesma seqüência lógica em que aparecem no texto.

## Análise interpretativa

É nessa etapa, afinal, que você vai refletir criticamente sobre as idéias do autor, elaborando sua posição em relação às questões discutidas no texto.

Em primeiro lugar, é interessante conhecer o pensamento do autor, tanto

em relação a sua própria obra, se ela for conhecida pelo leitor, como em relação à cultura filosófica em geral, ou seja, é bom tentar estabelecer um certo nível de intertextualidade que varia de acordo com o seu grau de informação acerca do conteúdo do texto, das outras obras do autor, de obras de outros autores que abordem o mesmo conteúdo.

Em seguida, inicie a interpretação do texto, averiguando se o autor respondeu aos questionamentos (problemas) do texto. Nessa etapa, você pode investigar se existe conexão lógica entre as idéias do autor.

Por fim, você deve fazer sua crítica às idéias do texto, averiguando se o autor solucionou o problema satisfatoriamente. Mesmo assim, você pode discordar das ideias apresentadas. O importante é que você, concordando ou discordando, apresente sua tese (opinião ou ponto de vista) fundamentada em seu raciocínio lógico, em argumentos sólidos calcados na realidade, nos conhecimentos científicos, filosóficos ou matemáticos.

A análise interpretativa é uma leitura bem mais profunda do texto do que as anteriores. Em geral, ela é utilizada, principalmente, quando necessitamos conhecer mais profundamente um determinado conteúdo e/ou quando precisamos elaborar um texto nosso acerca de um determinado conteúdo.

## LEITURAS COMPLEMENTARES



MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Que tal conhecer um pouco mais sobre as diferentes formas de ler que o homem desenvolveu ao longo da história? Uma boa sugestão de leitura sobre isso é o livro *Uma história da leitura*, sua leitura é leve, e o livro traz uma bela reflexão sobre a leitura e sobre os livros. Com certeza, essa não é uma leitura técnica ou profissional, mas pode fazer você perceber aspectos sobre livros e leitura que você talvez não tivesse percebido ainda.



## RESUMINDO

Nesta aula, você observou como a leitura modifica-se ao longo da história, além de aprender algumas técnicas de análise que nos permitem aprofundar o nosso conhecimento do texto a partir não só dos seus elementos intrínsecos, mas do contexto, tais como dados sobre sua autoria, sobre o momento e a sociedade em que o texto foi produzido. Esses elementos, adicionados à nossa própria capacidade de relacionar os diferentes textos, elaborando uma síntese crítica de seu conteúdo, ajuda-nos a compreender o que lemos e a produzir novos textos a partir dos que já conhecemos.



## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

**1-** Leia o texto a seguir e responda às perguntas de 1 a 10. Tente aplicar, ao responder a essas perguntas, os conteúdos que você aprendeu na aula.

### Texto 1

#### O Risco da Exposição ao Sol na Construção Civil

(Traduzido livremente por Ricardo Mattos\*)

#### Radiação Ultravioleta

Riscos à saúde fazem com que a proteção solar seja essencial no trabalho desenvolvido a céu aberto, como é o caso da construção civil. A radiação ultravioleta (UV) está nos atingindo diariamente, proveniente do sol. Embora os raios sejam invisíveis, o seu efeito na pele pode ser visto e sentido quando uma exposição prolongada resulta em queimaduras dolorosas. Com a depreciação da camada de

ozônio na atmosfera da Terra, cresceram os riscos da exposição à radiação ultravioleta. Isso causou o crescimento da preocupação sobre o assunto em todo o mundo.

A radiação ultravioleta ocupa a faixa entre a luz visível e o raio-X, no espectro eletromagnético. Os raios UV têm comprimento de onda mais curto do que a luz visível. Comprimentos de onda são medidos em nanômetros (nm), que representam um bilionésimo do metro (  $1\text{ nm} = 1 \times 10^{-9}\text{ m}$  ).

A radiação ultravioleta pode ser dividida em três categorias, de acordo com os comprimentos de onda, conforme mostrado a seguir:

UV-A 320 – 400 nm

UV-B 290 – 320 nm

UV-C 100 – 290 nm

Os raios UV-C do sol, entretanto, não representam uma preocupação porque os comprimentos de onda mais curtos que 290 nm são filtrados pela camada de ozônio, na atmosfera, e não alcançam a superfície da terra.

A superexposição à radiação UV leva à dolorosa vermelhidão da pele – a queimadura. A pele pode ficar bronzeada, ao produzir melanina para se proteger. Embora essa pigmentação escura bloqueie parcialmente os raios, a proteção está longe de ser completa e danos à pele ainda acontecem. Como se vê, o bronzeado que há tanto tempo vinha sendo associado com saúde e boa aparência é, na verdade, um sinal de uma pele danificada.

Cada exposição aos raios ultravioletas é armazenada em nossa pele. O bronzeado pode desaparecer no inverno, mas o dano causado pela exposição à UV é cumulativo. A exposição crônica ou prolongada à radiação ultravioleta tem sido relacionada com diversos efeitos à saúde, incluindo o câncer de pele, envelhecimento prematuro da pele e problemas nos olhos.

Queimaduras solares com bolhas, sofridas durante a infância e adolescência são consideradas como origem para um melanoma, a mais perigosa forma de um câncer de pele. Melanomas podem gerar metástases para outras partes do corpo e levar

à morte. Para pessoas com três ou mais queimaduras com bolhas antes dos vinte anos, o risco de desenvolverem melanoma é quatro a cinco vezes maior do que para aqueles que não tiveram esse tipo de ocorrência.

Pessoas que trabalham a céu aberto, por três ou mais anos, ainda como adolescentes, têm três vezes maior risco do que a média de desenvolverem um melanoma. Hereditariedade também pode ser um fator com 10% dos casos de melanoma ocorrendo em família.

Além disso, pessoas com a pele clara, loiras ou ruivas ou ainda com marcas, sardas ou sinais nos braços, rosto ou nas costas são mais propícias a adquirir melanoma.

### **UV-A e UV-B**

A exposição à luz solar geralmente resulta na exposição tanto à UV-A quanto à UV-B.

Exposição à UV-B causa queimaduras, produção de melanina, desgaste da camada mais externa da pele e danos aos tecidos que compõem a pele. A exposição à UV-B também é carcinogênica. Na verdade, ela é a primeira causa de cânceres de pele que não sejam melanomas.

A radiação UV-A penetra mais profundamente do que a UV-B, danificando as estruturas internas da pele e acelerando o seu processo de envelhecimento.

O câncer de pele pode resultar da radiação ultravioleta, vinte ou trinta anos após a exposição.

### **Danos aos olhos**

A radiação UV pode danificar os olhos assim como a pele. Um estudo recente foi feito com pescadores que permaneciam muito tempo na água e estavam expostos não somente à luz direta, mas também à luz refletida do sol. Os pescadores que não protegiam seus olhos do sol tiveram mais de três vezes a incidência da forma mais comum de catarata do que aqueles que protegiam seus olhos regularmente.

### **Proteção**

Para se proteger dos raios ultravioletas, use filtro solar, utilize óculos escuros com proteção UV e procure não se expor ao sol no final da manhã e no início da tarde,

quando os raios são mais intensos.

Qualquer pessoa que fique muito tempo exposta ao sol deve usar filtro solar. Usado corretamente, o filtro solar irá reduzir a intensidade do dano à pele, pelo bloqueio dos raios UV. Os filtros solares devem ter no rótulo a indicação do fator de proteção solar (FPS).

Esse fator – FPS – estima a quantidade de proteção oferecida contra a radiação UV-B. Quanto maior o número do FPS, maior será a proteção à UV-B. Utilizar um filtro solar com FPS 15 permite a você ficar ao sol 15 vezes mais tempo do que você ficaria sem o filtro e sofrer o mesmo nível de exposição.

Filtros de largo espectro devem ser utilizados e devem ter um FPS maior ou igual a 15. Coloque o filtro solar 15 a 30 minutos antes da exposição e reaplique generosamente a cada duas ou quatro horas.

**\*Ricardo Pereira de Mattos** é engenheiro eletricitista e engenheiro de segurança. É professor convidado dos cursos de pós graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho da UFRJ e da UFF, ex-conselheiro do CREA-RJ, e sócio efetivo da SOBES – Sociedade Brasileira de Engenharia de Segurança. Este artigo foi publicado na Revista "Construction Safety", volume 6, nº 2, na edição de verão, em 1995. Essa revista é editada pela Associação para a Segurança da Construção de Ontário ( Canadá ) – CSAO Construction Safety Association of Ontario.

1. O texto é de autoria de Ricardo Mattos?
2. Quem é Ricardo Mattos?
3. Em quantas partes o texto se divide?
4. O que o texto explica sobre radiação ultravioleta?
5. Quais os problemas advindos da superexposição aos raios UVA e UVB?
6. O que é FPS?
7. Qual é o tema do texto?
8. Que relação o autor estabelece entre a radiação solar e o trabalho na construção civil?

9. Que soluções o autor sugere para os trabalhadores da construção civil como prevenção à radiação solar?

10. Você considera relevante esse tipo de preocupação para quem trabalha na construção civil?

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

QUINTANA, M. Leitura. In: \_\_\_\_\_. **Do Caderno H**. Disponível em: [http://www.releituras.com/mquintana\\_cadernoh.asp](http://www.releituras.com/mquintana_cadernoh.asp) Acesso: 07/08/2012.

KOCH, I. V. ; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

EDVARD M. (1863-1944). Disponível em: <<http://www.pitoresco.com/universal/munch/munch.htm>>. Acesso em: 4 jul. 2008.

FARACO, C. A. **Lições de texto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez: 2001.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Lisboa: Europa-América, 1994.

O RISCO da exposição ao sol na construção civil. Tradução de Ricardo Mattos. Disponível em: <<http://www.ricardomattos.com/uvray.htm>>. Acesso em: 4 jul. 2008.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, São Paulo: Segmento, ano 2, n. 23, p. 8, set. 2007.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 05** - [http://grenal.files.wordpress.com/2008/03/el\\_grito.jpg](http://grenal.files.wordpress.com/2008/03/el_grito.jpg)

**Figura 06** - [http://tbn0.google.com/images?q=tbn:ZeMBPwv9F5t5uM:http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/images/1240\\_munch/3124913\\_m1300.jpg](http://tbn0.google.com/images?q=tbn:ZeMBPwv9F5t5uM:http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/images/1240_munch/3124913_m1300.jpg)





# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
LINGUA PORTUGUESA

**AULA 03**  
VARIÇÃO LINGUÍSTICA

**AUTORA**  
ILANE FERREIRA CAVALCANTE



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

Nesta aula você vai conhecer um pouco acerca dos fatores de variação que determinam mudanças no uso de um idioma tanto em seu registro oral quanto em seu registro escrito. Nós já estudamos sobre leitura e comunicação e sobre as linguagens humanas nas aulas anteriores. Vamos continuar nossos estudos, sempre a partir dos textos constantemente utilizados em nossos processos de comunicação.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Entender que a língua portuguesa é diversa e mutável.
- Compreender o conceito de variação lingüística.
- Conhecer os diferentes níveis e tipos de variação lingüística.

## 1. Para começo de conversa

Leia a tirinha a seguir, e pense: o que nos faz rir ao lê-la? O riso tem algo a ver com a forma de o personagem falar? E que forma é essa? Será que rimos dele, às vezes, por preconceito?



Fonte: FEITOZA, 2013.

Fig. 1 - Tirinha

## 2. Variação linguística

<http://online.jornaldamadeira.pt/artigos/fmiprevisões-economia-mundial-cresce-29-este-ano-e-36-em-2014>



Fig. 2

Nós já discutimos, em aula anterior, sobre a língua, ou seja, a linguagem verbal oral e escrita utilizada por um grupo de indivíduos que constituem uma comunidade.

Nós, brasileiros, falamos a língua portuguesa, cuja herança maior se deu através da colonização portuguesa em nosso país. Mas você considera a língua portuguesa homogênea?

Você sabe que as linguagens humanas evoluem ao longo da história, portanto, a língua é uma construção humana e histórica. Como tal, ela é organizada pelo ser humano, mas ela também organiza a identidade dos seus usuários, pois é através da língua que adquirimos cultura, apreendemos valores, reconhecemos a nós mesmos e àqueles que nos rodeiam. Assim, é a língua que dá unidade e cultura a uma nação. Ou melhor, a língua é o elo que dá unidade, inclusive, a um grupo de nações. Podemos falar em uma literatura inglesa, não podemos? Mas ela não existe apenas em um país, ela é elaborada em todos os países falantes de língua inglesa. No entanto, cada um desses países apresenta aspectos próprios quanto ao uso daquele idioma.

Voltemos para a nossa língua portuguesa, nós falamos o mesmo idioma que os portugueses de Portugal, não é mesmo? No entanto, quanta diferença! Eles têm um sotaque próprio, um vocabulário próprio e uma sintaxe própria. Essa diferença se dá por diversos fatores, principalmente porque uma língua viva é dinâmica e, por isso, está sujeita a variações.

Variações lingüísticas são diferenças que uma mesma língua apresenta quando é utilizada, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas. Assim, a língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

É por isso que, em uma mesma comunidade lingüística coexistem usos diferentes do idioma, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de tal ou tal variedade é a situação concreta de comunicação.

A possibilidade de variação da língua expressa a **variedade cultural** existente em qualquer grupo. O processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário.

## ATIVIDADE 01

1. Baseado no que você já estudou até aqui, elabore um conceito de variação lingüística.
2. Em sua opinião, o que ocasiona a variação lingüística entre os diferentes países que falam a mesma língua? E dentro de um mesmo país? Que fatores intervêm na construção de diferentes formas de falar um mesmo idioma?



## 2.1 Níveis de variação linguística

Todo idioma se organiza em vários níveis, que dizem respeito à forma de pronunciar (fonético-fonológico); de organizar os enunciados (sintaxe); de escolher as palavras (lexical ou vocabular); de dar sentido aos vocábulos (semântico) ou mesmo de como a palavra é escrita ou utilizada (morfológico). Vejamos alguns exemplos dessa variação.

a) **Nível fonético-fonológico** – quando há uma diversificação nas maneiras de pronunciar palavras ou expressões.

**Exemplo 1:** Gaúchos e paulistas falam de forma diferente em relação aos nordestinos.

b) **Nível morfossintático** – quando se observa uma variação na forma das palavras ou em sua organização nos períodos, ou seja, na estrutura dos enunciados.

### **Exemplo 2**

Algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: “manteu” em vez de “manteve”, “ansio” em vez de “anseio”.

### **Exemplo 3**

Em algumas regiões do Brasil usa-se falar “você vai” em outras “tu vais” e ainda há a possibilidade de “tu vai”.

c) **Nível vocabular** – quando utiliza diferentes palavras para representar o mesmo objeto, fenômeno ou ser.

### **Exemplo 4**

Em Portugal diz-se “miúdo”, ao passo que no Brasil usa-se “moleque”, “garoto”, “menino”, “guri”.

### **Exemplo 5**

As gírias são exemplos típicos da variação linguística. “Aquele é meu brotinho.” ou “Aquele rapaz é um pão!”

d) **Nível semântico** – nesse caso há variação no sentido que as palavras adquirem ao longo do tempo, do espaço ou em diferentes grupos sociais.

### Exemplo 6

Em Portugal usa-se alcatrão com um sentido diferente do uso brasileiro. Aqui alcatrão é um dos componentes do cigarro, lá se refere ao asfalto.

## ATIVIDADE 02



1. Observe o fragmento textual abaixo:

[...] Pues, diz que o divã no consultório do analista de Bagé é forrado com um pelego. Ele recebe os pacientes de bombacha e pé no chão.

— Buenas. Vá entrando e se abanque, índio velho.

— O senhor quer que eu deite logo no divã?

— Bom, se o amigo quiser dançar uma marca, antes, esteja a gosto. Mas eu prefiro ver o vivente estendido e charlando que nem china da fronteira, pra não perder tempo nem dinheiro.

— Certo, certo. Eu...

— Aceita um mate?

— Um quê? Ah, não. Obrigado.

— Pos desembucha.

[...]

(VERÍSSIMO, 2008, extraído da Internet).

2. Identifique, nas palavras em destaque, o nível de variação mais determinante que elas apresentam, se vocabular, fonológica, semântica ou morfossintática.

Pues – Bombacha – Buenas – Marca – Charlando – China – Pos – .



## 2.2 Tipos de variação linguística

### a) Variação histórica



Fig.3

Fonte: [http://t2.gstatic.com/images?q=tbnANd9GcQN8WzL87YEjuiHv3FzeQBd6f\\_JU2Hlj53iwfgN0fDEPpPaaGh](http://t2.gstatic.com/images?q=tbnANd9GcQN8WzL87YEjuiHv3FzeQBd6f_JU2Hlj53iwfgN0fDEPpPaaGh)

É uma variação que ocorre ao longo da história da língua. O português falado hoje no Brasil não é o mesmo que se falava no início de sua colonização, no século XVI, nem o português falado hoje em Portugal é o mesmo que se falava logo quando a língua portuguesa nasceu. Observe um trecho de um poema medieval, que data do século XII:

#### Exemplo 7

No mundo nom me sei parelha,  
 mentre me for' como me vai,  
 ca ja moiro por vós – e ai!  
 mia senhor branca e vermelha,  
 queredes que vos retraia  
 quando vos eu vi em saia!  
 Mao dia me levantei,  
 que vos enton non vi fea!

Esse fragmento é de uma cantiga medieval chamada Cantiga da Ribeirinha, de Paio Soares de Taveirós, e é um dos primeiros registros literários escritos feitos em língua portuguesa. Mas como é diferente, não é mesmo? Para compreendê-la precisamos traduzir o significado de diversos termos e expressões. Vejamos:



Dentro de um mesmo período de tempo e de um mesmo país também pode haver mudanças na língua. Você acha que não? Pois pense: você pronuncia as palavras da mesma forma, por exemplo, que os paulistas, cariocas, gaúchos, pernambucanos, paraenses? Há diferenças não é mesmo? Leia o exemplo a seguir e observe como essa variação, que ocorre dentro de uma mesma nação, pode ser interessante:

**Exemplo 8:**

**ASSALTOS NO BRASIL**

**No Nordeste:** Ei, bichim... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfia a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu Padim Ciço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia!...

**Em Minas:** Ô sô, prestenção..Isso é um assarto, uai... Lavanta os braço e fica quetim quesse trem na minha mão tá cheio de bala... Mió passá logo os trocado que eu num tô bão hoje. Vou andando, uai! Tá esperando o quê, uai?!!

**No Rio Grande do Sul:** Ô guri, ficas atento... Bah, isso é um assalto... Levantas os braços e te aquietas, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê! Passa as paias pra cá e te manda, senão o quarenta e quatro fala!

(ZEVALLOS, 2008, extraído da Internet).

Obviamente, o Exemplo 8 traz um texto cômico, mas esse texto nos mostra como uma mesma atividade, no caso um assalto, pode adquirir vocábulos e expressões diversas dependendo da região em que se está situado.

**c) Variação social**

Diferentes grupos sociais, independentemente da região ou da faixa etária também têm uma forma de expressão própria. Sejam essas formas específicas de comunicação gírias ou jargões profissionais. A variação social, portanto, refere-se às formas da língua empregadas pelas diferentes classes ou grupos sociais. Observe o exemplo 9, a seguir. Que grupo social apresenta esse tipo de linguagem?

**Exemplo 9:**

Oi rapeize, brigadão pela moral que vcs tão me dando, pow tá muito bom quando ta batendo aquelas ondas na prainha. Ta show, valeu brigadão. Tanto backsidefloaterdroptubão...

A variação social se dá a partir de alguns aspectos específicos tais como:

- **Norma culta:** variedade de prestígio, que deve ser adquirida na vida escolar e cujo domínio é solicitado como forma de ascensão social e profissional.
- **Linguagem técnica:** usada no exercício de certas atividades profissionais.
- **Modos de falar masculino e feminino:** marcas na língua que expressam modos próprios da fala masculina ou feminina, como as marcas de gênero, o uso de adjetivos e diminutivos, etc.
- **Gíria:** formas de língua que certos grupos desenvolvem como um código, para a comunicação entre si e para evitar a compreensão por parte daqueles que não pertencem ao grupo.

**d) Variação situacional**

Agora imagine você mesmo. Sua forma de utilizar a língua varia às vezes? Você acha que não? Então, imagine-se conversando com uma criança de três anos, será que você fala com ela da mesma forma que conversa com uma pessoa da sua idade? Ou então, será que você usa o idioma da mesma forma ao conversar com os amigos em um bar e ao fazer uma entrevista de emprego? Acho que não, não é mesmo? De acordo com a situação, sua forma individual de utilizar a língua também varia. É a variação situacional, ou seja, a capacidade que tem um mesmo indivíduo de empregar as diferentes formas da língua em situações comunicativas diversas, procurando adequar a forma e o vocabulário em cada situação.

Esse uso da língua de acordo com a situação pode apresentar variações de aspectos, tais como:

- **Grau de Formalismo:** formalidade da linguagem de acordo com a situação de comunicação que se vive.

**Exemplo 10:**

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro.  
(Oswald de Andrade – Poesias Reunidas)

- **Modalidade:** diferenças presentes entre a escrita e a fala.

Na língua falada, há entre falante e ouvinte um intercâmbio direto, o que não ocorre com a língua escrita, na qual a comunicação se faz geralmente na ausência de um dos participantes. Com a proximidade, enunciador e co-enunciador (falante e ouvinte) acabam utilizando uma série de outros elementos significativos no processo de comunicação. Elementos que complementam o discurso verbal, tais como gestos, entonação, expressões faciais, entre outros.

- **Sintonia:** o ajustamento que o falante realiza na estruturação de seus textos, a partir de informações que tem sobre o seu interlocutor.

Nós usamos diferentes registros para nos comunicarmos (falando ou por escrito) com o namorado, o chefe, a mãe, uma pessoa idosa, etc. Cada situação funciona como um ajuste de sintonia que nos leva a escolher novo vocabulário, sintaxe mais elaborada, etc.

## ATIVIDADE 02

Pesquise em sua comunidade ou em jornais e revistas e anote exemplos de variação lingüística geográfica, social, situacional e histórica (geracional) em sua região.



### 2.3 Algumas considerações importantes sobre variação lingüística

Para finalizar, é bom refletirmos um pouco sobre alguns pré-conceitos sobre a língua e que acabamos por reproduzir e acreditar como verdadeiros. São alguns preconceitos lingüísticos sobre os quais precisamos discutir para esclarecermos o uso que fazemos de nosso idioma.

- **A língua escrita é mais elaborada que a falada.**

Essa não é uma afirmação verdadeira. Todas as variações estão presentes tanto na língua falada quanto na língua escrita. Podemos, inclusive, encontrar (e usar) as variações lingüísticas em diferentes contextos de produção escrita. Um bilhete para um amigo, apesar de escrito, não é formal ou elaborado, enquanto um discurso para uma comunidade escolar é oral, mas é um texto mais formal.

- **Precisamos falar a língua culta.**

Existe uma variedade de língua padrão, que é a variedade lingüística de maior prestígio social. Aprendemos a valorizar a variedade padrão porque socialmente ela representa o poder econômico e simbólico dos grupos sociais que a elegeram como padrão. Mas a norma culta não é falada, na verdade, por ninguém. Cada falante da língua apresenta variações que dizem respeito aos mais diversos fatores apresentados aqui nesta aula. O que precisamos, ao estudar o nosso idioma, é dotar-nos de instrumentos que nos habilitem a adequar o nosso uso do idioma às mais diversas situações, das mais informais às mais formais.

- **A língua é uniforme e homogênea**

Não há homogeneidade em uma língua. Ela é dinâmica e constantemente variável. É importante compreender as variações lingüísticas para melhor usar a língua em diferentes situações. Utilizar a língua como meio de expressão, informação e comunicação requer, também, o domínio dos diferentes contextos de aplicação da língua.

- **Dominar a língua culta significa ascender socialmente.**

Na verdade, o idioma pode ser um instrumento de dominação e discriminação social. Devemos, por isso, respeitar as linguagens utilizadas pelos diferentes grupos sociais.

Lemos o tempo todo e precisamos do ato de ler para tornar nosso dia-a-dia mais significativo. Mas, afinal, o que significa ler? Quando falamos em leitura, será que pensamos em algo prazeroso ou uma atividade mecânica, repetitiva? Qual o papel da leitura em nossa vida e de que forma aquilo que lemos torna-se mais fácil de ser compreendido? Vamos pensar sobre isso?



## LEITURAS COMPLEMENTARES

LÍNGUA: vidas em português. Direção de Victor Lopes. Rio de Janeiro: TV Zero/ Sambascope, 2004. Documentário.

Nesta aula, a indicação de leitura não é um livro, ou um sítio, mas um filme. O documentário Língua: vidas em português, de Victor Lopes é uma belíssima homenagem à nossa língua. O filme tem 105 minutos de duração, foi co-produzido por Brasil e Portugal e filmado em seis países (Brasil, Moçambique, Índia, Portugal, França e Japão). Além dos depoimentos de escritores como José Saramago (Portugal), Mia Couto (Moçambique) e João Ubaldo Ribeiro (Brasil), o filme oferece uma visão bastante abrangente da diversidade cultural e lingüística que a língua portuguesa ganha ao redor do globo. Vale a pena assistir.



## RESUMINDO

Nesta aula, estudamos os vários aspectos da variação lingüística. Observamos que toda língua é viva e dinâmica e, por isso, sujeita a variações. Essas variações podem se dar em diversos níveis, cada nível correspondendo a um aspecto de organização do idioma, sejam eles semânticos, fonético-fonológicos, lexicais, sintáticos ou morfológicos, a partir de fatores históricos, geográficos, sociais e situacionais. Nós também estudamos, aqui, que a língua apresenta diversos níveis de formalidade conforme a situação que se está vivenciando ou de acordo com a proximidade entre enunciador e co-enunciador. Todas essas apreciações nos propiciaram refletir sobre alguns conceitos pré formados que a maioria de nós aprende acerca da língua e que tendemos a reproduzir sem pensar muito sobre isso.





## AUTOAVALIAÇÃO

A seguir, apresentamos um texto do compositor baiano Tom Zé. Leia o texto e responda a uma série de questões, a partir do conteúdo estudado nesta aula:

### LÍNGUA BRASILEIRA

(Tom Zé)

Quando me sorris,  
Visigoda e celta,  
Dama culta e bela,  
Língua de Aviz...

Fado de punhais,  
Inês e desventuras,  
Lá onde costuras,  
Multidão de ais.

Mel e amargura,  
Fatias de medo,  
Vinho muito azedo,  
Tudo com fartura.

Cravos da paixão,  
Com dores me serves,  
Com riso me pedes  
Vida e coração,  
Vida e coração.

Babel das línguas em pleno cio,  
Seduz a África, cede ao gentio,  
Substantivos, verbos, alfaias de ouro,

Os seus olhares conquistam do mouro.

Mares-algarismos,  
Onde um seu piloto  
Rouba do ignoto  
Almas e abismos.

Verbo das correntes  
Com seu candeeiro  
Todo marinheiro  
Caça continentes.

E o gajeiro real,  
Ao cantar matinas,  
Acha três meninas  
Sob um laranjal.

Última das filhas,  
Ventre onde os mapas  
Bordam suas cartas  
Linhas Tordesilhas,  
Linhas Tordesilhas.

Em nossas terras continentais  
A cartomante abre o baralho,  
Abismada vê, entre o sim e o não,  
Nosso destino ou um samba-canção.

1. Por que, em sua opinião, o autor escolheu o título  
“Língua Brasileira”?

2. Que aspectos de variação lingüística você identifica no texto?

3. Em que momentos o autor faz referência aos diversos fatores culturais que influenciaram a especificidade do português usado no Brasil?

4. Que trechos da letra da canção abordam, especificamente, a colonização portuguesa?

5. Você identifica alguma referência a outros países falantes do português, além de Portugal e Brasil, dentro do texto?

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL: Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: MEC/SEMPTEC, 2002.

ZEVALLLOS, R. **Tipos de assaltos no Brasil**. Disponível em: <<http://ruben.zevallos.com.br/2006/8/26/Pagina1590.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2008.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VERÍSSIMO, L. F. **O analista de Bagé**. Disponível em: <[http://www.releituras.com/lfverissimo\\_analista.asp](http://www.releituras.com/lfverissimo_analista.asp)>. Acesso em: 31 jul. 2008.

ZÉ, T. Língua brasileira. In: ZÉ, Tom. **Imprensa cantada 2003**. Direção geral de Jair Oliveira. São Paulo: Trama, 2003.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - FEITOZA (2013)

**Figura 02** - <http://online.jornaldamadeira.pt/artigos/fmiprevisões-economia-mundial-cresce-29-este-ano-e-36-em-2014>

**Figura 03** - [http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQN8WzL87YEjuiHv3FzeQBd6f\\_JU2HI\\_j53iwfgN0fDEPpPaaGh](http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQN8WzL87YEjuiHv3FzeQBd6f_JU2HI_j53iwfgN0fDEPpPaaGh)

**Figura 04** - <http://1.bp.blogspot.com/-76vgMLGCrWg/UfFDGiReEXI/AAAAAAAAACK/S4yfAQirWHY/s1600/palavras.jpg>



# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

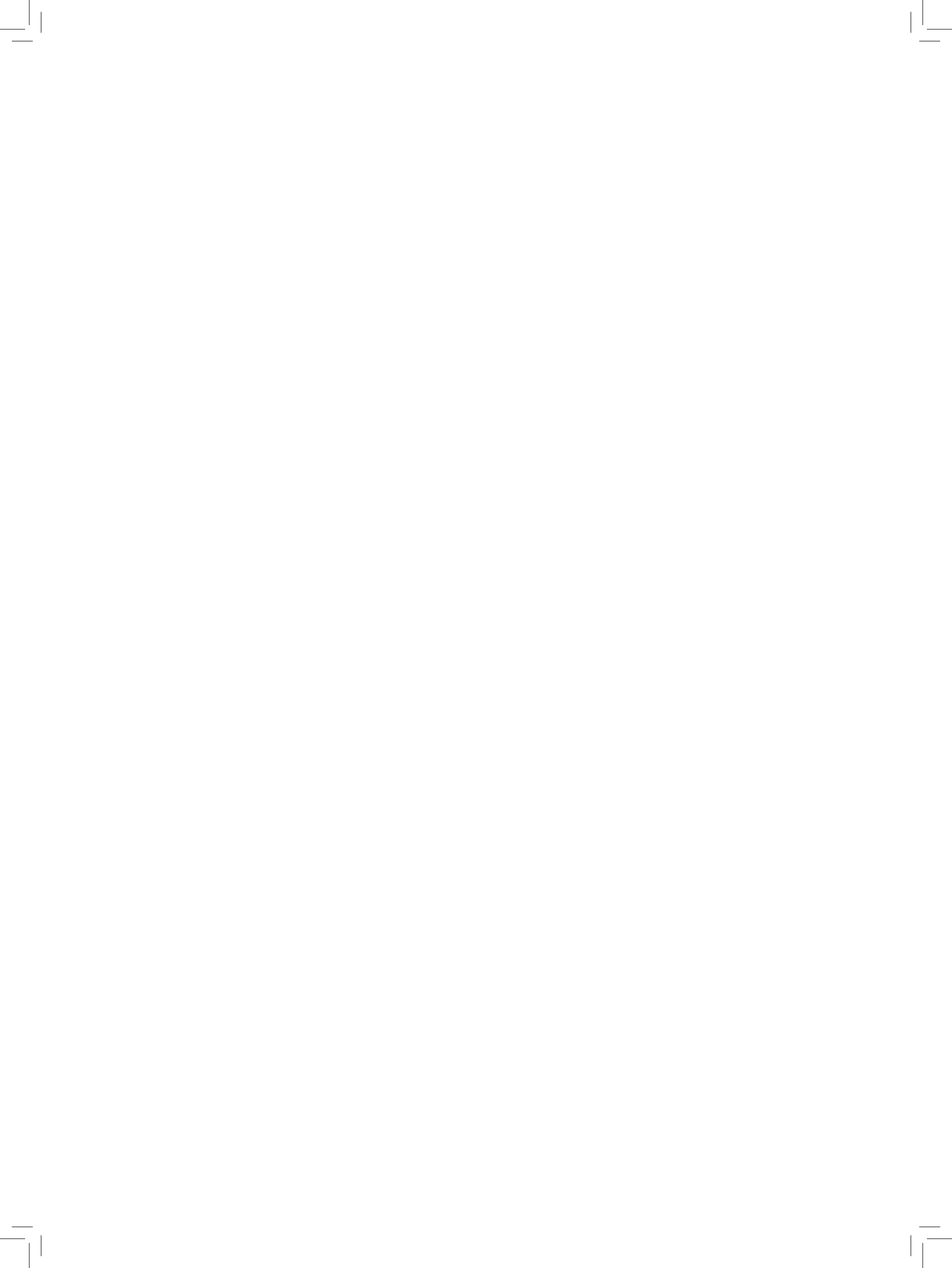
**DISCIPLINA**  
**LINGUA PORTUGUESA**

**AULA 04**  
**DA LEITURA PARA A ESCRITA**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

Nesta aula você vai trabalhar com algumas das diferentes formas que utilizamos para nos expressar através da escrita. Para isso, refletimos sobre alguns “mitos” que costumam ser divulgados sobre o ato de escrever e sua relação com a leitura. Você viu, em aulas anteriores, que existem diferentes formas de ler um texto que partem dos diferentes objetivos que temos. Nesta aula, você irá perceber que traçar objetivos também é muito importante ao escrevermos.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Compreender os aspectos que diferenciam as produções orais e escritas.
- Conhecer diferentes formas de organização das ideias na produção escrita.
- Elaborar objetivos e esquemas que facilitem o processo de produção escrita.



## PARA COMEÇO DE CONVERSA



Fonte: <http://fotoemagia.blogspot.com.br>

**Fig. 1**

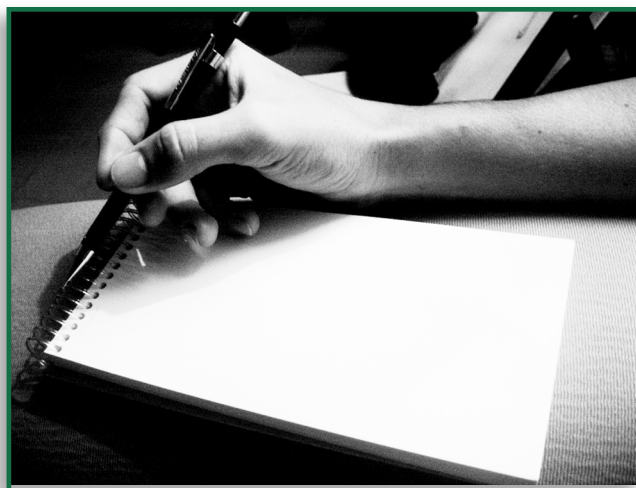
1. Catar feijão se limita com escrever:  
jogam-se os grãos na água do alguidar  
e as palavras na da folha de papel;  
e depois joga-se fora o que boiar.  
Certo, toda palavra boiará no papel,  
água congelada, por chumbo seu verbo:  
pois para catar feijão, soprar nele,  
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.
  
2. Ora, nesse catar feijão, entra um risco:  
o de entre os grãos pesados entre  
um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
um grão imastigável, de quebrar dente.  
Certo não, quanto ao catar palavras:  
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
obstrui a leitura fluviente, flutual,  
açula a atenção, isca-a com o risco.  
(Catar Feijão - João Cabral de Melo Neto)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> João Cabral de Melo Neto (1920 - 1999) foi um poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil.

O poema de João Cabral de Melo Neto associa o ato de escrever ao ato cotidiano de catar feijões. Isso pode nos parecer, à primeira vista, um tanto inusitado, porém, se lermos com cuidado o poema, vamos perceber o quanto o poeta pernambucano tem razão. Ao catar feijão, escolhemos cuidadosamente os melhores grãos, jogando fora grãos ocos e fragmentos de palha. Tradicionalmente, ao catar os grãos, jogamos na água e retiramos aqueles que boiarem, são os grãos ocos, desnecessários. Da mesma forma, ao escrever, devemos retirar do texto tudo o que sobrar, deixando-o preciso e objetivo.

O poeta aponta uma dessemelhança, entretanto, entre o escrever e o catar: no catar, jogamos fora as pedras, que podem quebrar um dente se forem cozidas junto aos grãos. No papel, a pedra é a ideia mais dura, aquela que chama a atenção do leitor, evitando que ele mergulhe numa leitura automática, que não instigue o raciocínio. Vamos discutir, ao longo de nossa aula, sobre a necessidade de pesarmos nossas palavras e pensarmos o nosso discurso?

## Escrever para quê?



Fonte: <http://io9.com/5722720/nasty-case-of-writers-block-creates-the-most-brilliant-scientific-paper-ever>

**Fig. 2 - Escrever.**

Parafraseando Faraco e Tezza (2003, p. 9), não é fácil enumerar todos os motivos que nos levam a escrever. Escrevemos para dar ordens (É PROIBIDO FUMAR); para avisar de alguma coisa, para reclamar, para receitar, para advertir, para pedir, para

tirar uma boa nota, para informar, para lembrar, para expressar o que sentimos, para contar uma história, enfim... para um sem-número de coisas. Mas todos esses motivos podem chegar a um denominador comum: escrevemos para suprir uma deficiência de nossa linguagem oral, ou seja, para alcançar algo ou alguém que nossa fala não consegue.

Na linguagem oral contamos com uma série de recursos que nos permitem agregar informação às palavras que desfilamos em discurso. Recursos tais como expressões faciais, gestos, entonação, comunicam por si mesmas e compõem junto aos enunciados os sentidos que pretendemos alcançar. Além disso, na linguagem oral o interlocutor tem sempre a possibilidade de interromper a fala do enunciador e pedir para explicar novamente algo que não ficou claro.

Na linguagem escrita essa possibilidade é rara, a não ser, evidentemente, através de bate-papos eletrônicos, em que os interlocutores estão conversando ao mesmo tempo, a maioria dos textos escritos a distância, no espaço e no tempo, separam os interlocutores.

Assim, a linguagem escrita precisa contar com recursos próprios, que permitam superar as dificuldades da distância. Por isso, é fundamental conseguir ordenar bem as ideias para poder expressar o pensamento da melhor forma possível e alcançar a comunicação.

Em geral, temos dificuldade em escrever, até porque essa não é mesmo uma atividade fácil como é a de falar, para nós, seres humanos. Alguns preceitos arraigados em nossa formação básica, ou em nossa cultura, também acabam por dificultar esse processo. Lucília Gacez (2004), em seu livro *Técnica de Redação*, comenta alguns mitos<sup>2</sup> que cercam o ato de escrever. Vamos retomar alguns desses mitos apontados pela autora e ver se você já ouviu ou acredita em alguns deles?

---

<sup>2</sup> Vale salientar que a palavra mito, aqui, está sendo usada com o sentido de falsa crença, ou seja, preceito arraigado e, em geral, equivocado, que é reproduzido socialmente e considerado como verdadeiro pela maioria das pessoas.

## Mito 1: Escrever é um dom



Fonte: <http://dissertatonguru.blogspot.com.br/2008/10/compare-and-contrast-essay-writing.html>

**Fig. 3 - Para escrever.**

Muitas pessoas afirmam que só consegue escrever bem quem tem uma habilidade inata, um dom para isso. Em geral, as pessoas sentem-se amedrontadas diante da página em branco e não conseguem superá-la e acabam por acreditar que o que as impede é essa falta de um “dom” específico.

Bem, lembre-se que não estamos discutindo aqui, a escrita literária. Mas a escrita técnica, acadêmica e científica, que tem características próprias e divergentes da escrita mais criativa. É óbvio que algumas pessoas têm o dom da escrita, assim como outras têm o dom da música e outras o dom da pintura, etc. Mas, mesmo essas pessoas que têm o dom, o que haveria com elas se nunca aprendessem a escrever? Provavelmente, o seu dom não iria se desenvolver tanto, não é mesmo?

O fato é que a escrita é uma construção social e, portanto, coletiva, que se desenvolveu ao longo da história da humanidade e se transformou consideravelmente ao longo do tempo. Se é coletiva e evoluiu, é claramente acessível a todos os seres humanos a partir do domínio de sua técnica.

A criança não nasce sabendo falar ou escrever. Ela aprende a falar primeiro, mas ao longo de seu crescimento também aprende a escrever. Como? Dominando a técnica de segurar o lápis, de digitar no computador, de

compreender as letras e as palavras e de seu uso nos enunciados. Assim, podemos afirmar, com tranquilidade, que escrever é dominar tecnicamente a língua.

Assim, em grande medida, o que determina a nossa maior ou menor familiaridade com a escrita, é o modo como aprendemos e desenvolvemos nossa linguagem, a importância que o texto escrito tem para nós e para a nossa sociedade e cultura e a frequência com que colocamos em prática a própria escrita.

Acerca do ato de escrever, vejamos o que diz Carlos Drummond de Andrade<sup>3</sup>, um dos poetas mais reconhecidos da literatura brasileira:

Lutar com palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto, lutamos  
mal rompe a manhã.  
São muitas, eu pouco.  
Algumas, tão fortes  
como o javali.  
Não me julgo louco.  
Se o fosse, teria  
poder de encantá-las.  
Mas lúcido e frio,  
apareço e tento  
apanhar algumas  
para meu sustento  
num dia de vida.  
Deixam-se enlaçar,  
tontas à carícia



Fig. 4 - Luta.

Fonte: <http://wearebothright.com/2011/06/>

<sup>3</sup> Carlos Drummond de Andrade (1902 -1987) foi um poeta, contista e cronista brasileiro. Se dividirmos o Modernismo numa corrente mais lírica e subjetiva e outra mais objetiva e concreta, Drummond faria parte da segunda, ao lado do próprio Mário de Andrade.

e súbito fogem  
e não há ameaça  
e nem há sevícia  
que as traga de novo  
ao centro da praça.

[...]

Lutar com palavras  
parece sem fruto.  
Não têm carne e sangue...  
Entretanto, luto.

[...]

(O lutador - Carlos Drummond de Andrade).

O poema “O lutador” é longo, aqui estão apenas alguns fragmentos, mas também é longa a luta do **eu lírico**<sup>4</sup> apresentada no texto, não é mesmo? Carlos Drummond de Andrade, o autor, é o que podemos considerar uma pessoa que tinha o dom para escrever, no entanto, a escrita também não era um processo fácil e simples para ele, ele também tinha que se debater com as palavras. Podemos apreender desse poema, portanto, que mesmo as pessoas que têm o dom da escrita precisam colocar em prática esse dom e desenvolver a técnica.

A técnica, em si, portanto, é acessível a todos. Ela só exige a prática. Quanto mais escrevemos, mais familiaridade temos com o processo.

<sup>4</sup> Eu lírico é o sujeito que, em um poema, expressa os seus sentimentos ou a sua visão de mundo.

## ATIVIDADE 01



Fonte: <http://chain.eu/?m3=20934>



**Fig. 5 - O poeta em sua mesa.**

1. Qual seria a diferença entre escrita literária e escrita técnica?
2. Leia os textos 1 e 2, a seguir e comente o que eles expressam sobre o processo de escrita.

### Texto 1

A noite inteira o poeta  
em sua mesa, tentando  
salvar da morte os monstros  
germinados em seu tinteiro.

Monstros, bichos, fantasmas  
de palavras, circulando  
urinando sobre o papel  
sujando-o com seu carvão.  
Carvão de lápis, carvão

da ideia fixa, carvão  
da emoção extinta, carvão  
consumido nos sonhos.

(A lição de poesia - João Cabral de Melo Neto).

## Texto 2

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la – como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope

(A descoberta do Mundo - Clarice Lispector)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Clarice Lispector (1920 -1977) foi uma escritora naturalizada brasileira, nascida na Ucrânia. De família judaica, recebeu o nome de Haia Lispector, terceira filha de Pinkouss e de Mania Lispector. Clarice Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, seja pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, seja pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, que críticos reputaram reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, se bem que ainda mais revolucionário.



## Mito 2: Algumas “dicas” resolvem o problema de quem não consegue escrever

Dicas podem ser muito úteis na hora de fazer uma prova de concurso ou um exame de seleção. Mas será que elas, de fato, resolvem as dificuldades de escrita? Muitos cursinhos oferecem receitas prontas com fórmulas preparadas para iniciar, desenvolver e concluir uma redação, mas esquecem que, para recheiar essas fórmulas é necessário conhecimento do tema a ser desenvolvido, conhecimento de mundo, conhecimento da língua (lembra das competências para a leitura e produção de textos que você estudou na disciplina Língua Portuguesa?).

Não acredite em fórmulas prontas. Sua redação só vai ser realmente boa se você conhecer aquilo sobre o que você fala. Escrever bem é resultado de um processo que envolve leitura, reflexão e ação. Só assim você se envolverá realmente com o seu texto e o produzirá com a coesão e a coerência necessárias. As “dicas” serão úteis se associadas à prática da escrita e da leitura. Isoladas, elas poderão até confundir você. No entanto, se você lê e escreve frequentemente, mesmo que só para exercitar-se, você poderá, inclusive, prescindir das dicas.

Se você é um bom leitor deve pensar que isso também resolve seu problema com a escrita. Não é bem assim. Ler é, com certeza, um grande auxílio no processo de escrita, pois facilita nosso acesso à informações, desenvolve nossa capacidade de análise e nossa reflexão crítica, mas não é certo que quem lê muito escreverá bem. Pois se a pessoa só lê e não escreve, terá também dificuldades em escrever.

Assim, ler e escrever são atividades distintas, embora interligadas. Quanto mais lemos, mais convivência temos com textos de naturezas diversificadas, o que nos auxiliará, evidentemente no processo de escrita, pois compreenderemos melhor como adaptar nosso discurso para cada situação específica de comunicação. Mas além de ler, precisamos escrever.

### Mito 3: Escrever não é tão necessário no mundo moderno



Fonte: ROCHA, 2013.

Fig. 6 - Mundo moderno.

A sociedade moderna está muito automatizada. Já não escrevemos mais cartas como antes, já não necessitamos de formulários de papel como antes. Esse fato pode nos levar a pensar, e muitas pessoas de fato pensam, que podemos prescindir da escrita. No entanto, paradoxalmente, quanto mais automatizado o mundo, quanto mais virtual, mais exigente em relação à leitura e à escrita.

Já não podemos mais contar apenas com uma caneta e um papel, precisamos conhecer os *softwares*<sup>6</sup> de editoração de texto, já não lidamos apenas com uma atendente de correio para enviar nossa correspondência, precisamos criar endereços virtuais, dominar uma linguagem específica, com arrobas e abreviações (.com.br) e palavras criadas para agilizar a conversa informal (blz, naum, aeow).

Os velhos formulários de papel hoje estão *online* e precisamos conhecer e fazer o *download*<sup>7</sup> dos programas que nos permite abri-los e preenchê-los para, posteriormente fazermos um *upload*<sup>8</sup> e enviá-los às instituições de origem.

6 Software, tecnicamente, é o nome dado ao conjunto de produtos desenvolvidos durante o processo de software, o que inclui não só o programa de computador propriamente dito, mas também manuais, especificações, planos de teste, etc.

7 Download significa descarregar, em português; é a transferência de dados de um computador remoto para um computador local, o inverso de upload (“carregar” em Portugal). Por vezes, é também chamado de puxar (ex: puxar o arquivo) ou baixar (e.g.: baixar o arquivo), e em Portugal de descarregar.

8 Upload é a transferência de dados de um computador local para um servidor.

Percebeu como o processo hoje, ao invés de mais simples está mais complexo? O mundo contemporâneo exige que dominemos mais linguagens e novos processos de escrita. Pois, na informática tudo é dominado pela escrita. Tudo o que somos, o que temos, o que realizamos, depende desses novos instrumentos. Ainda impera, em face da mutabilidade do tempo, a permanência da escrita.

Tudo o que escrevemos, no entanto, está inserido em uma situação social. Cada texto é regido por diversos fatores que se apresentam em cada situação específica. Assim, escrevemos, como falamos, adaptando nossa linguagem aos diferentes momentos que vamos vivendo. Uma carta familiar exige um nível menos formal da linguagem. Uma receita médica e um relatório exigem conhecimento técnico. Um artigo científico, além do conhecimento técnico, exige o jargão acadêmico.

A escrita é uma forma de organização do pensamento. É uma oportunidade para que o indivíduo demonstre o que sente, conheceu, descobriu, investigou e sabe sobre determinado assunto. Saber escrever é compartilhar práticas sociais de diversas naturezas. Para cada situação, objetivo, desejo, necessidade, há uma imensa variedade de textos de que dispomos e aos quais precisamos nos adaptar.

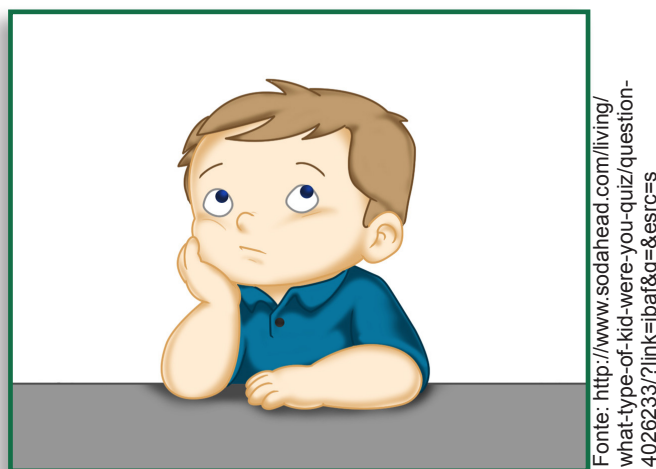
## ATIVIDADE 02

**1.** Reflita sobre suas crenças pessoais acerca do processo de escrita. Elabore um texto, em primeira pessoa, em tom de depoimento, relatando quando e como aprendeu a ler e escrever. Reveja todo o seu percurso. Comente suas principais dificuldades para ler e escrever.

**2.** Releia, pondo-se no lugar de um leitor, o texto que você produziu, ou então, peça a algum de seus colegas de disciplina que o leia. Questione-se ou peça ao colega que questione você: o texto está claro? Há alguma passagem difícil de compreender?



## Memória e pensamento



Fonte: <http://www.sodahead.com/living/what-type-of-kid-were-you-quiz/question-4026233/?link=ibat&q=&esrc=s>

**Fig. 7 - Memória e pensamento.**

Ao escrever lidamos com a nossa memória, ou seja, colocamos no papel, de forma lógica e ordenada, aquilo que lembramos sobre um determinado tema. Essa memória é construída a partir do que lemos, vivenciamos, conhecemos acerca daquele determinado tema que vamos desenvolver. Fazem parte da memória, por exemplo, os conhecimentos sobre a língua, os conhecimentos sobre os diversos gêneros textuais, os conhecimentos gerais e específicos sobre o tema a ser tratado. Assim, memória vazia, produz texto fraco, sem substância. Utilizamos a memória durante todo o processo de elaboração do texto e, quando ela não tem estoque suficiente para o assunto que vamos desenvolver, buscamos ajuda. Como se dá essa busca? Buscamos mais informações através de amigos, de livros, de sítios na internet, etc.

A escrita é, portanto, um processo que não se inicia ao começarmos o texto, mas muito antes. Cada texto está inserido dentro de uma prática social e nela adquire sentido. Ou seja, o que mobiliza um indivíduo a escrever um texto é uma necessidade, uma motivação que nasce de uma situação social específica. Essa situação vai exigir do indivíduo que ele dê sua opinião, expresse uma emoção, relate uma experiência, apresente uma proposta de trabalho, regule normas, comunique algo, enfim, as necessidades motivadoras são as mais diversas, assim como o são, também, os objetivos a alcançar.

Partindo dessa necessidade, o produtor já tem algumas informações sobre o texto, suficientes para poder elaborar um primeiro plano de trabalho:

- quais os objetivos a que o texto se propõe;
- qual o assunto/tema a ser abordado;
- qual o gênero mais adequado aos objetivos;
- quem vai ler;
- que nível de linguagem deve ser utilizado;
- quanto de subjetividade pode ser inserida no texto;
- quais as condições práticas para a produção do texto: tempo, apresentação e formato, por exemplo.

Partindo dessa base inicial, o produtor do texto vai organizar as próprias ideias e monitorar-se para não fugir da rota. Esse planejamento inicial é muito importante e ajuda o produtor a dispor suas ideias de forma eficaz. Ou, como afirma Boaventura (2002, p. 8/9)

Sem estabelecer um plano sobre o que se vai escrever, as dificuldades depressa começam a surgir. Sem plano, há o risco de se perder sem se aprofundar em nenhum aspecto e pode-se acabar por fazer um trabalho superficial.

Para estabelecer o plano, precisamos pensar as partes que o texto deve conter. Claro que, dependendo do caráter do texto a ser desenvolvido e de seus objetivos as partes vão ser de natureza diferente, mas imprescindivelmente o texto conterà: introdução, desenvolvimento e conclusão.

O que contêm cada uma dessas partes, porém? Veja o esquema a seguir:

- Introdução: apresentação do tema de estudo.
- Desenvolvimento: as partes que apresentam os aspectos a serem tratados sobre o tema.
- Conclusão: a retomada de tudo que foi tratado de forma a fechar o assunto.

Cada pessoa, no entanto, tem a sua forma específica de escrever, precisa desenvolver a sua técnica. Mas, para que alcance sucesso com o seu texto é preciso dedicar-se a ele. É preciso, por exemplo, ler e reler o texto após a sua produção. Essas etapas ainda fazem parte do processo de escrita. Nesse momento final é importante perceber o texto observando se precisam ser:

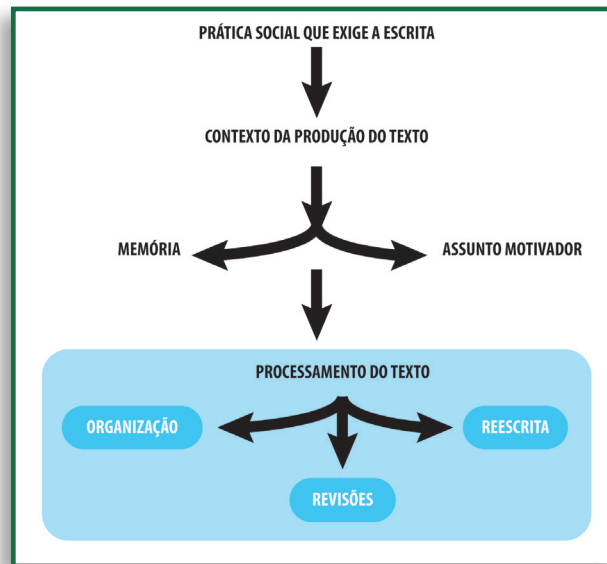
- enfatizadas as ideias principais;
- reordenadas as informações;
- substituídas as ideias inadequadas;
- eliminadas as ideias desnecessárias ou repetidas;
- acrescentados exemplos, ilustrações, citações, argumentos;
- criados vínculos entre as ideias;
- estabelecidas hierarquias entre as ideias.

Como fazer esses ajustes? Para isso, é preciso:

- acrescentar termos ou expressões;
- eliminar termos ou expressões repetidos, inadequados ou desnecessários;
- substituir termos ou expressões;
- transformar, modificar, reorganizar períodos;
- revisar linguisticamente, corrigindo problemas de ortografia, pontuação, concordância, entre outros.

Mesmo depois de sua leitura, você ainda pode recorrer a uma segunda leitura, feita por outra pessoa. O olhar do outro é muito importante. Pois, como estamos habituados ao nosso texto, muitas vezes lemos o que queremos ler e não o que está lá. Outra pessoa, com olhos livres, poderá perceber detalhes ou falhas que nós não percebemos. Escritores famosos, em geral, submetem seu trabalho à leitura prévia, antes da publicação.

Enfim, se pensarmos na escrita como um processo, podemos visualizá-la a partir do seguinte esquema:



Fonte: ROCHA, 2013.

Fig. 8

### ATIVIDADE 03

1. Que tal praticar um pouco a escrita? Pense em algum momento marcante de sua vida e procure relatá-lo. Para isso, trace um plano de trabalho: o que você vai relatar? Quando isso aconteceu? Por que esse momento é importante para você? Depois de escrever a primeira vez, leia em voz alta, procure perceber se o texto realmente diz aquilo que você queria dizer. Procure observar se há problemas linguísticos, corrija-os e só depois reescreva.





## LEITURAS COMPLEMENTARES

No *site* <<http://www.pucrs.br/manualred/prefacio.php>> você vai acessar o manual de redação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, com uma série de explicações sobre os aspectos gramaticais da produção de textos e ainda alguns links para textos interessantes sobre redação.



## RESUMINDO

Nesta aula, estudamos um pouco acerca do processo da escrita, desfazendo alguns mitos que cercam o ato de escrever, ressaltando as relações entre leitura e escrita e, também, reforçando a importância de uma organização prévia necessária ao processo de elaboração de textos.



## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

**1.** Identifique, nos textos seguintes, o tema discutido, a intenção comunicativa e o tipo de situação de comunicação em que ele pode estar inserido.

### Texto 1

A inflação calculada pelo Índice de Preços ao Consumidor – Semanal (IPC-S) recuou em seis das sete capitais pesquisadas pela Fundação Getulio Vargas (FGV) na passagem da terceira para a quarta semana de junho. O maior recuo foi verificado no Rio de Janeiro, onde o indicador passou de 0,88% para 0,65% - um recuo de 0,23 ponto percentual.



Fonte: <www.g1.globo.com>. Acesso em: 5 dez. 2009.

## Texto 2

Casamento

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
de vez em quando os cotovelos se esbarram,  
ele fala coisas como “este foi difícil”

“prateou no ar dando rabanadas”

e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,  
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:  
somos noivo e noiva.

Adélia Prado<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Adélia Prado (1935) é uma escritora brasileira. Seus textos retratam o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela sua fé cristã e permeados pelo aspecto lúdico, uma das características de seu estilo.

**Texto 3**

O comércio baseia-se na troca voluntária de produtos. As trocas podem ter lugar entre dois parceiros (comércio bilateral) ou entre mais do que dois parceiros (comércio multilateral). Na sua forma original, o comércio fazia-se por troca direta de produtos de valor reconhecido como diferente pelos dois parceiros, cada um valoriza mais o produto do outro. Os comerciantes modernos costumam negociar com o uso de um meio de troca indireta, o dinheiro. É raro fazer-se troca direta hoje em dia, principalmente nos países industrializados. Como consequência, hoje podemos separar a compra da venda. A invenção do dinheiro (e subsequentemente do crédito, papel-moeda e dinheiro não-físico) contribuiu grandemente para a simplificação e promoção do desenvolvimento do comércio.

Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%A9rcio>>. Acesso em: 5 dez. 2009.

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, E. **Como ordenar as idéias**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

FARACO, C. A. ; TEZZA, C. **Oficina de texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - <http://fotoemagia.blogspot.com.br>

**Figura 02** - <http://io9.com/5722720/nasty-case-of-writers-block-creates-the-most-brilliant-scientific-paper-ever>

**Figura 03** - <http://dissertationguru.blogspot.com.br/2008/10/compare-and-contrast-essay-writing.html>

**Figura 04** - <http://wearebothright.com/2011/06/>

**Figura 05** - <http://chain.eu/?m3=20934>

**Figura 06** - ROCHA (2013)

**Figura 07** - <http://www.sodahead.com/living/what-type-of-kid-were-you-quiz/question-4026233/?link=ibaf&q=&esrc=s>

**Figura 08** - ROCHA (2013)

# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 05**  
**NOÇÕES DE COESÃO E MECANISMOS DE**  
**COESÃO REFERENCIAL**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

Nesta aula você tomará contato com alguns aspectos relevantes da estrutura dos textos, a definição de coesão e alguns de seus recursos, principalmente os de caráter referencial, que você poderá identificar através de exemplos e textos.

Até aqui, ao longo de nossas primeiras aulas, vimos, de forma mais generalista, o que é leitura de mundo e leitura de textos verbais e não verbais. Também estudamos as várias possibilidades de leitura, desde a mais superficial até a leitura mais interpretativa, mais crítica. Assim como observamos a diversidade da língua portuguesa. Conhecemos os vários tipos de texto e observamos como vamos construindo novos textos à medida que lemos e relacionamos o nosso conhecimento de mundo e os diferentes textos lidos.

Vamos estudar agora como os textos se organizam através de conectivos que ligam os diferentes enunciados e que esses enunciados, a partir das conexões estabelecidas, oferecem múltiplos sentidos.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Compreender a aplicabilidade da coesão textual.
- Distinguir e aplicar diferentes recursos de coesão referencial.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

Em situação de poço, a água equivale  
 A uma palavra em situação dicionária  
 :  
 Isolada, estanque no poço dela mesma,  
 E porque assim estanque, estancada;  
 E mais: porque assim estancada, muda,  
 E muda porque com nenhuma comunica,  
 Porque cortou-se a sintaxe desse rio,  
 O fio de água por que ele discorria.

(João Cabral de Melo Neto, *Rios sem discurso*)



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1366803>

**Fig. 01**

O poema de João Cabral de Melo Neto que introduz esta nossa aula, discorre sobre como a água e o discurso se assemelham em alguns aspectos. No fragmento citado, ele demonstra como a água parada, “em situação de poço”, lembra a palavra “em situação dicionária”. Ou seja, ambas estão estanques, imóveis, não se comunicam, não se interligam a mais nada. A palavra é o maior instrumento de comunicação criado pelo ser humano, mas para comunicar ela precisa do discurso “rio corrente”, na metáfora de João Cabral de Melo Neto. Ou seja, a palavra precisa estar ligada a outras palavras, formando o discurso. É sobre essa ligação que nós vamos falar nesta aula. Pois, a ligação entre as palavras é o que denominamos sintaxe da língua. Essa sintaxe ocorre tanto entre palavra e palavra, em um enunciado, quanto entre oração e oração, formando textos maiores. A essa conectividade do discurso, denominamos coesão.

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### Coesão Textual

A **coesão textual** é elaborada através de uma série de processos da língua que têm por função principal estabelecer relações lingüísticas significativas entre os elementos de um texto.

A coesão é uma espécie de costura. Assim, seja inter-relacionando orações, períodos, parágrafos ou, ainda, segmentos maiores – como um parágrafo final conclusivo que se articula a todos os parágrafos antecedentes, ou até mesmo a articulação de capítulos entre si – os mecanismos coesivos estabelecem um entrelaçamento na superfície textual.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/712424>

**Fig. 02**

Além disso, se bem utilizada, a coesão contribui de forma decisiva para que o tema tratado se mantenha ao mesmo tempo em que progride, acabando por se tornar um dos recursos responsáveis pela coerência textual.

Com certeza, há textos que não possuem elementos coesivos, o que atesta não ser a coesão uma condição necessária para que uma determinada seqüência verbal seja tida como texto. Veja o exemplo a seguir:

#### **Exemplo 1**

Olhar fito no horizonte. Apenas o mar imenso. Nenhum sinal de vida humana. Tentativa desesperada de recordar alguma coisa. Nada.

Apesar do Exemplo 1 apresentar um texto elaborado com enunciados sem coesão entre si, ele possui sentido e pode ser interpretado, não é mesmo?



Por outro lado, é possível também elaborar seqüências com elementos coesivos que não constituem texto, por falta-lhes coerência. Tais como o exemplo a seguir:

**Exemplo 2:**

O dia está bonito, pois ontem encontrei seu irmão no cinema. Além disso, não gosto de ir ao teatro porque lá há muitos filmes divertidos.

Neste sentido, pode-se ainda dizer a respeito de coesão textual o seguinte:

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto mais legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos científicos – didáticos, expositivos e opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial de coerência. (VILELA; KOCH, 2001, p. 467).

## Tipos de coesão

Existem diversas perspectivas de análise dos mecanismos de coesão. Vilela e Koch (2001), por exemplo, dividem os mecanismos coesivos em duas categorias básicas: os mecanismos de coesão referencial e os de coesão seqüencial.

A **coesão referencial** é o tipo de coesão que se caracteriza por apresentar um componente da superfície do texto fazendo remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual numa relação de dependência semântica.

A **coesão seqüencial** se caracteriza pela possibilidade de tornar mais clara a progressão do tema do texto.

Irândé Antunes (2005), por sua vez, nos fornece o quadro exposto no Quadro 1, a seguir, em que apresenta uma série de recursos coesivos. Observe que o quadro apresenta três colunas específicas: Coluna 1 - das relações textuais; Coluna 2 - dos procedimentos e Coluna 3 - dos recursos.

Relações textuais (Campo 1)	Procedimentos (Campo 2)	Recursos (Campo 3)			
<b>A COESÃO DO TEXTO</b>	<b>1. REITERAÇÃO</b>	<b>1.1. Repetição</b>	<b>1.1.1. Paráfrase</b>		
			<b>1.1.2. Paralelismo</b>		
			<b>1.1.3. Repetição propriamente dita</b>	* de unidades do léxico *de unidades da gramática	
		<b>1.2. Substituição</b>	<b>1.2.1. Substituição gramatical</b>	Retomada por: *Pronomes ou *Por advérbios	
			<b>1.2.2. Substituição lexical</b>	retomada por: *sinônimos	
				*hiperônimos	
	<b>1.2.3. Elipse</b>		*retomada por elipse		
	<b>2. REITERAÇÃO</b>	<b>2.1. Seleção lexical</b>	Seleção de palavras semanticamente próximas	*por antônimos *por diferentes modos de relação de parte/todo	
	<b>3. CONEXÃO</b>	<b>3.1. Estabelecimento de relações sintático-semanticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos</b>	Uso de diferentes conectores	*preposições *conjunções *advérbios *e respectivas locuções	

**Quadro 1 - Quadro de Coesão.**  
**Fonte: Antunes (2005, p.51).**

Na Coluna 1 podemos ver três formas de estabelecimento das relações textuais – Reiteração, Associação e Conexão. A última pode ser observada como forma de coesão seqüencial, enquanto as duas primeiras estariam no âmbito da coesão referencial.

Como procedimentos da reiteração, vemos a Repetição e a Substituição, na Coluna 2, que apresentam, por sua vez, diversos recursos cada uma, como podemos observar na Coluna 3. Como procedimentos da Associação, vemos a seleção lexical (na Coluna 2) e alguns recursos (na Coluna 3).

Na maioria das vezes, compreender o uso e as formas de aplicação desses elementos é fundamental para o co-enunciador entender satisfatoriamente a mensagem que lhe é destinada. Então, vamos aos exemplos.

Vamos começar por analisar alguns exemplos de coesão referencial, ou seja, de reiteração ou associação. Logo depois trataremos da coesão seqüencial, ou como a nomeia Antunes (2005), da Conexão.

Observe no Exemplo 3, a seguir, a importância da relação entre os referentes e seus respectivos termos remissivos.

### **Exemplo 3**

#### **SERÁ QUE ISTO É VERDADE?**

Contar piadas de loiras diminui o raciocínio delas, segundo testes de QI feitos na Universidade de Bremen, Alemanha. As cobaias que ouviram as brincadeiras demoraram mais para responder às questões, apesar de registrarem um índice parecido de acertos. Para os cientistas, as gozações deixaram-nas mais inseguras nas respostas.

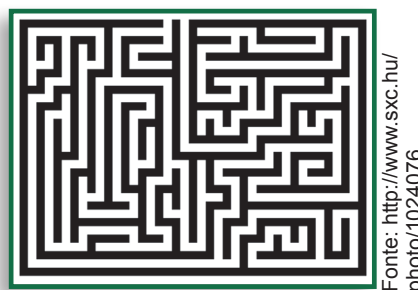
(SUPERINTERESSANTE, ago. 2004).

Atente para o fato de que os pronomes **isto**, **elas**, **que** e **as**, assim como as expressões substantivas **as cobaias**, **as brincadeiras** e **as gozações** dependem dos seus respectivos referentes textuais para serem compreendidas.

O pronome isto remete para o que foi enunciado na primeira frase da nota: “Contar piadas de loiras diminui o raciocínio delas [...]”. O pronome **elas** e a expressão

substantiva **as cobaias** remetem para o termo “loiras”. Os pronomes **que** e **as** remetem para o termo “cobaias”. Por fim, as expressões substantivas **as brincadeiras** e **as gozações** remetem para o termo “piadas”.

Esses mecanismos, de uma forma ou de outra, contribuem para que o tema seja mantido no texto do princípio ao fim, uma vez que eles recuperam sempre o que foi dito (como no caso de elas, as cobaias, que, as brincadeiras, as gozações e as, da nota analisada) ou antecipam o que vai se dizer (no caso do pronome isto, encontrado no título da mesma nota).



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1024076>

Fig. 03

Costuma-se nomear o mecanismo coesivo referencial de catafórico (ou catáfora) ou anafórico (ou anáfora), conforme o posicionamento que ele ocupa em relação ao referente. Se surgir antes do referente, diz-se ser catafórico. Se surgir depois, retomando-o, diz-se ser anafórico.

#### Exemplo 4

*Ele* foi um cineasta genial. Pena que Glauber Rocha tenha morrido tão cedo.

#### Exemplo 5

Pena que Glauber Rocha tenha morrido tão cedo. *Ele* foi um cineasta genial.

No exemplo 4, o pronome **ele** funciona como um mecanismo catafórico, pois o seu referente, **Glauber Rocha**, só será nomeado no enunciado seguinte. Já no Exemplo 5, **ele** é anafórico, pois o seu referente já foi nomeado no enunciado anterior.

Antes de detalharmos alguns dos mecanismos de coesão referencial, a que vamos nos dedicar nesta aula, faça uma primeira atividade e observe se compreendeu o conteúdo.

## ATIVIDADE 01



1. Preencha as lacunas com um elemento coesivo que satisfaça o critério determinado nos parênteses. Considere sempre como referente textual a palavra ou a expressão em negrito.

- a) Na semana passada, a situação do Afeganistão se agravou. A população \_\_\_\_\_ recebeu instruções contra mais um possível atentado terrorista. (substantivo de sentido mais geral)
- b) Apesar de a Aids ter se expandido em todo o mundo, são visíveis os avanços da ciência no combate à \_\_\_\_\_. (substantivo de sentido mais geral)
- c) Militares que estiverem em \_\_\_\_\_ não precisam mais bater continência ao passar por superiores, devendo apenas manter os veículos em velocidade moderada. (Substantivo de sentido específico/restrito)
- d) Muitos adultos que cresceram distante dos objetos da informática têm computador pessoal em casa, mas não \_\_\_\_\_ utilizam porque não sabem como ligar \_\_\_\_\_. (Pronome)
- e) Parece haver consenso de que os romanos e os gregos criaram as bases da cultura ocidental. \_\_\_\_\_, no terreno teórico; \_\_\_\_\_, prático. (Pronome)
- f) Luís Inácio da Silva já deixou de ser metalúrgico há muito tempo; atualmente, \_\_\_\_\_ apresenta-se como um político calejado. (Redução do referente)
- h) Estudar é o caminho de progresso pessoal, mas não parece ser essa a opinião da juventude brasileira sobre o \_\_\_\_\_. (Nominalização)

2. Preencha as lacunas com o pronome relativo adequado, acompanhado ou não de preposição.

- a) Os fanáticos aparentam ser egoístas, voltados apenas para suas paixões individuais. São pessoas \_\_\_\_\_ não simpatizo.
- b) Admiro todos os compositores \_\_\_\_\_ músicas são alegres.
- c) O amor é a lente \_\_\_\_\_ podemos ver a vida com entusiasmo.
- d) Sendo o carnaval uma das festas \_\_\_\_\_ mais gosto, achei melhor não viajar.
- e) As crises \_\_\_\_\_ passamos devem ser oportunidades de crescimento.
- f) Nas situações \_\_\_\_\_ rumos parecem incertos, é importante manter a serenidade.

## Alguns mecanismos de coesão referencial

A partir de agora vamos apenas nomear alguns mecanismos de coesão referencial.

**a) Pronominalização** é a substituição do referente por um pronome (ele, a, isso...) ou por um advérbio (aqui, ali, lá, aí).

**Exemplo 6:** Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-**las** ao acaso.

**Exemplo 7:** O colégio é um dos melhores da cidade. **Seus** dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

**Exemplo 8:** Joaquim deve ter um discurso muito convincente. **Ele** já foi eleito seis vezes.

**Exemplo 9:** Não podíamos deixar de ir ao Louvre, **lá** está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a “Mona Lisa”.

Os termos **as, seus, ele e lá**, nos exemplos 6 a 9, são pronomes que não apenas se referem a, mas substituem, respectivamente **vitaminas, colégio, Joaquim e Louvre**, em cada um dos enunciados. Essa substituição é fundamental para evitar a repetição dos termos e tornar o texto mais fluido para o leitor.

**b) Numerais** são usados para substituírem seus respectivos referentes textuais.

**Exemplo 10:** Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. Um terço pelo menos parece estar dominando o assunto.

**Exemplo 11:** Recebemos dois telegramas. O primeiro confirmava a sua chegada; o segundo dizia justamente o contrário.

**c) Elipse** é a supressão de um elemento lingüístico anterior ou posteriormente enunciado.

**Exemplo 12:** Tinha uma voz inconfundível e foi apreciada por mais de duas gerações. Elis Regina marcou uma fase da MPB.

Antes da flexão verbal **tinha** ocorreu a elipse do sujeito **Elis Regina**, assim como antes da flexão verbal **foi**. Percebemos essa supressão ao nos depararmos com o sujeito desses verbos no último enunciado. Só assim, também, conseguimos compreender sobre quem se está falando.

**d) Repetição de nome próprio ou parte dele** é a reiteração total ou parcial de um nome próprio (de pessoa, de lugares, etc.).

**Exemplo 13:** **Lígia Fagundes Telles** é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. **Lígia** é autora de “Antes do baile verde”, um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

**e) Metonímia** é o processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contigüidade semântica. Ou seja, quando essas palavras guardam alguma relação de sentido entre si.

**Exemplo 14:** O governo tem-se preocupado com os índices de inflação. O **Planalto** diz que não aceita qualquer remarcação de preço.

**Exemplo 15:** Santos Dumont chamou a atenção de toda Paris. O **Sena** curvou-se diante de sua invenção.

Quanto ao exemplo 14, sabemos que Palácio do Planalto é a sede do governo brasileiro e, por isso, o termo planalto é utilizado como substituto de governo, toma-se a parte (sede do governo) pelo todo (governo). O mesmo ocorre no exemplo 15, tomando-se o rio que corta Paris pela sua população.

**f) Epíteto** é uma qualificação elogiosa ou injuriosa atribuída a alguém.

**Exemplo 16:** **Glauber Rocha** fez filmes memoráveis. Pena que **o cineasta mais famoso do cinema brasileiro** tenha morrido tão cedo.

**Glauber Rocha** foi substituído pelo qualificativo **o cineasta mais famoso do cinema brasileiro**.

**g) Nominalização** é o emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente.

**Exemplo 17:** Eles foram **testemunhar** sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal **testemunho** não era válido por serem parentes do assassino.

O substantivo **testemunho** remete o co-enunciador (leitor) para o verbo **testemunhar**. Também é possível ocorrer o contrário: um verbo fazer remissão a um substantivo já enunciado.



**Exemplo 18:** Ele não suportou **a desfeita** diante do seu próprio filho. **Desfeitear** um homem de bem não era coisa pra se deixar passar em branco.

O verbo **desfeitear** foi elaborado a partir do substantivo do primeiro enunciado – **a desfeita**.

**h) Sinonímia** é o emprego de palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas.

**Exemplo 19:** Os **quadros** de Van Gogh não tinham nenhum valor comercial em sua época. Houve **telas** que serviram até de porta de galinheiro.

**i) Repetição de uma palavra** é o uso de uma palavra com ou sem determinante quando não for possível substituí-la por outra, ou quando o contexto o exigir.

**Exemplo 20:**

A propaganda, seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: a propaganda sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, a propaganda é mais um veículo da ideologia dominante. (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 50).

**j) Um termo-síntese** é o emprego de uma palavra ou expressão que resume, sintetiza uma idéia anteriormente expressa.

**Exemplo 21:** O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas **limitações** acabam prejudicando o importador.

A palavra **limitações** sintetiza o que foi enunciado anteriormente, ou seja, **um sem número de papéis e de taxas.**

## ATIVIDADE 02

1. Identifique, na nota de curiosidade a seguir, os referentes textuais das palavras ou expressões em destaque e das elipses (representadas pelo símbolo Ø).

### Ela é organizada como um arquivo

Uma escola de música precisa manter uma base de dados organizada com o objetivo de prover informações sobre músicos, orquestras, sinfonias e instrumentos: cada orquestra é catalogada contendo o **seu** nome, Ø cidade, Ø país e data correspondentes à **sua** criação. Orquestras executam sinfonias, as mais variadas. Os profundos conhecedores de música são capazes até de selecionar a orquestra que melhor desempenha uma determinada sinfonia. De cada sinfonia, é possível saber o **seu** nome, o Ø compositor e a data de sua criação. Orquestras são constituídas de músicos, os mais variados, de acordo com a **sua** função: maestro, flautista, etc. Cada músico é catalogado contendo: nome do músico, identidade, nacionalidade e data de nascimento. Um músico só pode pertencer a uma orquestra. Músicos tocam sinfonias, porém em alguns casos, alguns músicos podem mudar de função segundo a sinfonia (por exemplo, um violinista pode virar maestro). A data em que um músico apresenta uma determinada sinfonia também é importante no contexto. Cada músico pode ser apto a tocar vários instrumentos, mas em cada sinfonia toca apenas um instrumento, pois depende de **sua** função na sinfonia.



Texto adaptado para esta atividade. Disponível em: [http://sistemas.riopomba.ifsudestemg.edu.br/dcc/materiais/1683435303\\_Exemplo%20%28Exerc%C3%ADcio%20Resolvido%29.pdf](http://sistemas.riopomba.ifsudestemg.edu.br/dcc/materiais/1683435303_Exemplo%20%28Exerc%C3%ADcio%20Resolvido%29.pdf) Acesso: 04 de junho de 2013.



## LEITURA COMPLEMENTAR

APOIO A PORTUGUÊS. **Coesão textual**. 16 abr. 2007. Disponível em: <<http://apoioptg.blogspot.com/2007/04/coeso-textual.html>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

GRAMÁTICA *on-line*: português para concursos. **Exercícios de coerência e coesão textual**. 11 jul. 2005. Disponível em: <<http://gramaticaonline.blogspot.com/2005/07/exercicios-de-coerencia-e-coeso-textual.html>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

Quer conhecer um pouco mais sobre coesão textual? Existem inúmeros livros que podem servir como um bom material de estudos para você, tais como os utilizados como referência para a elaboração desta aula. No entanto, alguns sítio na internet também podem ser úteis para estudar. Experimente o sítio *Apoio a Português*. Nele você vai encontrar a explicação sobre alguns mecanismos de coesão. Ou, se preferir, responda a alguns exercícios *on line* no sítio *Gramática On-line: português para concursos*.



## RESUMINDO

Nesta aula, estudamos um pouco acerca do conceito de coesão e de sua divisão em dois tipos (referencial e seqüencial), mas nos centramos na observação e aplicação prática de alguns dos mecanismos de coesão referencial. Você vai continuar estudando coesão na próxima aula, mas a coesão seqüencial, de outra natureza, mas tão importante quanto a coesão referencial para a melhor organização de suas idéias no texto.



## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

1. As frases seguintes devem ser transformadas em um só período. Utilize-se dos mecanismos de coesão adequados para fazê-los.

a) Os alunos dispunham de pouco tempo. Não foi possível concluir a prova de Matemática. O pouco tempo disponível provocou protestos junto à direção da escola.

b) Moramos no mesmo andar. Vemo-nos com freqüência. Mal nos falamos.

c) O show estava excelente. Eles saíram antes de terminar. Tinha um aniversário para ir.

d) Beatriz mudou de apartamento. Ela fez uma viagem ao exterior. Também comprou um carro novo. Ficou completamente endividada.

2. Leia os fragmentos textuais a seguir e identifique o tipo de mecanismo coesivo utilizado nos termos em destaque.

a) O profissional de Segurança do Trabalho tem uma área de atuação bastante ampla. **Ele** atua em todas as esferas da sociedade onde houver trabalhadores.

b) Caracterizar e registrar as doenças do trabalho, no Brasil, ainda tem sido uma tarefa muito difícil. Isto acontece devido às dificuldades em notificá-**las** e pelo fato de os mecanismos de proteção ao trabalhador não serem muito bem definidos.

c) As doenças decorrentes do trabalho chegaram a 30.334. Para William Weissmann, coordenador de pesquisas do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH), os números podem ser ainda mais assustadores. **Weissmann** afirma que: “Os acidentes graves, por exemplo, não há como esconder, o que já não acontece com as doenças”.

d) Quase 500 mil pessoas morrem anualmente no Brasil por causa de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho. No mundo, **o número** chega a cinco mil mortes por dia.

e) De acordo com relatório elaborado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de cinco mil trabalhadores morrem no mundo todos os dias por causa de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho. **A Instituição** alerta que a maioria da força trabalhista mundial não possui segurança preventiva, serviços médicos nem mesmo compensação para acidentes ou doenças.

**3.** Leia os fragmentos textuais a seguir e identifique o tipo de mecanismo coesivo utilizado nos termos em destaque.

a) De acordo com relatório elaborado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de cinco mil trabalhadores morrem no mundo todos os dias por causa de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho. **O documento**, denominado Trabalho Decente – Trabalho

Seguro, alerta que a maioria da força trabalhista mundial não possui segurança preventiva, serviços médicos nem mesmo compensação para acidentes ou doenças.

b) Irritação, cansaço, fadiga e ansiedade fazem parte de sua rotina? Esses **sintomas** podem indicar estresse.

c) Maria, **a mãe de Jesus**, é a mulher mais famosa da história.

d) **Ato** inseguro é o **ato** praticado pelo homem, em geral consciente do que está fazendo, que está contra as normas de segurança. São exemplos de **atos** inseguros: subir em telhado sem cinto de segurança contra quedas, ligar tomadas de aparelhos elétricos com as mãos molhadas e dirigir em alta velocidade.

**4.** Elabore um parágrafo em que você utilize pelo menos três dos mecanismos coesivos que você estudou nas aulas 05 e 06.

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ARANHA, M. L. A. ; MARTINS, M. H. P. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

VILELA, M. ; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Sousa-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - <http://www.sxc.hu/photo/1366803>

**Figura 02** - <http://www.sxc.hu/photo/712424>

**Figura 03** - <http://www.sxc.hu/photo/1024076>

# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 06**  
**COESÃO SEQUENCIAL**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**







## APRESENTANDO A AULA

Na aula anterior você já compreendeu a função da coesão nos textos. Estudou, também, alguns mecanismos importantes de coesão referencial. Eles serão bastante úteis nas suas produções textuais ao longo do curso, portanto, não os perca de vista! Nesta aula, nós continuaremos o assunto de coesão, mas trataremos, especificamente, da coesão seqüencial.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Conhecer as diferentes formas de coesão seqüencial e seus mecanismos.
- Compreender a importância da coesão na elaboração de textos.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

Bati no portão do tempo perdido, ninguém atendeu.

Bati segunda vez e mais outra e mais outra.

Resposta nenhuma.

A casa do tempo perdido está coberta de hera  
pela metade; a outra metade são cinzas.

Casa onde não mora ninguém, e eu batendo e  
chamando

pela dor de chamar e não ser escutado.

Simplesmente bater. O eco devolve minha  
ânsia de entreabrir esses paços gelados.

A noite e o dia se confundem no esperar,  
no bater e bater.

O tempo perdido certamente não existe.

É o casarão vazio e condenado.



Fig. 01

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1188214>

(*A casa do tempo perdido* - Carlos Drummond de Andrade)

O poema de Drummond nos apresenta uma casa. Nela, bate uma pessoa. Bate uma vez, bate outra vez, ninguém atende. A pessoa, enquanto observa a casa, continua a bater e só escuta o eco. Noite e dia passam, e a pessoa, a esperar e a bater. A casa está num tempo perdido, não há ninguém para abrir, mas quem bate espera, ou seja, tem esperanças.

O poema estabelece uma seqüência de atos, não é mesmo? A pessoa bate, espera, bate novamente, o tempo passa, a pessoa bate e espera.

Que expressões você considera que são importantes, no poema, para estabelecer essa seqüência? Dê uma olhada. É isso que vamos estudar nesta aula.

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

Como já vimos, existem dois tipos de coesão: a referencial e a seqüencial. Na aula anterior, estudamos as diferentes formas e mecanismos da coesão referencial. Nesta aula, faremos o mesmo com a coesão seqüencial.

A coesão seqüencial se organiza através da utilização de **partículas seqüenciadoras**, que são partículas que se inter-relacionam, estabelecendo uma seqüência entre as partes do texto. Essa seqüência pode ser de ordem **temporal** ou de ordem **espacial**. Além da utilização de partículas seqüenciadoras, a coesão seqüencial também pode ser estabelecida através do uso de **conectivos**, como veremos a seguir.

### Ordenação temporal

As partículas seqüenciadoras podem se organizar ou se inter-relacionar no texto estabelecendo uma ordenação temporal. O pré-requisito fundamental para que uma expressão de tempo seja considerada uma partícula seqüenciadora, é seu encadeamento com outras expressões dentro de um mesmo texto.

#### Exemplo 1

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, até o canário ficou mudo. Não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia.

Sentia falta da pequena briga pelo sal no tomate — meu jeito de querer bem.

Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa. Calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolha? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

Dalton Trevisan

Fonte: [http://pensador.uol.com.br/autor/dalton\\_trevisan/](http://pensador.uol.com.br/autor/dalton_trevisan/)

Acesso 04 de junho de 2013.

Se você observar o texto do Exemplo 1, vai notar que podemos estabelecer uma gradação temporal que, de certa forma, organiza o texto, indicando uma seqüência de acontecimentos sobre o fato narrado.

Vejamos, então. Logo no início do texto, há uma indicação do tempo em que a mulher amada abandonou a casa. Depois, se percebe, lentamente, a degradação do ambiente, as coisas vão se estragando, perdendo o viço, murchando. Percebeu? Há uma série de expressões que indicam essa seqüência temporal: “um mês”, “uma semana”, “com os dias”, “aos poucos”. Essas expressões são consideradas elementos coesivos sequenciais de tempo, porque estabelecem uma seqüência temporal para a história.

## ATIVIDADE 01

O Texto 1 que segue é um verbete retirado de uma enciclopédia virtual. Um verbete é um texto de natureza explicativa presente, sobretudo, em dicionários e enciclopédias. Leia o texto e responda ao que se pede.



### Texto 1: Aquecimento global

A locução aquecimento global refere-se ao aumento da temperatura média dos oceanos e do ar perto da superfície da Terra que se tem verificado nas décadas mais recentes e à possibilidade da sua continuação durante o corrente século. Se este aumento se deve a causas naturais ou antropogênicas (provocadas pelo homem) ainda é objeto de muitos debates entre os cientistas, embora muitos meteorologistas e climatólogos tenham recentemente afirmado publicamente que consideram provado que a ação humana realmente está influenciando na ocorrência do fenômeno. O Intergovernmental Panel on Climate Change - IPCC - (Painel Intergovernamental para as Mudanças Climáticas, estabelecido pelas Nações Unidas e pela Organização Meteorológica Mundial em 1988) no seu relatório mais recente diz que grande parte do aquecimento observado durante os últimos 50 anos se deve muito provavelmente a um aumento do efeito estufa, causado pelo aumento nas concentrações de gases estufa de origem antropogênica (incluindo, para além do aumento de gases estufa, outras alterações como, por exemplo, as devidas a um maior uso de águas subterrâneas e de solo para a agricultura industrial e a um maior consumo energético e poluição).

Fenômenos naturais tais como variação solar combinados com vulcões provavelmente levaram a um leve efeito de aquecimento de épocas pré-industriais até 1950. Essas conclusões básicas foram endossadas por pelo menos 30 sociedades e comunidades científicas, incluindo todas as academias científicas nacionais dos principais países industrializados. A Associação Americana de Geologistas de Petróleo, e alguns poucos cientistas individuais não concordam em parte.

Modelos climáticos referenciados pelo IPCC projetam que as temperaturas globais de superfície provavelmente aumentarão no intervalo entre 1,1 e 6,4 °C entre 1990 e 2100. A variação dos valores reflete no uso de diferentes cenários

de futura emissão de gases estufa e resultados de modelos com diferenças na sensibilidade climática. Apesar de que a maioria dos estudos tem seu foco no período de até o ano 2100, espera-se que o aquecimento e o aumento no nível do mar continuem por mais de um milênio, mesmo que os níveis de gases estufa se estabilizem. Isso reflete na grande capacidade calorífica dos oceanos.

Um aumento nas temperaturas globais pode, em contrapartida, causar outras alterações, incluindo aumento no nível do mar e em padrões de precipitação resultando em enchentes e secas. Podem também haver alterações nas frequências e intensidades de eventos de temperaturas extremas, apesar de ser difícil de relacionar eventos específicos ao aquecimento global. Outros eventos podem incluir alterações na disponibilidade agrícola, recuo glacial, vazão reduzida em rios durante o verão, extinção de espécies e aumento em vetores de doenças.

Incertezas científicas restantes incluem o exato grau da alteração climática prevista para o futuro, e como essas alterações irão variar de região em região ao redor do globo. Existe um debate político e público para se decidir que ação se deve tomar para reduzir ou reverter aquecimento futuro ou para adaptar às suas conseqüências esperadas. A maioria dos governos nacionais assinou e ratificou o Protocolo de Quioto, que visa ao combate à emissão de gases estufa.

Fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Aquecimento\\_global](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aquecimento_global)>. Acesso em: 8 ago. 2008.

1. Qual o tema do texto?
2. Você já conhecia o gênero verbete? Procure uma definição do termo verbete e identifique um outro exemplo.
3. Identifique, no texto, as expressões que demarcam uma seqüência temporal.

## Ordenação espacial

As partículas seqüenciadoras desse tipo são aquelas que se inter-relacionam estabelecendo uma ordenação espacial. Da mesma forma que na ordenação temporal, nem toda expressão de lugar constitui partícula seqüenciadora espacial, apenas aquelas que aparecem encadeadas num texto.

### Exemplo 2

A casa espacial era rodeada por um grande terreno que tinha relva transparente e palmeiras gigantes e no centro do terreno havia um buraco de onde eles tiravam o petróleo. A casa tinha vinte e duas divisões, mas as mais importantes estavam todas no décimo piso, que era a cozinha, e que se situava mesmo colada ao quarto. A sala de estar estava junto à casa de banho, mas não era a única.

A casa de banho tinha o teto preto e as paredes brancas com bolas pretas e os seus móveis estavam presos na parede e eram feitos de madeira. As torneiras ligavam-se com um simples estalar de dedos e a temperatura regulava-se com a voz e, se esta voz fosse mais grossa, ficava mais quente e se fosse fina, ficava fria.

Disponível em: <http://8a08.blogs.sapo.pt/798.html> Acesso em 04 de junho de 2013.

No exemplo 2 as expressões “rodeada”; “no centro”; “junto à”, obedecem a uma seqüência utilizada na descrição de uma casa. O texto demonstra uma opção de descrever o ambiente do exterior para o interior.

## Resumo ou demarcação de partes do texto

Também é possível estabelecer uma seqüência no texto através do uso de uma palavra ou de uma expressão que retome idéias anteriormente expostas para, em seguida, acrescentar informação nova.



### Exemplo 3

**De acordo com o exposto no parágrafo anterior**, percebe-se que, em curto prazo, não há saída para acabar com o analfabetismo no Brasil.

A expressão em destaque estabelece uma relação desse parágrafo, exposto no exemplo 3, e outro parágrafo que viria antes, no texto completo.

## Colocação

Esse é outro mecanismo de coesão seqüencial em que o conjunto de palavras e expressões utilizadas no texto convergem para o campo lexical associado ao tema abordado.

### Exemplo 4

Houve um acidente grave na estrada. Apesar de ambulâncias, médicos e enfermeiros se fazerem presentes, foi alto o número de mortos. Segundo informações não oficiais, vários hospitais da região receberam os feridos.

No exemplo 4, todo o vocabulário do texto converge para o tema central do relato: um acidente. Vejamos: **ambulâncias, médicos, enfermeiros, mortos, hospitais, feridos**. Essa escolha do vocabulário contribui para a coesão seqüencial do texto. Ou seja, contribui para que o tema do texto se mantenha e progrida, ao mesmo tempo.

## Conectores

Esse mecanismo se constitui no uso de elementos lingüísticos cuja função é articular orações, períodos ou outras partes maiores do texto, estabelecendo entre elas relações de sentido.

**Exemplo 5**

O professor não só concluiu o conteúdo, mas também aplicou uma avaliação.

**Exemplo 6**

Será que o time vai ganhar? Ou desistirá da competição?

**Exemplo 7**

Caso você obtenha o melhor resultado, será recompensado com uma viagem a Manaus.

Nos Exemplos 5, 6 e 7 acima, os conectores **não só, mas, ou, caso**, oferecem, respectivamente, a ideia de complementaridade, alternativa e condição.

Segue abaixo uma lista dos principais conectores e das principais relações semânticas estabelecidas por eles.

**Adição:** e, nem, não só... mas também, tanto ... como, além de, além disso...

**Adversidade:** mas, e, porém, todavia, entretanto, no entanto, contudo...

**Alternância:** ou, quer ... quer...

**Causa:** porque, como, pois, uma vez que, visto que...

**Condição:** se, caso, desde que, contanto que, a menos que, sem que, a não ser que...

**Concessão:** embora, mesmo que, ainda que, posto que, apesar (de) que, por mais que...

**Conclusão:** portanto, logo, por conseguinte, pois...

**Comparação:** como, tanto... como, tanto... quanto, mais... (do) que, tão... quanto...

**Consecução:** tão que, tanto ... que...

**Conformidade:** conforme, segundo, como...

**Explicação:** porque, pois, que...

**Finalidade:** para, a fim de, para que, a fim de que...

**Proporção:** à proporção que, à medida que, quanto mais... tanto mais...

**Tempo:** quando, enquanto, mal, assim que, logo que...

Não podemos esquecer que a relação semântica estabelecida pelos conectores só poderá ser devidamente definida no contexto em que ela surge. Ou seja, o sentido trazido pelo conector depende muito da intenção do enunciador, da compreensão do co-enunciador, da situação de comunicação específica. Isso quer dizer que cada conector pode ser utilizado com mais de um sentido no texto.

## ATIVIDADE 02

1. Elabore, a partir do poema abaixo, uma breve narrativa utilizando-se de elementos coesivos referenciais e seqüenciais.

### O show

O cartaz  
O desejo

O pai  
O dinheiro  
O ingresso

O dia  
A preparação  
A ida

O estádio  
A multidão  
A expectativa

A música  
A vibração  
A participação

O fim  
A volta  
O vazio



Poema de autor anônimo (apud KOCH, 2006, p.10-11)



## RESUMINDO

Nesta aula, nós estudamos diferentes formas de coesão seqüencial e alguns de seus mecanismos e observamos como a coesão nos ajuda a organizar melhor nossas ideias no texto, evitando repetições, facilitando a progressão do texto e colaborando na construção dos sentidos mais apropriados ao processo comunicativo.



## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

1. Leia o texto 2, a seguir, e responda ao que se pede.

### TEXTO 2: A ESTRATÉGIA E OBJETIVOS DA FORÇA DE VENDAS

Claudio Goldberg

Em meio às diversas transformações que impactam as empresas, a tecnologia está criando alguns novos desafios, o livre fluxo de informações na internet bem como o estabelecimento de novas formas de se fazer negócio faz com que uma das mais tradicionais atividades de mercado como a administração de vendas assuma importância cada vez maior. O marketing tem como objetivo gerar no consumidor a propensão ao consumo analisando as ameaças e oportunidades do macroambiente e tem sua concretização efetivada através das atividades de venda que irão operacionalizar suas decisões e dar retorno obtendo informações do mercado. É através do plano de vendas que planejamos, direcionamos e controlamos as atividades de vendas de uma organização. Para organizar de forma pró-ativa seus esforços de venda a atingir suas metas de venda, os gerentes ou vice-presidente de marketing e vendas

devem levar em consideração a ciência da elaboração de cenários como abaixo recomendamos:

1. Identifique as incertezas (econômicas, sociais, demográficas, políticas);
2. Determine os fatores que podem ocorrer para mudar a demanda do setor (tecnologias em desenvolvimento, agressividade dos novos palyers ,etc...);
3. Determine pressuposto a cada fator causal;
4. Trabalhe com pressuposições: Pessimista / otimista / realista;
5. Analise como a estrutura da empresa será impactada por cada pressuposição;
6. Estabeleça o curso para se beneficiar mais de cada situação;
7. Preveja os resultados de cada cenário.

Para garantir um mercado cada vez maior para seus produtos, as empresas devem organizar as forças de vendas e definir seus objetivos. Os objetivos da força de venda devem ser pautados dentro da realidade e características dos mercados-alvos em que atuam e na posição almejada dentro dos mesmos. A visão tradicional que norteia ainda as forças de vendas de grande parte das organizações é a da preocupação com o volume de vendas gerado, cabendo ao departamento de marketing a tarefa de apurar a estratégia e rentabilidade. **Entretanto**, outra visão mais atual vem ganhando espaço dentro de um mercado cada vez mais globalizado e competitivo. É a visão focada na satisfação do cliente e no lucro da empresa. Hoje os fornecedores de bens e serviços estão vendo o conteúdo informativo de suas ofertas como maior fonte de valor agregado e fator determinante de margens de lucro mais elevadas. Dessa forma cabe à força de venda analisar os dados de venda, medir o tamanho do mercado, orientar os planos de marketing. Neste contexto não podemos desconsiderar o papel da venda pessoal que funciona **como** um elo entre a empresa e o cliente. A venda pessoal é o elemento interpessoal do composto de promoção. Todo o sistema funciona em torno do conceito de vendas de solução, onde o valor agregado está na percepção dos clientes **e** na sua utilização. Os vendedores devem estudar os clientes para conhecer melhor suas necessidades, customizar a oferta fazendo constantes alterações em seu mix de merchandising, e acima de tudo empregar os argumentos adequados à efetivação da venda. É comum no ambiente de vendas encontrarmos dificuldade dos quadros de vendedores/ consultores em

entenderem a diferença conceitual sobre benefícios e vantagens, sendo **a primeira** alguma característica que meu produto tem e está ligada à necessidade do cliente; **e o segundo**, aquilo que meu produto tem e o concorrente não, lembrando que uma vantagem pode ser copiada rapidamente pelos nossos concorrentes (p.e. preço, prazo de entrega e pagamento, etc.). É importante considerarmos cuidadosamente a preparação e utilização das equipes de venda pessoal, **pois** na verdade quando estamos vendendo um produto, a imagem da empresa é imediatamente associada a seu desempenho e comportamento. Vale notar, que igualmente, a escolha da natureza da abordagem de venda, a saber – estímulo /resposta; análise de necessidades e soluções de problemas são fundamentais para o êxito dos planos de venda haja vista que o custo médio por visita até o fechamento de uma venda é alto e relevante nas margens e resultados esperados.

**Por fim**, é de se ressaltar que as empresas estabelecem diferentes objetivos de venda para suas forças de venda, algumas destinando maior tempo à base de clientes atuais, outras para novos produtos, e há ainda modelos de funções diferentes tais como assistência a clientes insatisfeitos e orientação de produtos.

**Consultor - CLÁUDIO GOLDBERG – CONSULTOR DO INSTITUTO MVC – M. VIANNA COSTACURTA ESTRATÉGIA E HUMANISMO**

Fonte: <[http://www.institutomvc.com.br/costacurta/artCG03Estrategias\\_Objeticos.htm](http://www.institutomvc.com.br/costacurta/artCG03Estrategias_Objeticos.htm)>. Acesso em: 8 ago. 2008.

1. Em que tipo de meio (impresso ou digital) você acha que ele foi publicado? Justifique a sua resposta baseado em indicações retiradas do *layout* do texto.
2. Em que tipo de veículo (jornal, revista, blog, chat ) ele parece ter sido publicado?
3. Que informações acerca do autor o texto oferece?
4. Em que tipo de seção esse texto se encaixa?
5. A que público leitor o texto parece ser indicado?
6. Procure retirar as principais informações apresentadas pelo texto.
7. Observe os termos e expressões sublinhados ao longo do texto. Identifique a que termos e expressões eles se referem.

8. Os termos e expressões em negrito dentro do texto podem ser caracterizados como elementos coesivos referenciais ou seqüenciais? Justifique sua resposta.
9. Identifique a função textual dos conectores **como**, **e**, **entretanto**, **pois** destacados no texto na cor verde.



## LEITURAS COMPLEMENTARES

APOIO A PORTUGUÊS. **Coesão textual**. 16 abr. 2007. Disponível em: <<http://apoioptg.blogspot.com/2007/04/coeso-textual.html>>. Acesso em: 8 ago. 2008.

GRAMÁTICA ON-LINE: português para concursos. Exercícios de coerência e coesão textual. 11 jul. 2005. Disponível em: <<http://gramaticaonline.blogspot.com/2005/07/exercicios-de-coerencia-e-coeso-textual.html>>. Acesso em: 8 ago. 2008.

Continue estudando coesão. A partir da mesma indicação dada na aula anterior. Existem inúmeros livros que podem servir de um bom material de estudos para você, tais como os utilizados como referência para a elaboração desta aula. No entanto, alguns *sites* na internet também podem ser úteis para estudar. Experimente o *site Apoio a Português*, nele você vai encontrar a explicação sobre alguns mecanismos de coesão. Ou, se preferir, responda a alguns exercícios *on line* no *site Gramática On-line: português para concursos*.

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Sousa-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - <http://www.sxc.hu/photo/1188214>





# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 07**  
**COERÊNCIA**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**



## APRESENTANDO A AULA



Na aula anterior, você tomou contato com alguns mecanismos de coesão textual. A coesão textual diz respeito à estrutura, ou à tessitura do texto, isto é, diz respeito à forma como as palavras, as expressões, as frases, as orações, os parágrafos, interligam-se formando enunciados mais complexos. Agora você vai estudar sobre coerência textual. A coerência não trata da estrutura do texto, mas se relaciona com ela na medida em que auxilia e é auxiliada pela coesão. A coerência textual contribui para a construção dos sentidos do texto.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Entender o que é coerência textual.
- Conhecer os princípios da coerência textual.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

Antes de discutir o que é coerência, como temos feito até agora com o conceito de coesão e seus mecanismos, vamos ler o pequeno texto abaixo:

Subi a porta e fechei a escada.  
Tirei minhas orações e recitei meus sapatos.  
Desliguei a cama e deitei-me na luz

Tudo porque  
Ele me deu um beijo de boa noite...

Autor Anônimo

(apud ANTUNES, 2005, p. 174)

O texto do autor anônimo apresentado acima faz sentido? Ele “diz” alguma coisa? Se observarmos os versos separadamente, notamos que a relação entre os verbos e seus complementos é incoerente, não subimos a porta nem recitamos sapatos, mas se estabelecermos uma relação entre o primeiro conjunto de três versos e os dois últimos, podemos perceber o sentido da incoerência prévia: o eu-lírico está apaixonado. A desordem proposital funciona como um signo, ou melhor, uma representação da paixão. Assim, o texto faz sentido justamente pela sua ausência de organização lógica.

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### Conceito de coerência

O texto da seção anterior é interessante, não é? Obviamente não podemos esquecer que ele é um texto poético, um gênero em que se pode exceder os limites da realidade e da lógica. Mas ele é bastante útil para compreendermos que a coerência diz respeito às possibilidades de sentido do texto.

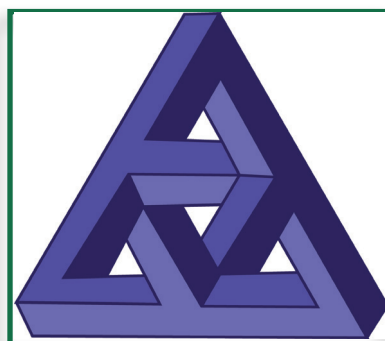


Fig. 01

Fonte: ROCHA (2013)

**Coerência** é o que faz com que o texto tenha sentido para o leitor. Não depende do texto em si, mas dos elementos lingüísticos e de sua organização; do conhecimento do mundo partilhado pelo autor e pelo leitor; de fatores da situação de comunicação em que o texto foi produzido e está sendo lido. A coerência é vista, assim, como um princípio de interpretabilidade do texto, num processo cooperativo entre quem escreve e quem lê. Por mais organizado que esteja o texto do ponto de vista estritamente lingüístico, a compreensão não se dará se não houver coerência.

Em relação aos elementos lingüísticos (vocabulário, estruturação morfosintática da língua, pontuação...), o seu mau uso pode ser responsável por incoerência em nível local e não prejudicar o conjunto. Mas, se o produtor de um texto violar em alto grau o uso desses elementos, seu leitor não conseguirá estabelecer o sentido e o texto poderá ser considerado incoerente.



Fonte: ROCHA (2013)

Fig. 02

Já o conhecimento de mundo partilhado entre produtor e leitor dá coerência ao texto na medida em que dados armazenados na memória são ativados durante a leitura (como, por exemplo, as informações que o leitor já possui sobre o tema tratado, sobre determinado registro de linguagem ou sobre as características de determinado gênero). Esse conhecimento é um elemento facilitador da compreensão e, em conseqüência, ajuda a estabelecer a coerência.

Do mesmo modo, os fatores de situação de comunicação em que o texto foi produzido e está sendo lido, chamados de pragmáticos, também afetam o estabelecimento da coerência. O produtor do texto deve lembrar que este deve ser tão informativo quanto possível (máxima da **quantidade**); fornecer sempre a verdade possível de ser comprovada (máxima da **qualidade**); ser pertinente e relevante (máxima da **relação**); ser claro (máxima do **modo**).

Por exemplo, um texto que não tenha caráter literário ou criativo, ou seja, um texto mais técnico ou científico ou mesmo um documento, deve evitar fornecer informações que não possam ser comprovadas, assim, ele deve ser passível de ser analisado e comprovado a partir de dados quantitativos e qualitativos que possam ser buscados fora desse mesmo texto. Assim ele apresentará coerência externa. Da mesma forma, não podemos encontrar dados ou opiniões contraditórias ou conflitantes dentro desse mesmo texto. Então, ele deve também apresentar uma progressão de idéias relevantes e que se relacionem entre si de forma clara e precisa (seguindo, assim, as máximas de qualidade, relação e modo).

Quando lemos qualquer texto, ele estabelece conosco, leitores, uma espécie de pacto que nos permite prever aquilo que vamos encontrar ao longo dele. Assim, ao nos depararmos com uma história em quadrinhos cujo personagem principal é um super-herói (super-homem, por exemplo), sabemos que ele poderá voar, ver através das paredes, ter superforça, etc. Esse texto não teria coerência externa, pois os seres humanos não podem fazer todas essas coisas, mas como o texto é uma história em quadrinhos, sua coerência diz respeito a esse gênero, portanto, podemos acreditar naquela realidade própria do texto.

Da mesma forma, ao lermos a fórmula inicial “Era uma vez...” em qualquer texto, sabemos que podemos esperar o desfile de uma série de personagens maravilhosos que voam em vassouras, transformam-se em outros seres, dormem 100 anos para acordar ainda jovens e belas, etc.

Seria um choque para nós, por exemplo, se esse tipo de texto subvertesse as coisas e apresentasse princesas trabalhando dois expedientes, cansadas e mal-humoradas ao chegar em casa após o trabalho, tendo de educar os filhos e brigando com o príncipe encantado.

Esse tipo de subversão chama tanta atenção que filmes de sucesso acabaram por ser criados com essa perspectiva, de quebrar a rotina de predições do leitor quanto à natureza da história que eles esperam encontrar. É o caso da animação infantil *Shrek* ou do filme *Encantada*, por exemplo.

No entanto, se lemos que aquele texto apresenta o resultado de pesquisa realizada em tal local com tal público, ou se lemos que o texto relata fatos ocorridos

em tal momento e em tal local, tendemos a acreditar naquele texto como uma verdade, algo realmente ocorrido em nosso mundo num determinado momento.

Aliás, você sabia que muitos autores de literatura utilizam esse tipo de recurso para brincar com os leitores, fazendo-os acreditar que aquele texto que leram foi algo que realmente ocorreu? Esse costuma ser um recurso importante nos romances. É por isso, por exemplo, que tantas pessoas acreditam nos fatos narrados no romance *O código da Vinci*, do escritor Dan Brown. Ele mistura elementos históricos com elementos ficcionais e nós, leitores, tendemos a acreditar que tudo aquilo que ele narra é verdadeiro.

O fato é que os interlocutores de qualquer situação comunicativa sempre se tornam mutuamente cooperativos, ou seja, têm o objetivo comum de alcançar uma intenção comunicativa, assim não só o enunciador pressupõe um sentido para o texto que produz, mas o receptor tenta, a todo custo, estabelecer um sentido para a seqüência textual que recebe e, para isso, usa todos os recursos de que dispuser elaborando previsões sobre o texto, inferindo significados, complementando lacunas. Mesmo o texto construído para o absurdo tira desse esforço em direção à comunicação, o seu sentido. Observe o texto abaixo:

### Exemplo 1

Era briluz. As lesmolisas touvas  
Roldavam e relviam nos gramilvos.  
Estavam mimsicais as pintalouvas,  
E os momirratos davam grilvos.  
``Foge do Jaguadarte, o que não morre!  
Garra que agarra, bocarra que urra!  
Foge da ave Felfel, meu filho, e corre  
Do frumioso Babassurra!"  
Êle arrancou sua espada vorpal  
E foi atrás do inimigo do Homundo.  
Na árvora Tamtam êle afinal  
Parou, um dia, sonilundo.



E enquanto estava em sussustada sesta,  
Chegou o Jaguadarte, ôlho de fogo,  
Sorrelfflando através da floresta,  
E borbulia um riso louco!  
Um, dois! Um, dois! Sua espada mavorta  
Vai-vem, vem-vai, para trás, para diante!  
Cabeça fere, corta, e, fera morta,  
Ei-lo que volta galunfante.  
``Pois então tu mataste o Jaguadarte!  
Vem aos meus braços, homenino meu!  
Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!"  
Êle se ria jubileu.  
Era briluz. As lesmolisas touvas  
Roldavam e relviam nos gramilvos.  
Estavam mimsicais as pintalouvas,  
E os momirratos davam grilvos.

(Lewis Carroll - *O Jaguadarte* - Tradução de Augusto de Campos)

O poema *O jaguadarte*, exposto no exemplo 1, foi escrito para o romance *Alice através do espelho*, do escritor inglês Lewis Carroll<sup>1</sup>. Apesar de um vocabulário que apela para o absurdo, com palavras totalmente novas, recriadas a partir de outras palavras, o texto ganha sentido. Observa-se uma seqüência de ações (coesão seqüencial), referência e retomada de termos anteriores (coesão referencial) e organização estrutural do texto (em versos e estrofes). Observa-se a descrição de uma paisagem, assim como o relato de um acontecimento em que estão envolvidos personagens. O obstáculo do vocabulário, desconhecido, acaba por tornar-se menor em função da organização do texto.

1 **Lewis Carroll**, pseudônimo de **Charles Lutwidge Dodson**, (1832 — 1898), foi um matemático, professor e escritor inglês. Escreveu *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Alice através do Espelho* (1872). Era apaixonado por vários tipos de jogos, tanto que inventou um grande número de enigmas, jogos matemáticos e de lógica, gostava de teatro e era freqüentador de ópera. Os livros infantis de Carroll contêm inúmeros problemas de matemática e lógica ocultos no seu texto. *Alice através do espelho*, por exemplo, é todo construído como um jogo de xadrez.

Observe outro tipo de exemplo como o que segue:

### **Exemplo 2**

Caro papai, ontem fez uma bela noite! O Sol brilhava entre as trevas. E eu, sentado em uma pedra de pau, à sombra de uma árvore sem troncos nem galhos, escutava atentamente um mudo falando consigo aos companheiros: - Prefiro mil vezes a morte à vida... Ao longe, próximo dali, havia um bosque sem árvores. Os pássaros saltavam de galho em galho, e os elefantes descansavam à sombra de um pé de couve. Corri devagar em direcção à minha casa, e entrei pela porta dos fundos que fica na frente. Como já era cedo, deitei o paletó na cama e me pendurei no cabide, onde, após dormir um bom sono, sonhei que estava acordado. Aí, dei marcha a ré e rumei para o banheiro, onde me serviram o jantar. Depois de ter comido o guardanapo, limpei a boca com o bife, olhei para o lado e vi um cego lendo um jornal religioso sem letras, que dizia: "Os quatro evangelistas são três: Esaú e Jacu.

Fonte: <[http://www.anedotas.rir.com.pt/anedota\\_sem\\_nexo.htm](http://www.anedotas.rir.com.pt/anedota_sem_nexo.htm)>. Acesso: 28 jul. 2008.

O texto do exemplo 2 não faz muito sentido, não é mesmo? Ele é propositalmente incoerente. Mas qual seria a sua intenção comunicativa, então, se a incoerência impossibilitaria a comunicação? Na verdade, nesse tipo de texto, a incoerência é, justa e paradoxalmente, o motor da intenção comunicativa. Ou seja, o texto, estando incoerente, atira a atenção do leitor e gera o riso. Assim, os fatores de incoerência do texto são, justamente, o que o tornam mais interessante.

## ATIVIDADE 01

1. Só para relembrar, responda:

- a. O que é coerência?
- b. Quais as máximas a que um texto deve obedecer para ser coerente?
- c. É possível estabelecer coerência em um texto que não apresente coesão?
- d. Sob outro ponto de vista, é possível um texto absolutamente coeso não apresentar coerência?



Assim como os recursos da coesão, os fatores de coerência podem ser manipulados pelo produtor do texto de acordo com o seu interesse de comunicação. O texto, portanto, só será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação de comunicação, levando em consideração a intenção comunicativa, os objetivos, o destinatário do texto, as regras socioculturais, entre outros elementos, assim como o próprio uso da linguagem. Existem diversos fatores de coerência. Aqui vamos ver alguns deles.

### Coerência externa

Sobretudo no que se refere a textos técnicos e científicos (em artigos científicos e relatórios, por exemplo), deve-se entender coerência externa como a não-contradição entre as informações expostas no texto e os fatos e os conceitos. É preciso que os conhecimentos apresentados no texto sejam compatíveis com aquilo que é reconhecido como verdadeiro e pertinente no mundo dito real.

Constituem exemplos de falha de coerência externa as seguintes afirmações:

**Exemplo 3:**

70% da população brasileira é composta de jovens.

**Exemplo 4:**

As pessoas roubam porque têm fome.

**Exemplo 5:**

O abandono do menor é conseqüência natural da crise econômica que marginaliza os pais e não lhes dá condições de sustentar os filhos.

**Exemplo 6:**

O sistema solar possui sete planetas.

Para compreender a incoerência dessas afirmações, no entanto, o produtor e o leitor precisam estar bem informados, reciclando-se por meio de leitura contínua, principalmente por inserirem-se em uma realidade em veloz processo de mudança.

Não basta, contudo, um banco de dados para organizar um texto coerente, se não houver profundidade de reflexão e espírito crítico para relacioná-los, estabelecer hipóteses, analisar causas e conseqüências. Pode ser difícil compreender um texto coerente, mas complexo ou pode-se ser incapaz de perceber a incoerência de um texto aparentemente bem escrito. O pensar, nesse caso, permite ao produtor do texto colocar-se como autor, isto é, estabelecer um compromisso com o leitor exigente, que também é inscrito na sua cultura.

O conhecimento de mundo, portanto, é um importante fator de coerência de um texto. Esse é um conhecimento que vamos adquirindo à medida em que vivemos e que constituem nossa memória. É o conhecimento de mundo, por exemplo, que nos faz identificar como incoerente o texto do exemplo 2. Sabemos que o sol não brilha nas trevas, que não conseguimos dormir pendurados no cabide ou limpar a boca com um bife após comer um guardanapo.

É, portanto, a partir do mundo em que vivemos, que construímos os modelos de mundo representados nos textos. Cada texto possui o seu universo textual que é, em geral, uma cópia fiel do mundo exterior, que chamamos de real. Assim, para que o leitor possa compreender o texto, ele sempre estabelece uma espécie de comparação entre esse universo do texto e aquilo que conhece do mundo real. Esse fator de comparação é mais amplo na medida do conhecimento que cada leitor possui. Quanto mais conhecemos, mais possibilidades de leitura e compreensão, ou seja, de comparação entre os universos textuais e o mundo real, nós temos.

## ATIVIDADE 02

1. O que é coerência externa?
2. Justifique porque os enunciados abaixo não possuem coerência externa:
  - a) A grande maioria dos estudantes de EAD opta por essa modalidade porque gosta de estudar sozinho.
  - b) A gravidade da Lua é cinco vezes mais forte que a da Terra.
  - c) Dados de pesquisa demonstram que o brasileiro está ficando cada dia mais pobre.



## COERÊNCIA INTERNA

Para Charolles (1997), um texto coerente satisfaz a quatro requisitos: a **continuidade**, a **progressão**, a **não-contradição** e a **relação**. São esses os requisitos definidores da coerência interna, válidos, sobretudo, para textos redigidos em linguagem denotativa e com o objetivo de informar, solicitar, explicar ou convencer (é o caso dos gêneros da esfera acadêmica, técnica e científica). Vamos estudar um pouco sobre esses quatro requisitos:

### Continuidade

Ao longo de um texto coerente, ocorrem repetições, retomadas de elementos (palavras, frases e seqüências que exprimem fatos e conceitos). Essa retomada é normalmente feita com o auxílio de elipses, catáforas/anáforas e reiterações, os mecanismos de coesão referencial. É essa retomada contínua a responsável pela manutenção do tema em todo o texto, uma vez que as palavras-chave estarão presentes sempre (seja sob

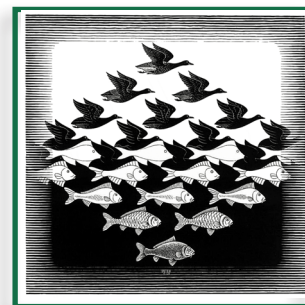


Fig. 03

Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-C1t-7ioWgpQ/UTyQ89zchPI/AAAAAAAAAss/AAAAAAAAAAss/OmR3mmmpC18/s1600/escher\\_sky\\_water.gif](http://1.bp.blogspot.com/-C1t-7ioWgpQ/UTyQ89zchPI/AAAAAAAAAss/AAAAAAAAAAss/OmR3mmmpC18/s1600/escher_sky_water.gif)

a forma de sinônimos ou de elipses, por exemplo).

É muito comum, por falta de continuidade, os parágrafos de um texto não se inter-relacionarem, funcionarem como se fossem textos independentes. Ou até mesmo um parágrafo apresentar mais de uma idéia central sem a devida confluência entre ambas. Ou ainda a conclusão final apresentar-se inteiramente autônoma, sem a retomada de elementos-chave encontrados na introdução e no desenvolvimento do texto.

Para estabelecer continuidade em um texto, é preciso que ele agregue ideias novas às ideias já conhecidas que ele traz. Mas isso precisa ser feito de um modo equilibrado.

Muitas vezes, esse agregar de ideias novas exige do leitor um certo esforço no sentido de interpretar o texto. Veja o exemplo 7:

**Exemplo 7:**

Mário comprou um Pálio do ano.

Para compreendermos o enunciado do exemplo 7 é preciso sabermos que Pálio é o nome de um determinado tipo de carro, não é mesmo? Assim, podemos extrair muitas informações interessantes desse enunciado:

1. Mário tem crédito ou dinheiro.
2. Mário comprou um carro.
3. O carro que Mário comprou é um Pálio.
4. O Pálio é produzido pela empresa Fiat.
5. Mário tem um carro novo.

Todas essas ideias foram extraídas do enunciado do exemplo 7. Evidentemente são **inferências**<sup>2</sup> que têm diferentes valores de importância. Ou seja, a ideia 4 é menos importante que a 2, por exemplo, visto que a intenção comunicativa do exemplo 7 é informar da compra do Pálio novo.

Todas essas ideias extraídas do exemplo 7 foram baseadas em conhecimento prévio que, como leitores, somos capazes de elaborar com base em nosso

---

<sup>2</sup> **Inferência** é a operação pela qual um leitor/ouvinte, usando seu conhecimento de mundo, estabelece uma relação não explícita entre dois ou mais elementos do texto que ele busca compreender.

conhecimento de mundo. Ou seja, a ideia nova no enunciado 7 é a compra do carro por Mário, mas para compreendermos isso, precisávamos estabelecer relação entre o que já sabíamos sobre carros, não é mesmo?

Se quiséssemos agregar mais informações a esse enunciado, teríamos de seguir outras regras de coerência, como as que veremos a seguir.

A verdade é que, quanto mais conhecemos ou mais familiaridade temos com o tema ou com os interlocutores, mais inferência podemos fazer sobre os enunciados.

## Progressão

Em um texto coerente, o tema tratado deve progredir, ou seja, deve-se sempre acrescentar novas informações ao que já foi dito. A **progressão** complementa a **continuidade**: esta garante a retomada de elementos passados; aquela garante que o texto não se limite a repetir indefinidamente o que já foi exposto.

Dessa forma, equilibra-se o que foi dito com o que se vai dizer, garantindo a **continuidade** do tema e a **progressão** das ideias. Os mecanismos de coesão seqüencial contribuem, de forma decisiva, para que esse processo de **progressão** se torne legível. Ao utilizar um conector, uma partícula seqüenciadora ou ativar um campo lexical associado ao tema tratado, o produtor do texto estará acrescentando, com o auxílio desses mecanismos lingüísticos, informações novas.

Observe o exemplo a seguir:

### Exemplo 8:

O oceano é, à nossa vista, composto de água.

O oceano se compõe de uma solução de gases e sais.

O oceano não é água.

Os três enunciados do exemplo 8 são construções aparentemente independentes e até contraditórias, visto que o último nega o primeiro, mas, em um texto, utilizando os elementos coesivos apropriados, eles podem compor um todo coerente, a partir de um conhecimento prévio e agregar ideias novas, gerando novos conhecimentos. Veja o resultado dessa possibilidade no exemplo a seguir:

**Exemplo 9:**

O oceano é, à nossa vista, composto de água, mas, na verdade, ele se compõe de uma solução de gases e sais, portanto, o oceano não é água somente.

A ideia de que o oceano é de água, é uma ideia óbvia e não traz conhecimento, baseia-se no senso comum. Para agregar informação nova, foi preciso estabelecer uma ideia de adversidade (mas) com o enunciado anterior e, por fim, concluir (portanto) com o último enunciado que, para não ficar contraditório, foi modalizado pelo termo “somente”.

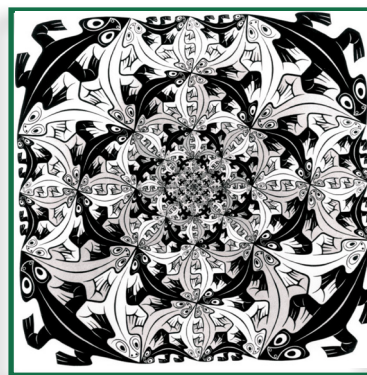
O acréscimo de ideias novas é, portanto, essencial para a construção da qualidade do texto, evita a redundância, ou seja, o texto que discorre sobre uma única ideia, cujo discurso é circular, mas precisa ter cuidado com a contradição.

Não se deve esquecer, por fim, que a progressão é a soma de ideias novas que se vão adicionando umas às outras por meio de comentários e de novas informações.

## Não-contradição

Em um texto coerente, não devem surgir elementos que contradigam aquilo que já foi exposto. O texto não deve destruir a si mesmo, tomando como verdadeiro aquilo que já foi considerado falso, ou vice-versa. Esse tipo de contradição só é tolerado se for intencional.

Não se deve confundir a **não-contradição**



Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-dSQKjgdXs1M/TY90qJLiti/AAAAAAAAAAUe/IFottT7Mjw/s1600/Escher\\_1.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-dSQKjgdXs1M/TY90qJLiti/AAAAAAAAAAUe/IFottT7Mjw/s1600/Escher_1.jpg)

**Fig. 04**



com o contraste. A aproximação de idéias e fatos contrastantes é um recurso muito freqüente no desenvolvimento da argumentação. Afirmar, por exemplo, que o Brasil tem uma economia comparável às dos maiores países do mundo para, a seguir, declarar que a distribuição de renda no país é a pior do mundo não é uma contradição. É um contraste, que pode servir ao desenvolvimento de uma linha argumentativa.

É muito comum o aparecimento da contradição na conclusão. O produtor do texto redige um parágrafo final que não é decorrência dos dados anteriores e ainda os contradiz. Observe o exemplo a seguir:

**Exemplo 10:**

O Brasil está crescendo continuamente. A progressão de renda da população brasileira se dá em ritmo acelerado desde o exercício anterior. Tanto que a renda per capita do brasileiro médio já se equipara à do indivíduo do primeiro mundo. O que implica, necessariamente, uma revisão que a equipe econômica do governo deve tomar em função de uma queda dos juros que eleve a qualidade de vida e diminuindo o abismo social em que a maioria da população se encontra. O Brasil jamais se equipará ao primeiro mundo se continuar apresentando tantos problemas de distribuição de renda.

O texto exposto no exemplo 10 apresenta uma evidente contradição, pois inicia afirmando uma equiparação de renda entre brasileiros e indivíduos do primeiro mundo e termina negando essa equiparação.

Para evitar a contradição é fundamental manter em foco o tema do texto. Manter o foco de um texto não significa repetir o mesmo tema continuamente, mas substituí-lo de forma atenta para que não haja o perigo de dar ênfase a algo que acabe por desqualificar as afirmações já feitas anteriormente.

## Relação

Em um texto coerente, os fatos e os conceitos devem estar relacionados. Essa **relação** deve ser suficiente para justificar sua inclusão num mesmo texto. Todas as informações, opiniões e comentários expostos devem estar centrados no propósito do produtor e rigorosamente associados ao tema e à intenção comunicativa veiculada no texto.

Por outro lado, a falta de coesão, como também sendo uma falha no requisito da **relação**, impede a coerência interna. Parágrafos longos, compostos de períodos sem pontuação; frases fragmentadas em que orações subordinadas são colocadas entre dois pontos finais; emprego inadequado das conjunções; repetições lexicais excessivas ou falta de concordância entre pronomes e seus antecedentes impedem a articulação das informações, dos comentários e das opiniões. Observe o exemplo:

### Exemplo 11:

Maria gostava do Ricardo e um belo dia aceitou encontrá-lo na porta do cinema. Maria estava na porta do cinema pouco antes da sessão, mas Ricardo chegou na hora, portanto Maria e Ricardo não se encontraram e viveram felizes para sempre.

Na narrativa do exemplo 11, a relação entre os enunciados é estabelecida pelos conectivos **mas, portanto, e**. Esses conectivos, no entanto, tornam o texto incoerente por serem utilizados de forma inadequada.

### ATIVIDADE 03

1. Utilize conectivos adequados e corrija os problemas de coesão presentes no texto do exemplo 11.
2. Estabeleça relação em os conceitos de continuidade, progressão e não contradição.





## RESUMINDO

Nesta aula, você estudou alguns aspectos que tornam um texto mais coerente, ou seja, observou que um texto deve ter continuidade de idéias, no entanto, essa continuidade, para não tornar-se redundante, deve vir associada a um progressivo acréscimo de novas idéias. As idéias agregadas precisam ser comprováveis do ponto de vista da relação que elas apresentam entre si e com o mundo externo ao texto e também não podem ser contraditórias, ou seja, devem convergir para um objetivo final, o objetivo que o texto pretende alcançar. Esses cuidados são fundamentais, principalmente, ao construirmos textos de caráter técnico, acadêmico e científico, que devem primar pela objetividade, pela precisão e pela clareza.

## LEITURAS COMPLEMENTARES

Você vai encontrar material interessante de estudo no sítio *Coerência e Coesão Textuais*. Ele apresenta algumas considerações acerca de coesão e de coerência textuais.

**COERÊNCIA e coesão textuais.** Disponível em: <[http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/coerencia\\_coesao.htm](http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/coerencia_coesao.htm)>. Acesso em: 11 de agosto de 2008.

Se você ainda não assistiu, assista aos filmes seguintes, observando como a graça que eles apresentam está, justamente, no fato de mexerem com a noção de coerência interna e externa, subvertendo aquilo que se espera do comportamento de personagens de contos de fada.



**ENCANTADA.** Direção de Kevin Lima. [S. I.]: Buena Vista Pictures, 2007.



Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/\\_IZmi8NV6C2s/SxguzcTFFI/AAAAAAAAABC8wAaAENSrc7Io/s400/A+Apoteose+de+Homero+-+Jean+Auguste+Dominique+Ingres,+1827.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_IZmi8NV6C2s/SxguzcTFFI/AAAAAAAAABC8wAaAENSrc7Io/s400/A+Apoteose+de+Homero+-+Jean+Auguste+Dominique+Ingres,+1827.jpg)

**Fig. 05**

**SHREK.** Direção de Andrew Adamson e Vicky Jenson. [S. I.]: Dream Works, 2001.



Fonte: [http://3.bp.blogspot.com/-X8zdsE6g06w/UdLFgCPqTOI/AAAAAAAAFFA/\\_wGgc-870L4/s1600/shrek1.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-X8zdsE6g06w/UdLFgCPqTOI/AAAAAAAAFFA/_wGgc-870L4/s1600/shrek1.jpg)

**Fig. 06**

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Prábola Editorial, 2005.

CHAROLLES, M. **Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas**. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Org.). *O texto: leitura e escrita*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997. p. 7 - 41.

INFANTE, U. **Do texto ao texto: curso prático de leitura e produção de textos**. São Paulo: Scipione, 1998. p. 88 - 94.

KOCH, I. G. V. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 13 - 21.

KOCH, I. G. V.; VILELA, M. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001. p. 553 - 560.

THEREZO, G. P. **Como corrigir redação**. 3. ed. Campinas, SP: Ed. Alínea, 1999. p. 36 - 41.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - ROCHA (2013)

**Figura 02** - ROCHA (2013)

**Figura 03** - [http://1.bp.blogspot.com/-C1t-7ioWgpQ/UTyQ89zcHPI/AAAAAAAAAss/OmR3mnmpCl8/s1600/escher\\_sky\\_water.gif](http://1.bp.blogspot.com/-C1t-7ioWgpQ/UTyQ89zcHPI/AAAAAAAAAss/OmR3mnmpCl8/s1600/escher_sky_water.gif)

**Figura 04** - [http://1.bp.blogspot.com/-dSQKjgdXs1M/TY90qJILitI/AAAAAAAAAuE/iFottTN7Mjw/s1600/Escher\\_1.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-dSQKjgdXs1M/TY90qJILitI/AAAAAAAAAuE/iFottTN7Mjw/s1600/Escher_1.jpg)

**Figura 05** - [http://1.bp.blogspot.com/\\_IZmt8NV6C2s/SxguzcTffFI/AAAAAAAAABC8/wAaENSrc7lo/s400/A+Apoteose+de+Homero++Jean+Auguste+Dominique+Ingres,+1827.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_IZmt8NV6C2s/SxguzcTffFI/AAAAAAAAABC8/wAaENSrc7lo/s400/A+Apoteose+de+Homero++Jean+Auguste+Dominique+Ingres,+1827.jpg)

**Figura 06** - [http://3.bp.blogspot.com/-X8zdsE6g06w/UDLFgCPqTOI/AAAAAAAAAFFA/\\_wGGc-870L4/s1600/shrek1.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-X8zdsE6g06w/UDLFgCPqTOI/AAAAAAAAAFFA/_wGGc-870L4/s1600/shrek1.jpg)

# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

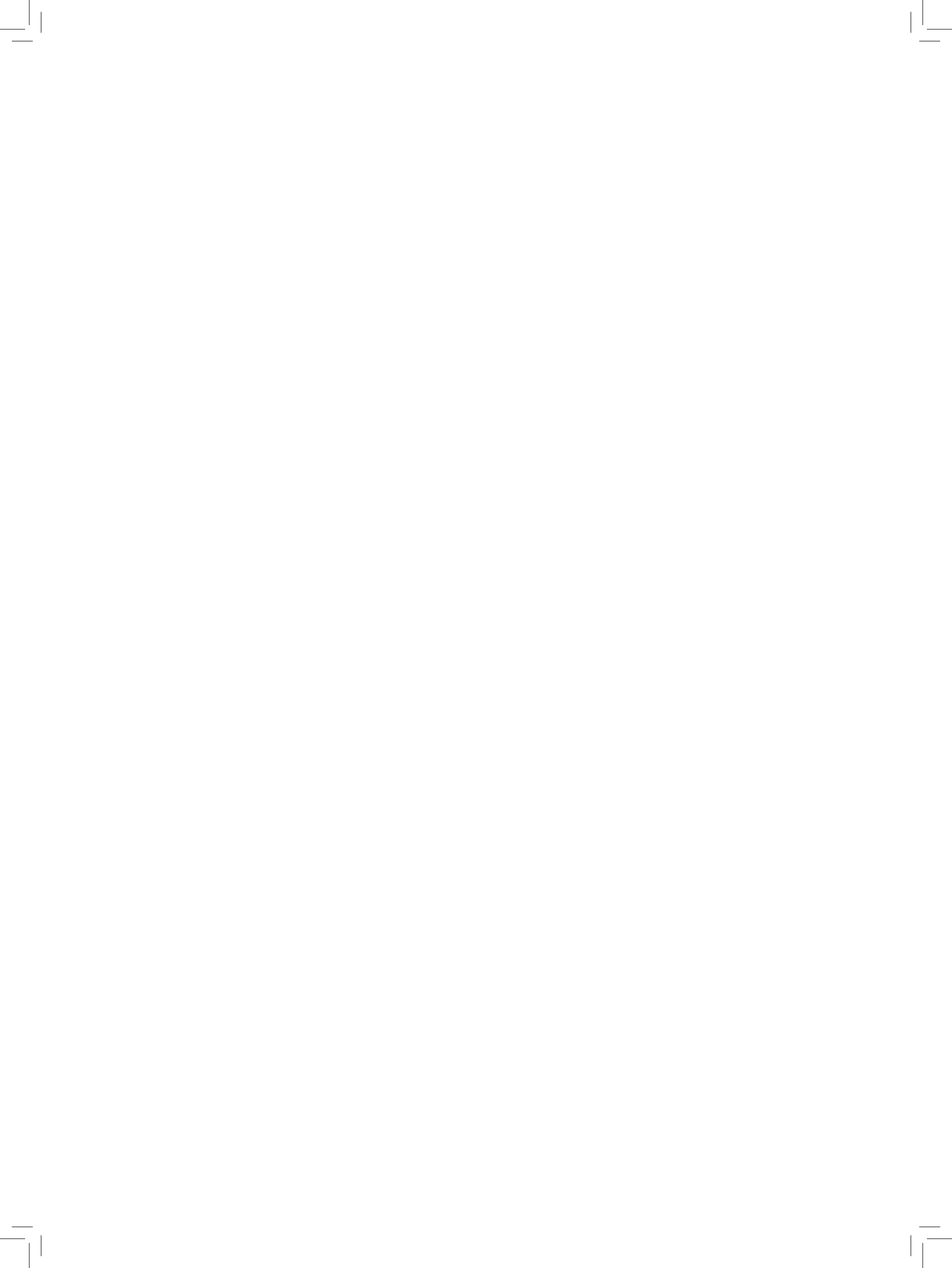
**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 08**  
**PROGRESSÃO TEXTUAL**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

A partir dessa aula você vai compreender a forma como o discurso se organiza em diferentes gêneros textuais. Você estudou, na aula anterior, algumas regras de coerência interna e externa. Nesta aula, você irá se debruçar sobre a progressão do texto. Ou seja, como ele progride a partir da inclusão de novos aspectos do tema desenvolvido. Esse assunto está ligado à coesão e à coerência.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Conhecer as formas de organização e progressão do discurso.
- Entender as operações retrospectivas (correferenciação, paráfrase e reiteração) e as operações prospectivas.



## PARA COMEÇO DE CONVERSA

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra

(Carlos Drummond de Andrade - No meio do caminho).

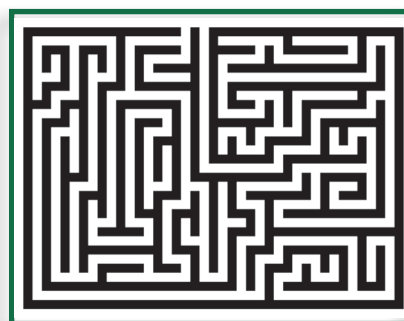
O poema parece um tanto repetitivo para você? Observe bem. Veja como o autor, apesar de repetir o mesmo enunciado, recorta-o, levando o leitor a observá-lo sob diferentes perspectivas. O que seria essa pedra tão reiterada por Drummond? Por que ele nunca a esqueceu e ela marcou de forma tão veemente a sua vida, ou, como ele afirma, suas “retinas fatigadas”?

Nesta aula, nós vamos discutir um pouco como podemos organizar o nosso discurso de forma a fazê-lo progredir, sem se tornar cansativo, redundante ou impreciso para o leitor. O poema **No meio do caminho**, de Drummond, é um exemplo interessante de como podemos dizer coisas diferentes através da repetição organizada de ideias, uma sequência textual. Vamos descobrir.

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### 1. ORGANIZAÇÃO E PROGRESSÃO DO DISCURSO

Ao construirmos o nosso discurso utilizamos uma série de recursos para organizarmos as informações. Uma das maneiras de processarmos as informações no texto é através dos movimentos de **retrospectiva**, isto é, de recuo e recuperação do que já foi dito, e de **prospecção**, que são os avanços operados com o fornecimento de conteúdo novo.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1024076>

Fig. 01

Esses movimentos se constroem, basicamente, por meio do vocabulário (palavras) e da gramática (as combinações morfossintáticas), ou seja, através dos mecanismos de coesão textual.

No entanto, apenas conhecer as regras de coesão textual não é suficiente. O discurso precisa ser alimentado com informações novas e pertinentes àquele contexto de comunicação específico. Além disso, essas informações devem vir ordenadas de tal modo que se perceba claramente a linha de raciocínio seguida pelo locutor. Principalmente em discursos de natureza técnica, acadêmica e científica.

### Progressão do Discurso

Não há dúvida de que a quantidade e a qualidade das informações dadas em um texto têm valor significativo na constituição do discurso e conseqüências (positivas ou negativas) para a interação comunicativa.

Para alcançarmos sucesso no processo comunicativo, precisamos estar atentos aos princípios de:

**a) Quantidade:** devemos evitar dizer mais ou menos do que é necessário. Em outras palavras, devemos fornecer informação na medida certa, que satisfaça o interlocutor e que esteja adequada ao seu nível de compreensão.

**b) Relevância:** que está vinculado ao anterior, lembrando que não devemos

colocar no texto informação que não contribua significativamente para aquela situação comunicativa específica. Quer dizer, é preciso informar apenas o que for importante e adequado naquele contexto de interação.

Portanto, considerando-se esses princípios, evitamos tanto o excesso quanto a deficiência de informações, bem como a presença de conteúdos impróprios e sem importância para o assunto em pauta.

Agora, atentos a essas questões em torno da quantidade/qualidade informativa do texto, queremos lembrar que este não é feito apenas de novidades, no sentido de só haver conteúdos emergentes e jamais repetidos. Conforme já assinalamos, ele se constitui, ao mesmo tempo, de operações retroativas e prospectivas. Mas, o que vem a ser isso? Vamos agora detalhar essas noções um pouco mais.

## 2. OPERAÇÕES RETROATIVAS

As operações retroativas, que podem ser classificadas como **correferência**, **paráfrase** e **reiteração**, como o próprio nome já diz, retomam algo que já foi dito, ou seja, referem-se à **conservação** (ou repetição) de informações dadas.

### Remissão correferencial

Vejamos uma dessas operações, a **remissão correferencial**. Através da **remissão** todas as idéias de um texto referem-se a um determinado tema sobre o qual ele está falando, não é mesmo? A esse tema chamamos de referente. A remissão é, portanto, a retomada do referente sobre o qual se fala. Essa remissão pode ser do mesmo referente, de parte dele ou de algo relacionado a ele. Esse tipo de recurso não só indica que se continua falando sobre o mesmo tópico, mas também serve como suporte para a renovação informativa acerca desse tópico. Nós já observamos como isso pode ser feito ao discutirmos coesão referencial, em aula anterior. Observe isso no texto expresso no **exemplo 1**:

**Exemplo 1:****As ciladas do e-mail mal-escrito**

Pega mal, e muito, enviar um e-mail mal-escrito. Nos Estados Unidos, uma pesquisa do Information Mapping revelou que 40% dos entrevistados perdem até meia hora diária lendo mensagens eletrônicas escritas de forma desleixada e pouco eficiente. Segundo o estudo, 80% dos que trabalham em escritórios americanos acreditam que a habilidade de escrever com correção é importantíssima para o desempenho no trabalho. Afinal, pelo menos 63% dos entrevistados daquele país passam até três horas diárias enviando mensagens pelo computador.

(LÍNGUA, 2005, p. 10).

Nesse texto, o referente *"e-mail"* é retomado através dos termos *"mensagens eletrônicas"* e *"mensagens pelo computador"*. Qualifica-se esse referente utilizando-se do atributo *"mal-escrito"*, que é repetido como *"escritas de forma desleixada e pouco eficiente"*. Já o substantivo *"Estados Unidos"* reaparece nas formas *"americanos"* e *"daquele país"*. E, por fim, o termo *"uma pesquisa"* é correferido como *"o estudo"*. Tudo isso gira em torno do tema *"e-mail mal-escrito"*, mas o enunciado do texto traz um novo dado acerca dessa questão.

Um detalhe interessante sobre essas operações de retroação ao já referido é que, mesmo nas repetições, há espaço para a constante renovação. Quer dizer, retoma-se o velho e igual, mas com nova e diferente *"roupagem"*.

Leia o texto a seguir para a realização da atividade 1:

### **Cineasta convive com injeções no olho em filme e na vida real**

“FilmeFobia” é o nome da obra recém-produzida em que o cineasta Jean-Claude Bernardet interpreta um personagem que está ficando cego e o personagem recebe injeções nos olhos. A cena se repete na vida do Jean-Claude Bernardet naturalizado brasileiro, que há três anos tem degeneração macular no olho esquerdo.

Na obra do cineasta Kiko Goifman --ainda não lançada, o personagem de Jean-Claude Bernardet é algo próximo a ele mesmo. Trata-se de um personagem “fronteiriço” do gênero autoficção. Por isso, a semelhança com o problema de visão que faz que Jean-Claude Bernardet tenha que tomar injeções no olho esquerdo desde 2005.

“Após ficar com a maculopatia em 2005, comecei a tomar injeções que duravam cerca de dois meses. Depois, a visão começava a falhar, escurecer. Algumas vezes, isso ocorria de forma rápida. Agora o tratamento está conseguindo estabilizar melhor a doença. Já faz seis meses desde a última injeção que eu tomei”, conta.

Segundo o oftalmologista Rubens Belfort, muitos pacientes precisam de três aplicações, mas outros pacientes ainda têm que tratar por mais tempo, como Jean-Claude Bernardet, que já recebeu 11 injeções.

Os problemas de visão são uma constante na vida de Jean-Claude Bernardet desde 1995, quando sofreu um derrame na mácula do olho direito, danificando sua visão. Uma década depois, Jean-Claude Bernardet percebeu que o outro olho também estava com problema.

“Estava em um restaurante e o garçom trouxe o cardápio. Perguntei se ele não traria uma lanterninha para que eu pudesse ler. Estava com uma amiga que disse que podia ler normalmente. Foi aí que me dei conta de que a luz não estava mais fraca, mas sim que havia acontecido algo com minha visão.”

Os problemas, porém, não puderam parar a produção artística de Jean-Claude Bernardet. Desde 1999, participou em pelo menos quatro produções. É o caso de “Carrego Comigo” (como assistente de direção em 2000) e Sobre Anos 60 (como diretor, em 1999). Além disso, Jean-Claude Bernardet publicou livros como Caminhos

de Kiarostami, em 2005 (Cia. das Letras).

Jean-Claude Bernardet veio ao Brasil aos 13 anos. Jean-Claude Bernardet é diplomado pela “École des Hautes Études” de Paris em Ciências Sociais e doutor em artes pela ECA (Escola de Comunicações e Artes) da USP. Ligado ao Cinema Novo, Jean-Claude Bernardet consagrou-se no meio como um dos roteiristas dos filmes “O Caso dos Irmãos Naves” de 1967, e “Um Céu de Estrelas”, de 1995.

Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u412535.shtml>>. Acesso em: 18 jun. 2008.

## ATIVIDADE 01

1. Vamos treinar um pouco de correferenciação? Reescreva o texto acima substituindo os termos repetidos sempre que possível por outros termos adequados. Se for necessário, faça adaptações nos enunciados.



## Paráfrase

Também é possível fazer essa retomada de termos anteriores de forma diferente, ou seja, sem necessariamente retomar um referente, mas dizendo de outra forma algo que já foi dito, através de **paráfrases**.

As **paráfrases** mais comuns são a **conceituação** e a **explicação** (ou esclarecimentos) de um determinado tópico cuja noção precisa ser melhor explicitada. A primeira segue, mais ou menos, a fórmula “X é Y”; a segunda, em geral, vem precedida de expressões como “ou seja”, “isto é”, “quer dizer”, “significa que”, “em outras palavras” e similares. Essa estratégia é bastante recorrente, por exemplo, nos livros didáticos, em aulas expositivas, nos textos acadêmicos/científicos, entre outros, os quais, em geral, requerem precisão e clareza no tratamento temático.

**Exemplo 2:****O que é comércio?**

Comércio é a troca de produtos. Antigamente, as trocas eram feitas por produtos de valor desconhecido e cada um valorizava seu produto. Hoje, a troca é feita de forma indireta, uma pessoa troca o dinheiro pelo produto que deseja. A invenção do dinheiro contribuiu para a simplificação e promoção do desenvolvimento do comércio.

O comércio pode estar relacionado com a economia formal, isto é, o comércio pode implicar hoje a necessidade de se ter uma firma registrada dentro da lei, uma firma que pague impostos. Ou pode estar relacionado à economia informal, **ou seja**, a firmas sem registros, **isto é**, aquelas que não pagam impostos. O comércio informal traz prejuízos ao país, pois clonam qualquer tipo de produto para a venda mais barata e isso resulta em altíssimos prejuízos.

Fonte: <<http://www.brasilecola.com/economia/comercio.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2008.

Observe que no texto do exemplo 2 as expressões **isto é** e **ou seja**, com destaque em negrito, introduzem explicações sobre os termos sublinhados; essas explicações dizem, em palavras mais compreensíveis, o que o leitor deve saber sobre as expressões sublinhadas. São paráfrases.

Já no caso da paráfrase explicativa, é preciso cuidado para não se cair na circularidade de raciocínio. Queremos dizer com isso que se deve evitar reproduzir com outras palavras o que já foi informado anteriormente, repetindo inutilmente o óbvio. A relevância desses recursos no texto reside no fato de esclarecer para o interlocutor informações que ele provavelmente desconhece ou das quais possui pouca noção. Assim, é como se o locutor se antecipasse à necessidade informativa do outro, preenchendo de antemão as possíveis lacunas de seu conhecimento e lhe satisfazendo a curiosidade de saber. Observe isso no exemplo 3, a seguir.

**Exemplo 3****Carbonato de cálcio – CaCo3**

O CaCo3 é um dos sais mais espalhados na crosta terrestre. Existem muitos terrenos calcários, isto é, ricos em CaCo3. O mármore é uma variedade natural desse mineral.

(CARVALHO, 1997. p. 153).

Note que, nesse texto, temos algumas formas de repetição parafrástica: a primeira está logo no título, através da reescrita de “**Carbonato de cálcio**”, que é simplificado na sigla “**CaCo3**”; a outra paráfrase se encontra na definição do que significa essa referência – “**um dos sais**”; por fim, o esclarecimento acerca dos “**terrenos calcários**” na observação “**ricos em CaCo3**”, introduzida pelo “*isto é*”.

**ATIVIDADE 02**

1. Leia a definição de Escambo a seguir e reescreva o texto utilizando-se de paráfrases que esclareçam melhor o leitor sobre esse termo.

Escambo é um termo que significa troca direta ou seja \_\_\_\_\_ O escambo era feito de acordo com a necessidade dos proprietários dos bens, especialmente quando não existia a moeda. Inicialmente, o homem produzia tudo de que necessitasse em sua terra, o que excedia ele utilizava para escambo, isto é, para \_\_\_\_\_ . Hoje em dia compreende-se o escambo como uma das primeiras formas de comércio.

Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escambo>>. Acesso em: 14 ago. 2008.



## Repetição enfática

É muito freqüente, também, a utilização da repetição em nossos processos comunicativos. A repetição consiste, exatamente no reforço do referente e é feita com o objetivo de dar ênfase àquilo que se fala. No texto literário e até no jornalístico ela é muito utilizada como recurso estilístico. Trata-se da reiteração de palavras/expressões, utilizadas como realce e/ou intensificação de uma idéia, e da recorrência de determinadas construções lingüísticas, em geral, com o fim de conferir reforço a um dado argumento.

Repare nos exemplos 4 e 5, a seguir:

### Exemplo 4:

**Mundo mundo** vasto **mundo**  
se eu me chamasse Raim**undo**  
seria uma rima, não seria uma solução.  
**Mundo mundo** vasto **mundo**,  
mais vasto é meu coração.

(ANDRADE, 1980, p. 18)

### Exemplo 5:

"... Tudo foi dado a eles: **o sacrifício** de direitos, **o sacrifício** de milhões de empregos, **o sacrifício** de incontáveis empresas brasileiras, **o sacrifício** da legitimidade do congresso, **o sacrifício** do patrimônio nacional, o sacrifício da Constituição. E eles quebraram o país... liberando o valor do dólar em relação ao real. Ou seja, desvalorizando ainda mais o real..."

(FREITAS, 1998).

Perceba que, no exemplo 4, a repetição de “*mundo*”, longe de ser uma redundância desnecessária, é, na verdade, um realce estético e uma ênfase semântica, em que o poeta ressalta o contraste entre ele e o “*mundo*”. No segundo texto, exemplo 5, a recorrência insistente de “*o sacrifício*” funciona como suporte para apresentar novas informações de caráter argumentativo.

### ATIVIDADE 03



1. Pesquise um texto poético ou jornalístico que utilize da reiteração como recurso estilístico.
2. Observe o texto abaixo e explique a função da reiteração nele presente.

#### Oito Anos

(Paula Toller e Dunga)

Por que o fogo queima  
 Por que a lua é branca  
 Por que a Terra roda  
 Por que deitar agora  
 Por que as cobras matam  
 Por que o vidro embaça  
 Por que você se pinta  
 Por que o tempo passa

Por que que a gente espirra  
 Por que as unhas crescem  
 Por que o sangue corre  
 Por que que a gente morre  
 Do qué é feita a nuvem  
 Do qué é feita a neve  
 Como é que se escreve  
 Reveillón

### 3. AS OPERAÇÕES PROSPECTIVAS

Vamos agora para uma outra forma de fazer progredir o nosso discurso. Não mais reescrevendo, reforçando ou remetendo ao que já foi dito, mas apontando para o que será dito. Nós também já vimos um pouco como isso acontece através da coesão referencial, da catáfora, lembra? E também através da coesão seqüencial, que permite o avanço do texto através de conectivos e de expressões de tempo e de espaço.



Fonte: ROCHA (2013)

Fig. 02

Os movimentos prospectivos, portanto, acontecem de modo contrário aos movimentos retrospectivos, porém, num certo sentido, relacionam-se a eles. As operações prospectivas são responsáveis pela introdução de material novo no texto, viabilizando o avanço comunicativo. Em outras palavras, permitem a renovação informacional, fornecendo dados que têm a ver com o prosseguimento discursivo. É através desse processo que se garante o fluxo permanente de novos conteúdos pertinentes ao tópico sobre o qual se fala.

É importante lembrar que, nessas operações, os conectores lógicos/argumentativos, representados por advérbios, conjunções, preposições, locuções adverbiais/conjuntivas/prepositivas e equivalentes desempenham um papel fundamental nos ligamentos necessários ao estabelecimento da seqüencialidade e concatenação dos conteúdos. Ainda quanto a isso, é preciso cuidado na utilização desses recursos, a fim de que se mantenham os elos significativos entre as informações dadas.

Confira isso no texto do exemplo 6, a seguir:

#### **Exemplo 6:**

#### **No nosso olho também ocorre refração?**

O olho humano é composto por um sistema de lentes convergentes com funções semelhantes à da máquina fotográfica. As mais importantes

são a **córnea** e o **crystalino**. Esta última possui a propriedade de mudar sua curvatura, denominada **acomodação**.

Por volta dos 40 anos de idade, muitas pessoas passam a ter dificuldade para identificar objetos próximos, porque o cristalino torna-se menos flexível, o que dificulta uma acomodação adequada. Esse problema, denominado **presbiopia**, é corrigido com uma lente **convergente**. Se uma pessoa sofre apenas de presbiopia, deve utilizar óculos de meia armação ou armação inteira com a parte superior com lentes de vidro de superfícies planas, semelhantes às de uma janela. [...] (grifos dos autores)

(GONÇALVES FILHO; TOSCANO, 2002, p. 226)

O texto tem como ponto de partida a resposta à pergunta quanto à ocorrência de refração em nosso olho. Começa, então, o conjunto de informações esclarecendo do que se compõe o olho humano – *“por um sistema de lentes convergentes”*. E prossegue comparando-o a uma *“máquina fotográfica”*. Em seguida, informa quais as lentes que desempenham as funções mais importantes: *“a córnea e o cristalino”*, acrescentando mais uma noção acerca deste último componente. Na segunda parte do texto, os locutores passam a focalizar um problema relacionado à visão. Ancoram esse conteúdo na informação sobre a faixa etária em que isso se dá (*“Por volta dos 40 anos de idade”*), explicam a causa do problema (*“porque o cristalino torna-se menos flexível”*) e o denominam (*“presbiopia”*), mostrando logo depois como corrigi-lo (*“com uma lente convergente”*). Por fim, completam a seqüência informacional procurando orientar a pessoa que sofre de presbiopia.

Nesse texto, podemos perceber claramente os movimentos de retorno e avanço que constituem o processamento discursivo. Algumas evidências desse retorno estão, por exemplo, na construção *“As mais importantes”*, que recupera *“lentes convergentes”*; também na expressão *“Esta última”*, que retoma *“cristalino”*; ou, ainda, em *“Esse problema”*, o qual, ao mesmo tempo em que recua de modo remissivo a *“dificuldade para identificar objetos próximos”*, projeta-se para o termo *“presbiopia”*,

que vem em seguida. As operações de avanço, como você já viu, estão exatamente no fornecimento contínuo de informação nova sobre a refração no olho.

## ATIVIDADE 04

1. Leia o texto a seguir e explique como se dá a progressão textual que passa de uma definição para as formas de prevenção do câncer de pele.



### O que é o Câncer da Pele?

O câncer da pele é um tumor formado por células da pele que sofreram uma transformação e multiplicam-se de maneira desordenada e anormal dando origem a um novo tecido (neoplasia). Entre as causas que predispõem ao início desta transformação celular aparece como principal agente a exposição prolongada e repetida à radiação ultra-violeta do sol.

O câncer da pele atinge principalmente as pessoas de pele branca, que se queimam com facilidade e nunca se bronzeiam ou se bronzeiam com dificuldade. Cerca de 90% das lesões localizam-se nas áreas da pele que ficam expostas ao sol, o que mostra a importância da exposição solar para o surgimento do tumor. A proteção solar é, portanto, a principal forma de prevenção da doença.

Fonte: <<http://www.dermatologia.net/neo/base/cancer.htm>>.

Acesso em: 14 ago. 08

## Ordenação dos Conteúdos Textuais

Nos movimentos de progressão do discurso, um fator de extrema importância é o modo como as informações são dispostas no texto. Isso tem a ver diretamente com a seqüencialidade e o encadeamento dos conteúdos comunicados.

Significa que a ordem e a articulação dadas aos enunciados contribuem decisivamente na organização do discurso, com conseqüências para o cálculo de sentido deste. Informações mal distribuídas e/ou desconectadas resultam num texto de conteúdo disperso e pouco eficaz.



Fonte: NASCIMENTO (2013)

Fig. 03

Um dos fenômenos relacionados à falta de conectividade entre os segmentos discursivos é o da atomização. Refere-se à separação estanque de porções do conteúdo textual, resultando em blocos informativos fechados em si mesmos e, portanto, desarticulados uns dos outros.

Para se ter uma idéia mais exata disso, vejamos o texto do exemplo 7, a seguir:

### Exemplo 7

#### O estudante e a memória

O estudante que deseja adquirir *memória para palavras* começa do mesmo modo que o estudante da *memória para coisas*; isto é, ele memoriza lugares para sustentar suas imagens. Mas ele é confrontado com uma *tarefa muito mais árdua* porque muitos mais lugares serão necessários para memorizar todas as palavras de uma fala do que seriam para suas noções. Assim ele necessita memorizar as coisas para memorizar as palavras e ele memoriza os ambientes e espaços para conseguir associá-los às imagens que geram palavras. Dessa forma é possível memorizar as palavras a partir da memorização das coisas. Portanto, memorizar palavras requer a memorização dos objetos concretos do cotidiano e, assim, sua posterior memorização de palavras.

(Texto elaborado para esta atividade)

Esse texto foi produzido para discutir a memorização como um recurso no processo de aprendizagem de estudantes.

Logo de início, o texto apresenta dois conceitos importantes: a memória das palavras e a memória das coisas. Esses conceitos implicam, aparentemente, em dois tipos de memória que não são (e deveriam ter sido) esclarecidas.

Em seguida, ele relaciona a memória das coisas à memória das palavras afirmando que essas duas memórias são consecutivas, primeiro a memória das coisas, depois a das palavras. Por fim, o texto parte para uma conclusão e, nesse ponto, o problema mais evidente é a redundância, pois o autor repete, através de paráfrase, o que queria concluir, que é, justamente, o fato de que primeiro precisamos memorizar as coisas, depois as palavras.

Portanto, voltamos a insistir que, na seqüenciação informativa de um texto, o fornecimento de conteúdos e o modo como estes são distribuídos têm conseqüências na construção do discurso, de forma que o texto pode atingir satisfatoriamente o objetivo desejado ou ser mal-sucedido.



## RESUMINDO

Nesta aula, estudamos algumas formas de progressão do discurso. Conhecemos as operações retrospectivas (correferenciação, paráfrase e reiteração) e as operações prospectivas, que fazem avançar o texto através de elementos catafóricos e de conectivos. Vimos como esses recursos nos ajudam a dar seguimento e organização melhor às nossas ideias expostas nos textos que produzimos além de contribuir para a nossa perspectiva crítica como leitores.



## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

1. Leia os textos a seguir, identifique o que se pede e responda às questões.

### A LÍNGUA DO BRASIL AMANHÃ

Ouvimos com freqüência opiniões alarmantes a respeito do futuro da nossa língua. Às vezes se diz que ela vai simplesmente desaparecer, em benefício de outras línguas supostamente expansionistas (em especial o inglês, atual candidato número um a língua universal); ou que vai se misturar com o espanhol, formando o portunhol; ou, simplesmente, que vai se corromper pelo uso da gíria e das formas populares de expressão (do tipo: o casaco que cê ia sair com ele tá rasgado). Aqui pretendo trazer uma opinião mais otimista: a nossa língua, estou convencido, não está em perigo de desaparecimento, muito menos de mistura. Por outro lado (e não é possível agradar a todos), acredito que nossa língua está mudando, e certamente não será a mesma.

O que é que poderia ameaçar a integridade ou a existência da nossa língua? Um dos fatores, freqüentemente citado, é a influência do inglês - o mundo de empréstimos que andamos fazendo para nos expressarmos sobre certos assuntos.

Não se pode negar que o fenômeno existe; o que mais se faz hoje em dia é surfar, deletar ou tratar do marketing. Mas isso não significa o desaparecimento da língua portuguesa. Empréstimos são um fato da vida, e sempre existiram. Hoje pouca gente sabe disso, mas avalanche, alfaiate, tenor e pingue-pongue são palavras de origem estrangeira; hoje já se naturalizaram, e certamente ninguém vê ameaça nelas.



Quero dizer que não há o menor sintoma de que os **empréstimos** estrangeiros estejam causando lesões na língua portuguesa, ou seja, os **empréstimos**, ao invés de prejudicar, demonstram como nossa língua está viva; a maioria desses **empréstimos**, aliás, desaparece em pouco tempo, e os **empréstimos** que ficam se assimilam. O português, como toda língua, precisa crescer para dar conta das novidades sociais, tecnológicas e culturais; para isso, pode aceitar **empréstimos** - ravióli, ioga, chucrute, balé – e também pode (e com maior frequência) criar palavras a partir de seus próprios recursos – como computador, ecologia, poluição - ou estender o uso de palavras antigas a novos significados - executivo ou celular, que significam hoje coisas que não significavam há vinte anos.

Mas isso não quer dizer que a língua esteja em perigo. Está só mudando, como sempre mudou, se não ainda estaríamos falando latim. Achar que a mudança da língua é um perigo é como achar que o bebê está em perigo de crescer. A mudança da língua não pode representar uma ameaça. Não estamos em perigo de ver nossa língua submergida pela maré de empréstimos ingleses. Assim, precisamos repensar o fato de que nossa língua pode estar ameaçada por conta dos empréstimos. A língua está aí, inteira: a estrutura gramatical não mudou, a pronúncia é ainda inteiramente nossa, e o vocabulário é mais de 99% de fabricação nacional.

Uma atitude mais construtiva é, pois, reconhecer os fatos, aceitar nossa língua como ela é, e desfrutar dela em toda a sua riqueza, flexibilidade, expressividade e malícia.

(PERINI, 2004, p. 11/24).

1. Identifique a ideia principal do texto.
2. Qual a função dos termos sublinhados no 3º parágrafo?
3. Observe as palavras em negrito no 4º parágrafo, que recurso é esse e nesse texto ele é necessário ou não?
4. Observe o 5º parágrafo do texto, o que você identifica que poderia ser melhorado para dar mais fluidez ao texto?
5. Qual a conclusão a que o autor chega?
6. Quais os termos e expressões que funcionam como recursos de ligação entre os parágrafos do texto?



## LEITURAS COMPLEMENTARES

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2000.

Se você quiser compreender ou estudar um pouco mais sobre progressão textual, dê uma olhada no livro *Para entender o texto*. É um livro bastante fácil de encontrar e muito acessível, pois foi elaborado para estudantes do Ensino Médio.

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

CARVALHO, G. C. de. **Química moderna**. São Paulo: Scipione, 1997.

FREITAS, J. de. **Folha de S. Paulo**, 17 fev. 1998.

GONÇALVES FILHO, A.; TOSCANO C. **Física para o ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2002. (Série Parâmetros).

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. V. ; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

**LÍNGUA**, v. 1, n. 2, p. 10, out./nov. 2005.

PERINI, M. A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 11 - 24.

TOLLER, P. ; DUNGA. **Oito anos**. In: TOLLER, Paula. Paula Toller. Rio de Janeiro: Blue Stúdios, 1998.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - <http://www.sxc.hu/photo/1024076>

**Figura 02** - Rocha (2013).

**Figura 03** - Nascimento (2013).

# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 09**  
**A PARAGRAFAÇÃO**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

Na aula passada você estudou sobre a progressão textual e percebeu como é importante o estabelecimento de relações entre os diferentes aspectos do tema que você desenvolve em cada texto. Nesta aula, você vai continuar estudando a organização das ideias em um texto, mas, agora, com ênfase na estrutura dos parágrafos.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Compreender a estrutura de um parágrafo e sua importância na elaboração de textos.
- Conhecer formas de organização dos parágrafos.
- Aplicar recursos de construção de parágrafos.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA



Fonte: <http://scienceblogs.com.br/socialmente/files/2012/12/fire-heart.jpg>

**Fig. 01 - Amor e sexo.**

Amor é um livro - Sexo é esporte  
Sexo é escolha - Amor é sorte  
Amor é pensamento, teorema  
Amor é novela - Sexo é cinema  
Sexo é imaginação, fantasia  
Amor é prosa - Sexo é poesia

(Rita Lee, Arnaldo Jabor e Roberto de Carvalho - Amor e Sexo).

O texto de Rita Lee nos fala acerca das diferenças entre amor e sexo. Mas eu gostaria de chamar atenção para apenas um verso: “amor é prosa - sexo é poesia”, ele afirma. Por quê? Porque, parece ele querer nos dizer, o tempo todo, através das inúmeras metáforas que cria, que o amor dura mais, é mais longo que o sexo. Obviamente, o sexo é um momento. É breve. Da mesma forma, a poesia é mais breve, mais condensada, se escreve em versos que são recortados de acordo com a necessidade do autor. A prosa, diferente da poesia, não se escreve em versos, mas em linhas que correm de uma margem à outra da página. Assim, dividimos a prosa não em estrofes, como a poesia, mas em parágrafos. É justamente sobre os parágrafos que vamos discutir nesta aula.

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### Parágrafos

Quando escrevemos em prosa, utilizamos critérios para separar os blocos de informação dentro dos textos. Nos textos em prosa esses blocos de informação são denominados de parágrafos. Em um verbete de enciclopédia, por exemplo, as informações estão organizadas por blocos de informação, para apresentar a definição ou as características de um determinado objeto, fenômeno, país etc. Já em um texto narrativo, como um conto, a organização dos parágrafos pode se dar de forma a seqüenciar os acontecimentos, caracterizar os ambientes e personagens e situá-los no tempo e no espaço. Por ser uma narrativa, há a necessidade de apresentação de cenário, situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Um texto argumentativo, por sua vez, pode ter seus parágrafos organizados de maneira a apresentar o tema e defendê-lo através de argumentos e contra-argumentos. Enfim, cada texto deve ser organizado de forma que ele atinja melhor os seus objetivos.

Assim, aprender a escrever é, em grande parte, aprender a pensar, aprender a encontrar ideias e concatená-las. Enfim... Palavras cuidadosamente selecionadas e encadeadas. Frases claras e bem construídas. Parágrafos perfeitos. Mas, será que, de fato, estarão? A paragrafação é outro aspecto essencial à produção textual; ousaríamos dizer que tão significativa quanto o uso da pontuação - frases mal pontuadas são frases comprometidas do mesmo modo que são as frases mal paragrafadas.

Todo parágrafo é um texto completo, ou seja, traduz um pensamento acerca de um determinado tema. Por isso, em geral, ele apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão. Ou seja, ele apresenta uma ideia principal, ou tópico frasal, a partir da qual são geradas outras ideias complementares.

Vejamos alguns exemplos:



### Exemplo 1

Não obstante o brilho alcançado pela vida urbana do mundo greco-romano, sua estrutura sócio-econômica não deixou jamais de ser eminentemente agrária. A agricultura e o pastoreio constituíram-se sempre nas principais atividades econômicas, determinando o destino da maioria da população. Desde os tempos homéricos, passando pelo período helenístico, até o final do Império Romano, a propriedade da terra permaneceu como a condição básica para que o cidadão gozasse de poder e prestígio. Ainda que as atividades próprias às cidades, como o comércio e a manufatura, tivessem se desenvolvido consideravelmente, nunca conseguiram impor-se como forma produtiva de peso na economia como um todo, e a sua dependência do campo nunca foi superada. A cidade era muito mais um centro de consumo do que propriamente de produção. A moeda que tanta utilização teve na antigüidade funcionava simplesmente como instrumento de troca, sem jamais ser um elemento de reprodução do capital. A acumulação de riquezas realiza-se do modo mais simples.

Se você prestar atenção, vai perceber que todo o parágrafo exposto no exemplo 1 gira em torno da ideia de que, apesar de ter uma vida urbana agitada, a sociedade grega era eminentemente agrária. Essa seria a ideia principal da frase. Para fundamentar essa afirmação, são expostos os seguintes argumentos:

1. A agricultura e o pastoreio constituíram-se sempre nas principais atividades econômicas, determinando o destino da maioria da população.
2. Desde os tempos homéricos, passando pelo período helenístico, até o final do Império Romano, a propriedade da terra permaneceu como a condição básica para que o cidadão gozasse de poder e prestígio.



Fonte: [http://www.paperstone.co.uk/cat\\_2771-2847\\_Safety-Signs.aspx](http://www.paperstone.co.uk/cat_2771-2847_Safety-Signs.aspx)

**Fig. 02**

3. Ainda que as atividades próprias às cidades, como o comércio e a manufatura, tivessem se desenvolvido consideravelmente, nunca conseguiram impor-se como forma produtiva de peso na economia como um todo, e a sua dependência do campo nunca foi superada.

4. A moeda que tanta utilização teve na antigüidade funcionava simplesmente como instrumento de troca, sem jamais ser um elemento de reprodução do capital.

Percebeu? Todos os argumentos justificam a ideia principal. Será que isso também ocorre no exemplo 2? Vamos ver.

### **Exemplo 2**

A concepção do homem sobre si mesmo e sobre o mundo tem mudado radicalmente. Primeiro, os homens pensavam que a Terra fosse plana e que fosse o centro do universo; depois, que o homem era a criação divina especial, que só existiam quatro elementos básicos, que a loucura era causada pelas mudanças da lua, que os átomos eram partículas irreduzíveis, etc. Copérnico, Darwin, Galileu e muitos outros têm contribuído muito para modificar essas ideias, mas ainda não temos um quadro claro de como as coisas realmente são. O progresso da ciência ou, mais amplamente, a aprendizagem, é um mecanismo que força uma contínua reorganização das crenças.

Fonte: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABp34AE/port-instrumental-engenharia?part=2> Acesso: 15 de abril de 2013.

A ideia principal é que a concepção do homem sobre si mesmo e sobre o mundo tem mudado radicalmente:

1. Primeiro, os homens pensavam que a Terra fosse plana e que fosse o centro do universo.

2. Depois, que o homem era a criação divina especial, que só existiam quatro elementos básicos, que a loucura era causada pelas mudanças da lua, que os átomos eram partículas irreduzíveis.

3. O progresso da ciência ou, mais amplamente, a aprendizagem, é um mecanismo que força uma contínua reorganização das crenças.

Agora você pode perguntar: Então, a ideia principal de um parágrafo, ou seja, seu **tópico frasal**, vem sempre no início do parágrafo? Não, nem sempre. Vamos observar o exemplo 3.

### Exemplo 3

Vida agitada é aquela em que o indivíduo não tem tempo para cuidar de si próprio, mercê dos compromissos assumidos e do tempo exíguo para cumpri-los. A vida agitada nas grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Entre as doenças do coração, a mais comum é a que ataca as artérias coronárias, assim chamadas porque envolvem o coração, como uma coroa, para irrigá-lo em toda a sua topologia.



**Fig. 03 - Vida agitada.**

Fonte: <http://simplicidadevoluntaria.pbworks.com/f/vida%20agitada.jpg>

Fonte: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABp34AE/port-instrumental-engenharia?part=2> Acesso: 15 de abril de 2013.

Qual o tema do texto do exemplo 3? Ele relaciona uma vida agitada às doenças do coração, não é mesmo? Então, qual seria o enunciado que traz essa relação de forma mais geral, dentro do parágrafo? Se você observar, o primeiro enunciado explica o que é uma vida agitada, não é mesmo? Ele, portanto, não estabelece relação entre doenças do coração e vida agitada. O segundo enunciado é o que vai apresentar isso. Ele, sim, seria o **tópico frasal**. O que configuraria o parágrafo da seguinte forma:

**Tópico frasal:** A vida agitada nas grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração.

**Argumento 1:** Vida agitada é aquela em que o indivíduo não tem tempo para cuidar de si próprio, mercê dos compromissos assumidos e do tempo exíguo para cumpri-los.

**Argumento 2:** Entre as doenças do coração, a mais comum é a que ataca as artérias coronárias, assim chamadas porque envolvem o coração, como uma coroa, para irrigá-lo em toda a sua topologia.

Nesse exemplo, portanto, o tópico frasal vinha no meio do parágrafo. O que nos leva a concluir que a construção do parágrafo é muito variável. Embora possamos estudar alguns recursos que podem nos ajudar nessa tarefa.

## ATIVIDADE 1

1. Identifique o tópico frasal de cada um dos parágrafos a seguir.

- a) Uma abordagem mais completa do paciente, que envolva os fatores emocionais, se faz necessária no tratamento da obesidade, uma vez que estes têm significativa relação na eclosão e/ou manutenção da mesma. Tais aspectos precisam ser reconhecidos e tratados, ajudando na elaboração de questões, muitas vezes difíceis de lidar, e oferecendo suporte psicológico motivando a aderência ao tratamento. A proposta do atendimento psicológico consiste em avaliar e ajudar a criança e a família a perceberem quais motivos de ordem emocional podem estar relacionados com a dificuldade em manter uma alimentação saudável, adequada a cada paciente. Tais razões podem ser tanto da própria criança, como da forma como esta família se organiza e que dinâmica emocional apresenta.

Fonte: <<http://www.encontrarte-brincarte-artigos.blogspot.com/>>. Acesso: 25 jun 2008.

Resposta:

---

---

---

- b) Que existe por aqui é muito racismo camuflado e que todo mundo faz questão de não enxergar. Os alvos, mesmo que inconscientemente, sempre são os mesmos. Negros, mestiços, nordestinos, pessoas fora do padrão da moda, ou seja, obesos, magrelas, altos demais, baixos ou anões e, principalmente, os mais pobres sofrem com a discriminação e não conseguem emprego, estudo, dignidade e respeito. Estes não têm vez na sociedade brasileira! Para exemplificar isso, basta visitar as faculdades, os



pontos de encontro (como bares, danceterias, teatros e cinemas) ou, até mesmo, se tiver mais coragem, verificar o revés da história, ou seja, favelas e presídios. Claramente, nesses lugares, este racismo hipócrita e camuflado vem à tona e causa espanto em muitas pessoas que não 'querem' encarar a verdade dos fatos.

Fonte: <<http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=901>>.

Acesso em: 25 jun. 2008.

Resposta:

---

---

---

- c) As pílulas anticoncepcionais contêm dois hormônios - o estrógeno e a progesterona - que inibem o amadurecimento dos óvulos. Sem óvulos não há ovulação, sem ovulação não há fecundação e sem fecundação não há gravidez. Sua margem de segurança é de 99%, só que a eficácia dela depende de você. Se você não tomar corretamente, ou seja, se você falhar, a pílula falha. Mas a pílula é o anticoncepcional mais seguro de todos.

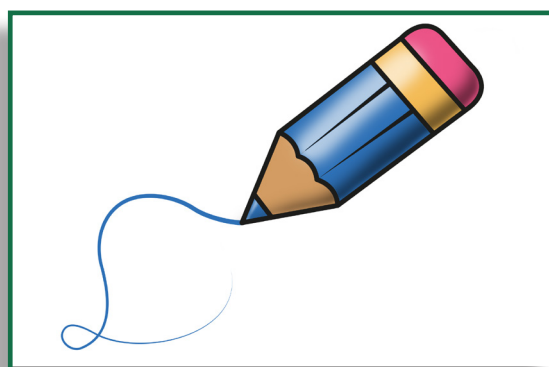
Resposta:

---

---

## ALGUMAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DOS PARÁGRAFOS

Na construção da unidade semântica de um texto verbal, é fundamental que você articule não apenas os parágrafos entre si, mas também se preocupe com a própria estruturação do parágrafo. O texto a seguir mostra como se pode desenvolver um tema de forma bem objetiva. Cada parágrafo foi escrito obedecendo a certa estrutura. É evidente que esta não é a única maneira de escrever um texto, mas pode servir para demonstrar como é possível desenvolvê-lo, utilizando estruturas simples.



Fonte: NASCIMENTO (2014)

Fig. 04

### Exemplo 3

#### O papel dos relatórios no difícil diálogo entre empresas e sociedade

por Amelia Gonzalez

Acaba de ser lançada a quarta versão do relatório GRI. Para quem ainda não foi apresentado à sigla, GRI significa Global Reporting Initiative e é um instituto internacional, que nasceu da coalização de 200 a 300 ONGs, com a missão de disseminar indicadores sociais e ambientais mundo afora. Ele chegou aqui no Brasil em 2000 com a proposta de sugerir às empresas que, além do seu resultado financeiro, informem quanto custou, para a sociedade, ter esse resultado.

Na parceria com o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, que ajudou a divulgá-lo, o GRI passou a ser muito conhecido e utilizado pelas empresas. Cresceu muito o número de companhias, desde 2003, que passaram a me enviar regularmente seus relatórios. Os primeiros foram meio tímidos, depois passaram a ser verdadeiras publicações de luxo, até que passaram a ter formatos mais operacionais, em *pen drive*. Algumas vezes recebo somente uma mensagem dizendo que poderei encontrar o relatório de sustentabilidade no *site* da empresa, *link* tal.

Toda essa quantidade de relatórios, no entanto, não quer dizer que a ferramenta tenha se tornado, efetivamente, útil para ampliar o diálogo

de empresas com a sociedade. A principal crítica que tem sido feita com relação aos relatórios GRI é que eles são difíceis de produzir, exigem muito tempo, uma equipe destinada só para isso. E, na verdade, a ideia é que o relatório possa ser feito por toda a empresa, numa transversalidade difícil de imaginar.

Foi pensando em mudar esse quadro que o GRI lançou esta quarta edição, que se propõe a ser mais fácil de entender, de fazer, e exige o que se chama de materialidade. É simples explicar: para fazer esta versão, a empresa precisa pedir a opinião da comunidade que está impactando. Não sei se será simples fazer.

A quarta versão do GRI é lançada no momento em que a Organização das Nações Unidas (ONU) comunica à sociedade o resultado do encontro ocorrido em março deste ano daquilo que está sendo chamado High-Level Panel of Eminent Persons on the Post-2015 Development Agenda. São 27 pessoas de todo o mundo, entre elas a ministra brasileira do Meio Ambiente Izabela Teixeira, que se reuniram para fazer um ambicioso plano de desenvolvimento para o mundo pós 2015. Diz o documento: “Considerando que o mundo terá 9 bilhões de pessoas em 2050 precisamos gerenciar a produção e os padrões de consumo para que eles sejam sustentáveis. Também é necessário que se mude o comportamento de todos para que se consiga fazer um uso mais eficiente dos recursos ambientais. Concordamos que uma agenda pós-2015 deveria clarear os meios de implementação para o desenvolvimento, inclusive o financeiro do setor privado. Um registro atualizado regularmente de compromissos é uma ideia para garantir a prestação de contas”. A ONU está, assim, pela primeira vez, sugerindo às empresas que divulguem relatórios ambientais.

O primeiro livro que li, buscando informações mais seguras sobre o movimento que, naquela época, se chamava ainda de responsabilidade social corporativa, foi “Gestão Cidadã”, de Luiz Fernando da Silva Pinto.

Escrito em 2002, o livro traz uma perspectiva interessante sobre a história desse movimento no Brasil e no mundo.

Segundo o autor, o primeiro movimento em prol dos relatórios corporativos para a sociedade teria emergido da orientação proposta pelo Concílio Vaticano II em 1961. Mas os primeiros relatórios surgiram mesmo, na mesma década, quando grupos civis contrários ao engajamento crescente dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã propuseram o boicote a qualquer produto que viesse de empresas norte-americanas. Preocupadas, elas decidiram mostrar ao mundo, em “divulgações sistematizadas e públicas suas atividades sociais, em especial suas interações com a sociedade (atividades comunitárias e filantrópicas)”.

Mais de meio século nos separam dessa época, e é impossível não ver como a situação mudou para melhor sob alguns aspectos. No entanto, para as pessoas que moram em lugares onde há recursos a serem extraídos, o impacto continua o mesmo, as privações ainda perduram. A falta de diálogo, também. Os novos tempos trazem outra perspectiva, maior liberdade para se expressar e o poder de botar a boca no mundo, inclusive, via internet.

Texto adaptado para esta aula. Fonte: <http://g1.globo.com/nova-etica-social/platb/>

Acesso em 05 de junho de 2013.

## Retomada do termo-chave

### Primeiro parágrafo

(1) Acaba de ser lançada a quarta versão do relatório GRI.

(2) Para quem ainda não foi apresentado à sigla, GRI significa Global Reporting Initiative e é um instituto internacional, que nasceu da coalização de 200 a 300 ONGs, com a missão de disseminar indicadores sociais e ambientais mundo afora.



(3) Ele chegou aqui no Brasil em 2000 com a proposta de sugerir às empresas que, além do seu resultado financeiro, informem quanto custou, para a sociedade, ter esse resultado.

Você observou que existe uma expressão que está presente de forma mais explícita ou não em todos os parágrafos? Trata-se do termo-chave (que poderia ser uma palavra-chave) **GRI**. Esse termo-chave é retomado através dos mecanismos de coesão já estudados. Ele pode ser chamado de ONG, instituto, substituído pelo pronome **ele**.

Resumindo, o termo **GRI** está presente em todos os parágrafos. Como você pode observar, basta **retomar a palavra-chave** de cada enunciado (de preferência sem repeti-la), acrescentando sempre uma informação nova a seu respeito.

## Encadeamento

### Segundo parágrafo

(1) Na parceria com o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, que ajudou a divulgá-lo, o GRI passou a ser muito conhecido e utilizado pelas empresas.

(2) Cresceu muito o número de companhias, desde 2003, que passaram a me enviar regularmente seus relatórios.

(3) Os primeiros foram meio tímidos, depois passaram a ser verdadeiras publicações de luxo, até que passaram a ter formatos mais operacionais, em *pen drive*.

(4) Algumas vezes recebo somente uma mensagem dizendo que poderei encontrar o relatório de sustentabilidade no *site* da empresa, *link* tal.

Você viu que, no primeiro parágrafo, o termo-chave “GRI” da primeira frase é, explicitamente, retomado nas demais. No segundo parágrafo, a estrutura é a seguinte: a frase (2) retoma o termo **empresas** da frase (1) e a frase (3) retoma **relatórios** da frase (2), a frase (4) retoma **formatos mais operacionais** num **encadeamento** de frase para frase.

Por esse método, o parágrafo pode prolongar-se até onde você achar conveniente. A escolha do termo ou da palavra a ser retomado(a) é puramente pessoal. Em vez de **empresas**, podia-se muito bem ter escolhido **GRI**. Neste caso, o rumo não só do parágrafo, mas também da redação seria totalmente diferente.

## Divisão

### Terceiro parágrafo

(1) Toda essa quantidade de relatórios, no entanto, não quer dizer que a ferramenta tenha se tornado, efetivamente, útil para ampliar o diálogo de empresas com a sociedade

(2) Há duas críticas que tem sido feita com relação aos relatórios GRI.

(3) A principal é que eles são difíceis de produzir

(4) Além disso, exigem muito tempo, uma equipe destinada só para isso.

(5) E, na verdade, a ideia é que o relatório possa ser feito por toda a empresa, numa transversalidade difícil de imaginar.

No terceiro parágrafo, a frase inicial delimita o campo explanatório. A frase (2) divide as críticas feitas ao GRI em dois tipos (noutro texto poderia ser em três, em quatro etc). Quando isso acontece, o desenvolvimento do parágrafo restringe-se a explicar os componentes dessa **divisão**. A frase (3) esclarece uma das críticas. A frase

(4) esclarece uma segunda crítica. E a frase (5) conclui o assunto buscando justificar o princípio que rege o relatório GRI.

## Recorte

### Quarto parágrafo

(1) A quarta versão do GRI é lançada no momento em que a Organização das Nações Unidas (ONU) comunica à sociedade o resultado do encontro ocorrido em março deste ano daquilo que está sendo chamado High-Level Panel of Eminent Persons on the Post-2015 Development Agenda.

(2) São 27 pessoas de todo o mundo, entre elas a ministra brasileira do Meio Ambiente Izabela Teixeira, que se reuniram para fazer um ambicioso plano de desenvolvimento para o mundo pós 2015..

(3) Diz o documento: “Considerando que o mundo terá 9 bilhões de pessoas em 2050 precisamos gerenciar a produção e os padrões de consumo para que eles sejam sustentáveis.

(4) Também é necessário que se mude o comportamento de todos para que se consiga fazer um uso mais eficiente dos recursos ambientais.

(5) Concordamos que uma agenda pós-2015 deveria clarear os meios de implementação para o desenvolvimento, inclusive o financeiro do setor privado.

(6) Um registro atualizado regularmente de compromissos é uma ideia para garantir a prestação de contas”.

Esse parágrafo é bastante longo e usa de mais de um recurso, portanto, vamos focar naquilo que nos interessa. No início do parágrafo, aparece uma expressão (4ª versão do GRI) que indica ao mundo uma agenda de desenvolvimento pós-2015. Essa

agenda, evidentemente indica muitas ações, mas a autora faz um recorte de algumas delas, citando o documento no enunciado (3) e parafrazeando-o no enunciado (4). Por isso, ela faz um **recorte** nas ideias que o tema suscita e escolhe apenas alguns exemplos para serem explorados. Se a autora fosse falar de todas as razões, o parágrafo resultaria provavelmente longo e confuso.

## Associação de idéias

### Quinto parágrafo

(1) Mais de meio século nos separam dessa época, e é impossível não ver como a situação mudou para melhor sob alguns aspectos.

(2) Para as pessoas que moram em lugares onde há recursos a serem extraídos, o impacto continua o mesmo de tempos mais antigos, as privações ainda perduram.

(3) A falta de diálogo, também.

(4) Os novos tempos trazem outra perspectiva, maior liberdade para se expressar e o poder de botar a boca no mundo, inclusive, via internet.

Diferentemente do que aconteceu nos parágrafos anteriores, à primeira vista, parece não haver um elo entre a primeira e a segunda frase, pois não existe um fator de coesão explícito inter relacionando-as. O vínculo que existe é mental, no nível da coerência, por isso precisamos reconstruí-lo com nosso raciocínio. É como se o autor desse um salto, mas sem perder a perspectiva do chão.

Observe que, de qualquer forma, há sempre uma palavra que governa todo o parágrafo: **tempo**. Ela está presente na expressão mais de meio século, do enunciado (1), está explícita no enunciado (2), implícita no enunciado (3) e de novo repetida no enunciado final na expressão **novos tempos**.

Essas são algumas formas básicas de se construir um parágrafo. O mais comum é combinar com habilidade no mesmo parágrafo duas técnicas diferentes, usar uma estrutura mista, como acontece no seguinte exemplo:

### Exemplo 5

(1) Todos nós lidamos diariamente com os números. (2) Todavia, poucos são aqueles que percebem que os números têm um sentido muito mais amplo que o de simples instrumento de medição. (3) Na verdade, os números têm características e significados que lhes são próprios. (4) A compreensão dessas características e significados leva a um caminho de descoberta, ainda que apenas de autodescoberta. (5) Esse caminho, quando acertado, pode trazer grande compensação em termos de felicidade e sucesso.

(ANDERSON, [s.d.], p. 9).

As três primeiras frases do exemplo 5 giram em torno da palavra-chave **números**. A quarta frase retoma os termos **característica** e **significados** que apareceram na terceira. Na quinta, é retomada a palavra **caminho** que apareceu na quarta. O importante é não perder o fio da meada. Veja que, mesmo mudando de técnica, a autora continuou falando do mesmo assunto: **números**.

Eis, enfim, em síntese, o que você deve observar para escrever um parágrafo:

1. O parágrafo é formado por um conjunto de enunciados. Todos eles devem convergir para a produção de um sentido.
2. Cada parágrafo deve apresentar o seu **tópico-frasal**, que é sempre muito importante. Ele deve ter uma palavra de peso que possa ser explorada.
3. Fica difícil desenvolver bem um parágrafo se o tópico-frasal for muito vago. Evite abstrações.
4. Todo parágrafo deve ter sempre uma palavra que o norteie.

5. Cada parágrafo deve explorar uma só ideia. Explorar várias ideias ao mesmo tempo torna o texto confuso, sem nenhuma coerência.

(VIANA, 1998, p. 62/69).

## ATIVIDADE 2

Considere o texto a seguir para responder às questões propostas nesta atividade.

### Varões e matronas

Carlos Heitor Cony

Quando nasci, e antes mesmo do meu nascimento, havia uma verdade consagrada pelo tempo e pelos sábios: “Nada de novo sob o sol”.

O processo que corre (em marcha lenta, mas corre) no Supremo Tribunal Federal sobre o mensalão, independentemente de sua conclusão, já escancarou um subproduto que não precisa de confirmação judicial.

Desde que o mundo é mundo, em baixo, em cima ou ao lado do sol, a corrupção em suas várias modalidades está entranhada na própria natureza humana.

“Todo homem tem o seu preço” --proclamou o político gaúcho Assis Brasil, antes do acordo de Pedras Altas, nos meados dos anos 20 do século passado. Foi um escândalo, as coisas no Rio Grande do Sul pegavam fogo, chimangos e maragatos se degolavam, e um personagem importante do cenário local afiançava que todo homem tem o seu preço.

Bem verdade que logo declarou por quanto se venderia. Procurado por Batista Luzardo para ingressar num movimento contra o governador gaúcho que se perpetuava no poder, Assis Brasil nada pediu ao Marcos Valério, ao Delúbio, ao Banco Rural. “O meu preço é Representação e Justiça!”

Bem, tratava-se, segundo um historiador, de um varão de Plutarco -havia alguns na velha república. E havia também o equivalente feminino, a matrona



de Éfeso, viúva que velava junto ao corpo do marido morto e cuja honestidade foi cantada por Petrônio. Vinha gente de fora contemplar e admirar aquela rocha de virtude. Contudo ela também tinha o seu preço e, por amor, se entregou a um soldado.

O que pode haver entre um varão de Plutarco, uma matrona de Éfeso e o mensalão? Não havendo nada de novo sob o sol, deixo a resposta a cargo do ministro Joaquim Barbosa. Varões e matronas ainda existem?

Fonte: Folha on line. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/carlosheitorcony/1158625-varoes-e-matronas.shtml> Acesso: 29/10/2012.

**Responda:**

1. Explícite a forma como foi construído cada parágrafo do texto, sempre considerando a relação entre as frases.
2. Explícite a ideia-chave (ou o termo-chave) de cada parágrafo do texto.
3. Em cada parágrafo, a partir do segundo, destaque o termo que retoma a ideia do parágrafo anterior.
4. Identifique o gênero textual e a intenção comunicativa do gênero.
5. Reescreva numa só frase os dois períodos constituintes do terceiro parágrafo.
6. Identifique os elementos (com exemplos do texto) que configuram o gênero textual em tela.



## LEITURA COMPLEMENTAR

BRASIL ESCOLA. **Parágrafo**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/redacao/paragrafo.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2008.

POR TRÁS DAS LETRAS. **A estruturação do parágrafo**. Disponível em: <<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=redacao/teoria/docs/topicofrasal>>. Acesso em: 15 ago. 2008.

Você pode ampliar seus conhecimentos sobre o assunto desta aula, consultando as páginas anteriores. Neles você vai encontrar mais informações interessantes sobre a organização de parágrafos e também alguns exercícios.



## Resumindo

Nesta aula, você estudou algumas maneiras de desenvolver os parágrafos. Viu que todo parágrafo apresenta uma ideia norteadora ou tópicos frasais. Viu também que o desenvolvimento dos parágrafos conta com o auxílio dos elementos da coesão (retomada de termos/palavras da frase inicial) e da coerência (retomadas mentais de idéias da frase inicial), assim como estudou algumas formas de desenvolvimento de ideias, tais como a retomada de termos, o encadeamento, a divisão, o recorte e a associação de ideias.





## AUTOAVALIAÇÃO

**1.** Observe os seguintes parágrafos e reescreva-os de modo sucinto, retirando o que lhe parece supérfluo:

- a) Quando eu tinha quatro anos de idade e morava com uma tia viúva e já idosa, que passava a maior parte do tempo acariciando um gatarrão peludo, sentada numa velha e rangente cadeira de balanço na sala de jantar de nossa casa, que ficava nos subúrbios, próximo ao hospital São Sebastião, já era louco por futebol.
- b) O assassinato do presidente Kennedy, naquela tarde de novembro, quando percorria a cidade de Dallas, aclamado por numerosa multidão, cercado pela simpatia do povo do grande estado do Texas, terra natal, aliás, do seu sucessor, o presidente Johnson, chocou a humanidade inteira não só pelo sacrifício do jovem estadista americano, tão cedo roubado à vida, mas também pelo impacto emocional, mas também por uma espécie de sentimento de culpa coletiva, que nos fazia, por assim dizer, responsáveis por esse crime estúpido, que a história, sem dúvida, gravará como o mais inominável do século.

**2.** Elabore um texto buscando construir pelo menos três parágrafos através dos recursos de retomada da palavra-chave, divisão e recorte.

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

ANDERSON, M. **Numero/agia**. Trad. Edith Negraes e Denise Santana. São Paulo: Hemus, [s.d.].

CONY, C. H. Varões e matronas. In: Jornal Folha de São Paulo on Line. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/carlosheitorcony/1158625-varoes-e-matronas.shtml> Acesso: 29/10/2012.

FLORENZANO, M. B. B. **O mundo antigo**: e conomia e sociedade. Brasiliense: São Paulo, 2004. p. 8

FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto**: para estudantes universitários. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 168 - 185.

MEDEIROS, J. B. **Técnicas de redação**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 159 - 166.

SHEIBE, K. E. In: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABp34AE/port-instrumental-engenharia?part=2> Acesso: 15 de abril de 2013.

VIANA, A. C. (Coord.). **Roteiro de redação**: lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 1998. p. 62 - 69.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - <http://scienceblogs.com.br/socialmente/files/2012/12/fire-heart.jpg>

**Figura 02** - [http://www.paperstone.co.uk/cat\\_2771-2847\\_Safety-Signs.aspx](http://www.paperstone.co.uk/cat_2771-2847_Safety-Signs.aspx)

**Figura 03** - <http://simplicidadevoluntaria.pbworks.com/f/vida%20agitada.jpg>

**Figura 04** - Nascimento (2014)



# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 10**  
**CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM**  
**TÉCNICA, ACADÊMICA E CIENTÍFICA**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTAÇÃO

Nesta aula você estudará alguns aspectos que constituem a linguagem técnica, científica ou acadêmica e que são importantes de ser lembrados ao ler e produzir textos dessa natureza. Lembre-se de que nós já discutimos, nas aulas anteriores, acerca da leitura e da escrita, assim como refletimos sobre alguns mitos que cercam o ato de escrever e sobre a estrutura geral que cerca a situação de produção escrita.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Compreender a natureza da linguagem técnica, científica ou acadêmica.
- Aplicar esses conhecimentos em produções textuais dessa natureza.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

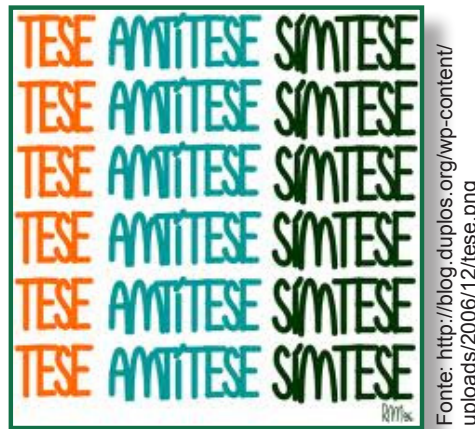


Fig. 01 - Tese, antítese, síntese.

### Uma tese é uma tese

Sabe tese, de faculdade? Aquela que defendem? Com unhas e dentes? É dessa tese que eu estou falando. Você deve conhecer pelo menos uma pessoa que já defendeu uma tese. Ou esteja defendendo. Sim, uma tese é defendida. Ela é feita para ser atacada pela banca, que são aquelas pessoas que gostam de botar banca.

As teses são todas maravilhosas. Em tese. Você acompanha uma pessoa meses, anos, séculos, defendendo uma tese. Palpitantes assuntos. Tem tese que não acaba nunca, que acompanha o elemento para a velhice. Tem até teses pós-morte.

O mais interessante na tese é que, quando nos contam, são maravilhosas, intrigantes. A gente fica curiosa, acompanha o sofrimento do autor, anos a fio. Aí ele publica, te dá uma cópia e é sempre - sempre - uma decepção. Em tese. Impossível ler uma tese de cabo a rabo.

São chatíssimas. É uma pena que as teses sejam escritas apenas para o julgamento da banca circunspecta, sisuda e compenetrada em si mesma. E nós?

Sim, porque os assuntos, já disse, são maravilhosos, cativantes, as pessoas são inteligentíssimas. Temas do arco-da-velha. Mas toda tese fica no rodapé da história. Pra que tanto sic e tanto apud? Sic me lembra o Pasquim e apud não parece candidato do PFL para vereador? Apud Neto.

Escrever uma tese é quase um voto de pobreza que a pessoa se autodecreta. O mundo para, o dinheiro entra apertado, os filhos são abandonados, o marido que se vire. Estou acabando a tese. Essa frase significa que a pessoa vai sair do mundo. Não por alguns dias, mas anos. Tem gente que nunca mais volta.

E, depois de terminada a tese, tem a revisão da tese, depois tem a defesa da tese. E, depois da defesa, tem a publicação. E, é claro, intelectual que se preze, logo em seguida embarca noutra tese. São os profissionais, em tese. O pior é quando convidam a gente para assistir à defesa. Meu Deus, que sono. Não em tese, na prática mesmo.

Orientados e orientandos (que nomes atuais!) são unânimes em afirmar que toda tese tem de ser - tem de ser! - daquele jeito. É pra não entender, mesmo. Tem de ser formatada assim. Que na Sorbonne é assim, que em Coimbra também. Na Sorbonne, desde 1257. Em Coimbra, mais moderna, desde 1290. Em tese (e na prática) são 700 anos de muita tese e pouca prática.

Acho que, nas teses, tinha de ter uma norma em que, além da tese, o elemento teria de fazer também uma tesão (tese grande). Ou seja, uma versão para nós, pobres teóricos ignorantes que não votamos no Apud Neto.

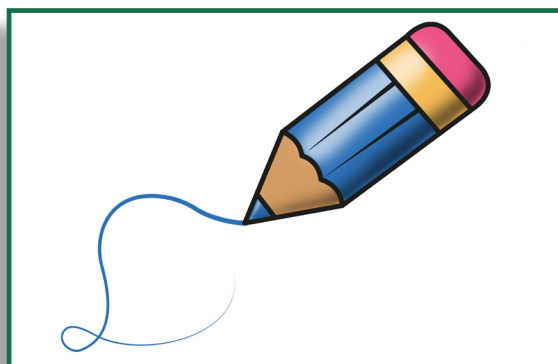
(PRATA, 1998, extraído da Internet).

O texto de Mário Prata é uma bem humorada crítica ao jargão da academia. Ou seja, é uma crítica à forma muito normalizada de escrita dos textos de natureza técnica, científica e acadêmica. É justamente sobre essa linguagem que estamos nos debruçando nesta disciplina. Apesar de cheia de normas, ela não precisa ser complicada, ou difícil de ler pelos leitores que não pertencem ao mundo acadêmico. Na verdade, o que defendemos, ao longo desta disciplina, é justamente a simplicidade, a objetividade e a clareza da escrita, de forma que ela seja acessível a todos que por ela se interessem. Sobre essas características do texto de natureza técnica, científica ou acadêmica é que iremos discutir aqui.



## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### A natureza da linguagem técnica, científica ou acadêmica



Fonte: NASCIMENTO (2014).

Fig. 02

Como você já viu na aula anterior, escrever não é fácil, mas também não depende apenas de um dom. Todos nós nos deparamos em algum momento de nossa existência com a dificuldade de iniciar um texto, de romper a brancura de uma folha (real ou virtual) e iniciar a tratar de um tema qualquer.

Essa dificuldade é, talvez, mais evidente quando temos de tratar de um assunto de natureza técnica, científica ou acadêmica. Pois, nesse caso, não basta colocarmos no papel aquilo que vimos, sentimos ou sabemos, é preciso adequação a um estilo específico de texto, a uma série de normas, a uma série de etapas.

Os textos de natureza técnica, científica e acadêmica seguem alguns princípios que podem ser resumidos em quatro pontos fundamentais: **clareza**, **precisão**, **comunicabilidade** e **consistência**. Vamos discutir cada ponto individualmente?

### Clareza

Para Cervo e Bervian (2002), essa é a característica primordial. Tudo que for escrito deve ser perfeitamente compreensível pelo leitor, ou seja, este não deve ter nenhuma dificuldade para entender o texto. Com esse fim, o autor deve ler cuidadosamente o que escreveu como se fosse o próprio leitor. Um texto é claro quando não deixa margem a interpretações diferentes da que o autor quer comunicar. Uma linguagem muito

rebuscada que utiliza termos desnecessários desvia a atenção de quem lê e pode confundir.

Ao escrever um texto de natureza técnica, científica ou acadêmica precisamos dizer as coisas de forma compreensiva. Isso não significa que precisamos ser vulgares, ou devemos ser coloquiais. De forma alguma! Um texto é **claro**

quando utiliza uma linguagem simples, direta e precisa, isto é, quando cada palavra empregada traduz exatamente o pensamento que se deseja transmitir. Isso nos leva, portanto, a outro aspecto.



Fig. 03

Fonte: <https://lh3.googleusercontent.com/-SYdXEGnCxIE/AAAAAAAAAAI/AAAAAAAAABM/WLXzrmV7X5k/photo.jpg>

## Precisão

A linguagem científica deve ser precisa e as palavras e seus acompanhantes (figuras, gráficos, tabelas, etc.) necessitam ser decodificadas pelo leitor à medida que este percorre o texto. As palavras e os acompanhantes que entrarão no texto



Fonte: <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:WCKshMkbMc0NcM:http://www.contabilidadeiluzcorrea.com.br/site/images/stories/precisao.jpg>

Fig. 04

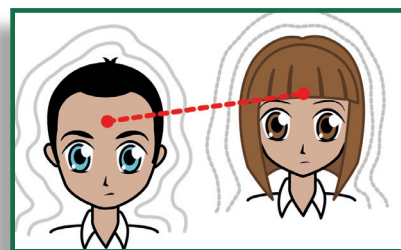
deverão ser escolhidos com cuidado para exprimir exatamente o que se tem em mente. É mais fácil ser **preciso** na linguagem científica do que na literária, na qual a escolha de termos é bem mais ampla. De qualquer forma, a seleção dos termos e a cautela no uso de expressões coloquiais devem estar sempre presentes na redação acadêmica. Expressões como “nem todos”, “praticamente todos”, “vários deles” são interpretadas

de formas diferentes e tiram força das afirmações. Será sempre melhor utilizar expressões como: “cerca de 90%”, “menos da metade”, ou ainda com maior precisão: “93%”, “40%”. Lembrando, sempre, que, ao utilizarmos medidas, precisamos estar baseados em dados. Dados que devem ser retirados de estudos, de pesquisas, de

fontes confiáveis. Convém escolher criteriosamente o material que será utilizado no texto de uma dissertação, tese, monografia, relatório ou artigo. O autor deve selecionar a informação disponível e apresentar somente o que for relevante. Esse aspecto é ainda mais importante em um artigo, em que a concisão é geralmente desejada pelo leitor.

## Comunicabilidade

Comunicar bem um determinado tema é essencial na linguagem técnica, científica ou acadêmica. Pois nesse tipo de texto os temas devem ser abordados de maneira direta e simples, com lógica e continuidade no desenvolvimento das ideias. É muito desagradável uma leitura em que frases substituem simples palavras ou quando a sequência das ideias apresentadas é interrompida atrapalhando o entendimento. Ou mesmo, quando o autor, querendo demonstrar conhecimento, utiliza vocabulário arcaico ou não usual. É evidente que, ao discutirmos conceitos específicos de determinadas áreas, nem sempre os termos são fáceis ou usuais, mas a comunicabilidade exige, nesses casos, que se explique, exatamente, o sentido com que aquele termo está sendo utilizado e, inclusive, se utilize de exemplos ou ilustrações que facilitem a compreensão do mesmo.



Fonte: NASCIMENTO (2014).

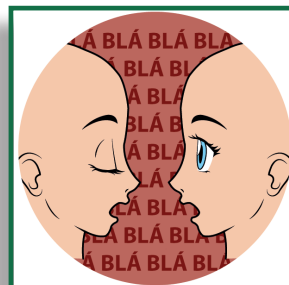
Fig. 05

## Consistência

Finalmente, o princípio da **consistência** é um importante elemento do estilo. A consistência é a capacidade que um texto tem de ser coerente e coeso e, ao mesmo tempo, bem fundamentado teórica e metodologicamente. Um texto consistente, enfim, é um texto que apresenta uniformidade. A consistência pode ser considerada sob três dimensões:

## Expressão gramatical

Escrever indevidamente pode demonstrar ignorância ou desleixo. Se for por ignorância, o melhor é consultar dicionários e textos de gramática. Se for por desleixo, o leitor terá todo direito de pensar que o trabalho em si também foi feito com desleixo. Seja qual for a razão, sempre será um desrespeito ao leitor.



Fonte: NASCIMENTO (2014).

Fig. 06

É importante que um texto de natureza técnica, científica ou acadêmica apresente uniformidade gramatical, por exemplo. E isso não diz respeito apenas à correção de termos e expressões, mas a seu uso uniforme. Um erro comum que ocorre na enumeração de itens pode ser observado no Exemplo 1:

### Exemplo 1

“Na redação científica, cumpre observar, entre outras regras: (1) terminologia precisa; (2) pontuação criteriosa; (3) não abusar de sinônimos; (4) evitar ambiguidade de referências”.

Observe que o primeiro item da enumeração é um substantivo, o segundo uma frase e o terceiro um período completo. Os itens (3) e (4), para que se seja observada a consistência da expressão gramatical, teriam de ser enunciados da seguinte forma: “(3) bom senso no uso de sinônimos; (4) clareza nas referências”. Por quê? Você pode perguntar. Para que o leitor não se confunda ou desvie a sua atenção do que o texto está querendo comunicar.

## Categoria

Ao elaborar um texto, como já vimos em aula anterior, é preciso pensar um plano de como o texto será dividido. Nesse caso, quanto maior as divisões em tópicos,

mais cuidado é preciso ter na organização lógica entre os diferentes tópicos. As seções de um capítulo devem manter um equilíbrio, ou seja, conteúdos semelhantes. Por exemplo: um capítulo cujas três primeiras seções se referem, respectivamente, aos aspectos tecnológicos, econômicos e sociais dos Sistemas de Informação e uma quarta seção que trate de ferramentas de análise e desenvolvimento de Sistemas de Informação está desequilibrado. A quarta seção, sem dúvida, apresenta matéria de categoria diferente da abordada pelas três primeiras, devendo, portanto, pertencer a outro capítulo.

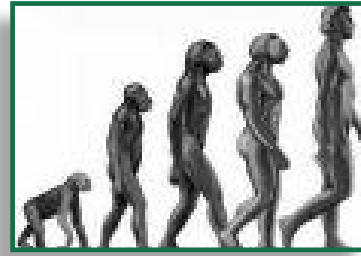


Fig. 07

Fonte: <http://midiaeducacao.com.br/wp-content/uploads/2011/08/Captura-de-tela-2011-08-22-%C3%A0s-07.40.51.png>

## Sequência

A sequência adotada para a apresentação do conteúdo deve refletir uma organização lógica, foi o que acabamos de comentar. Mas nem sempre a sequência a ser observada precisa ser óbvia, como uma sequência cronológica, por exemplo. Existe, em qualquer enumeração, uma lógica inerente ao assunto, do mais amplo para o mais particular, por exemplo. Uma vez detectada, essa lógica determinará a ordem em que capítulos, seções, subseções e quaisquer outros elementos devem aparecer.

### ATIVIDADE 1

1. Observe os fragmentos textuais a seguir e indique os problemas que dizem respeito a sua qualidade como textos de natureza técnica, científica ou acadêmica. Mas não esqueça que esses são apenas fragmentos e não textos completos.

- a) Tomando como unidade o município, o objetivo é descrever a distribuição espacial das atividades científicas e tecnológicas, a partir de estatísticas de patentes, uma *proxy* de capacitação tecnológica, uma *proxy* de capacitação científica e produção de pesquisadores, indicadores de recursos humanos



alocados para atividades científicas.

- b) Foram analisados a coluna de mercúrio ou eletrônico); b) verificar acalibração do manômetro; c) dimensões da bolsa de borracha;d) boa posição do paciente; e) se houve descanso do paciente; f) as fases de Korotkoff que determinam a pressão sistólica (PAS)e diastólica (PAD) e g) bom número de medidas realizadas.
- c) A composição deste artigo é, antes de tudo, elaborada para mostrar como são calculados os fatores de impacto de revistas científicas. Pra isso começamos por analisar as consequências do emprego do número de citações de artigos científicos na literatura internacional. Depois procuramos particularizar analisando um artigo na área de Física e a partir daí, tecemos considerações sobre a importância e as limitações do emprego dos indicadores de avaliação científica em revistas internacionais para então, enumerarmos quais são os indicadores nacionais.

## Qualidades de um bom texto

Um texto técnico, científico ou acadêmico, por natureza, apresenta as tradicionais fases: introdução, desenvolvimento e conclusão, devendo ser completo em si mesmo.

A redação de trabalhos acadêmicos e de artigos técnicos possui algumas características que devem ser obedecidas pelo autor para

que a transmissão da informação e a sua compreensão por parte do leitor sejam eficazes. Vamos detalhar mais ainda algumas informações que estivemos discutindo até agora. Vale aqui uma regra básica: ao redigir, coloque-se sempre na posição do leitor.

O autor, ao redigir o trabalho final para apresentar os resultados do seu trabalho de pesquisa, precisa ter em mente que estará escrevendo para dois públicos distintos. Um pode ser chamado de público interno, pertencente às comunidades técnicas, acadêmicas e científicas, composto por pessoas que também fazem pesquisa e que também escrevem. O outro é o público externo, composto, não necessariamente, mas inclusive, por leigos, que podem ter interesse ou necessidade de leituras do gênero,

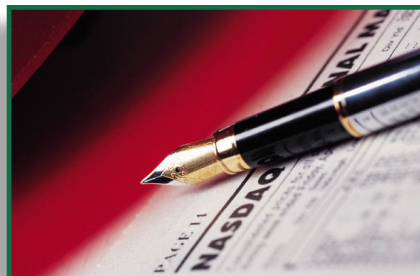


Fig. 08

Fonte: [http://www.abae.pt/programa/EE/escola\\_energia/2006/EcoReporter/j0308986.jpg](http://www.abae.pt/programa/EE/escola_energia/2006/EcoReporter/j0308986.jpg)

mas que não dominam ou nem precisam dominar a linguagem técnica, acadêmica e científica.

Ter isso em mente pode facilitar muito a escolha dos termos apropriados e a forma de apresentá-los como você verá a seguir.



Fonte: [http://www.observadordaqualidade.com.br/o\\_que\\_eh\\_qualidade/o\\_que\\_%20eh\\_qualidade.gif](http://www.observadordaqualidade.com.br/o_que_eh_qualidade/o_que_%20eh_qualidade.gif)

Fig. 09

## Impessoalidade

Em geral, trabalho técnico, científico ou acadêmico deve ter caráter impessoal. Ele é redigido na terceira pessoa, evitando-se referências pessoais, como “meu trabalho”, “meus estudos”, “minha tese”. Utilizam-se, em tais casos, expressões como o “presente trabalho”, o “presente estudo”. O uso do “nós”, pretendendo indicar impessoalidade é igualmente desaconselhável, embora tal construção possa aparecer quando se trata de marcar os resultados obtidos pessoalmente com uma pesquisa: “somos de opinião que...”, “julgamos que...”, “chegamos à conclusão de que...”, “deduzimos que...”, etc.

## Objetividade

A linguagem científica busca a objetividade. Por isso, em geral, é impessoal e procura afastar de si os pontos de vista pessoais que deixam transparecer impressões subjetivas, não fundadas sobre dados concretos. Expressões como “eu acho”, “eu penso”, “parece-me” e outras similares violam frequentemente o princípio da objetividade, indicando raciocínio subjetivo. A linguagem científica, portanto, deve construir-se o mais possível objetiva, precisa e isenta de qualquer ambiguidade. Contrasta, nesse sentido, com a linguagem subjetiva, apreciativa, adequada a outros fins.

## Modéstia e cortesia



**Fig. 10 - A imagem da vaidade.**

O que pode ser muito engraçado numa tirinha como Garfield (Figura 1), como sua vaidade exagerada, não é nada interessante quando tratamos de textos de natureza técnica, científica ou acadêmica.

Os resultados de um estudo ou pesquisa, quando cientificamente alcançados, impõem-se por si mesmos. O pesquisador não deve, portanto, insinuar que os resultados de outros estudos ou pesquisas anteriores estejam cobertos de erros e incorreções. O próprio trabalho, por mais perfeito que seja, nem sempre está isento de erros. A cortesia é traço importante de todo trabalho, sobretudo quando se trata de discordar dos resultados de outras pesquisas. A cortesia sucede à modéstia, quando o pesquisador se torna especialista em seu ramo. Ao adquirir conhecimentos profundos no setor do seu estudo específico, o pesquisador não deve transmiti-los com ares de autoridade absoluta. Sua pesquisa impõe-se por si mesma. A linguagem que a reveste limita-se à descrição de seus passos e à transmissão de seus resultados, testemunhando intrinsecamente a modéstia e a cortesia essenciais a um bom trabalho. Sua finalidade é expressar, não impressionar.



## ATIVIDADE 2



1. Identifique, nos fragmentos textuais a seguir, os problemas referentes à qualidade dos textos:

- a) A pergunta inicial dos autores, que sem dúvida não é nova, se insere numa instigante polêmica que abrange questões epistemológicas importantes como as relações entre pragmática e teórica, linguagem e funcionamento mental, cognição e memória, dentre muitas outras. Ao destacar e sugerir uma definição de memória, a indubitável questão, tal como formulada, indica um certo modo de tergiversar sobre o tema e uma certa esfera de preocupações que direcionam o pensamento para opções teóricas, restrições e, também, obliviamentos.
- b) Pensar e estudar sobre a “formação da mente” em um perspectiva histórico-cultural implica compreender e relevar esses aspectos. Elaborar uma cronologia das ideias sobre memória. Procuramos entender as condições e os modos de produção. Investigar as práticas que envolvem motivos e formas de lembrar e esquecer. Há maneiras de contar. Percebemos maneiras de fazer e registrar histórias.
- c) Muitos autores comentam sobre a intensa ginástica interna, sobre esse trabalho invisível que pode nos parecer tão estranho a tantas pessoas, mas que, ao mesmo tempo, indica a muitos as formas de organização, da arquitetura, de prática da memória antiga.

(Fragmentos adaptados para fins didáticos)

## Recomendação gerais

O uso da terceira pessoa do singular e da voz passiva é recomendado na linguagem científica, que deve ser o máximo possível, despersonalizada. Quanto ao tempo do verbo, o relatório final é redigido no passado, admitindo-se, igualmente, o presente, quando apropriado. No projeto de pesquisa, tese ou dissertação, emprega-se o tempo futuro, pois o texto refere-se a intenções e não a fatos já consumados, como é o caso de um relatório técnico ou de estágio.



Fig. 11

Fonte: <http://www.livingtv.com.br/wp-content/uploads/2011/01/lampada2-150x150.jpg>

- Expressões taxativas devem ser evitadas. Por exemplo, em vez de se dizer que “o resultado do teste da hipótese provou...”, cabe, com mais propriedade, dado o caráter probabilístico inerente à estatística de inferência, afirmar que “o resultado do teste da hipótese apresentou evidências de que...”

- Recomenda-se, também, cuidado no uso de sinônimos. Embora seja louvável substituir as palavras, pois a variedade de termos evita repetições e embeleza o estilo, o leitor poderá ter dúvidas quanto à intenção do autor quando este introduz novos termos. Portanto, o ideal é manter o mesmo significado do termo precedente ou introduzir uma diferença sutil.

- Períodos curtos são de compreensão mais fácil que os longos, mas o autor experiente saberá manter-se entre o estilo telegráfico e outro mais longo, entre a pobreza de expressão e a excessiva qualificação, imprópria ao discurso científico. O essencial, entretanto, é que cada período seja compreendido facilmente, sem que seja necessário ao leitor reportar-se a exposições anteriores.

- Ao mesmo critério deve obedecer a extensão dos parágrafos. Embora as ideias devam fluir livremente, se a matéria for longa demais merecerá reorganização para que, sem quebra da lógica e da clareza, possa distribuir-se em parágrafos cuja extensão ofereça conforto ao leitor, inclusive visualmente.

Estes são alguns dos princípios a que deve atender a boa redação científica. Não devem ser, entretanto, tão rigidamente observados a ponto de sufocarem o estilo pessoal. Não têm, também, a pretensão de assegurar a boa qualidade da redação, da mesma forma que o conhecimento de regras gramaticais não garante a boa qualidade da comunicação.

## A impessoalização do texto

Um texto é pessoal e subjetivo quando pronomes pessoais e possessivos, verbos conjugados e em terceira pessoa contribuem para que o diálogo se estabeleça entre autor e leitor de forma explícita, evidente.

Nem sempre temos interesse em deixar explícitas a nossa voz e as diversas vozes que são trazidas para compor um texto. Muitas vezes queremos adotar uma posição impessoal,



Fig. 12

Fonte: [http://www.observador-da-qualidade.com.br/o\\_que\\_eh\\_qualidade/o\\_que\\_eh\\_qualidade.gif](http://www.observador-da-qualidade.com.br/o_que_eh_qualidade/o_que_eh_qualidade.gif)

aparentemente neutra, atenuando a dialogia e ocultando o agente das ações. Gramaticalmente, há muitas maneiras de conseguir esse objetivo. Vejamos algumas delas.

## Generalizar o sujeito, colocando-o no plural

Uma forma elegante de se distanciar relativamente da subjetividade é pluralizar o agente. O uso da primeira e da terceira pessoa do plural é a estratégia recomendada quando a intenção é atenuar a subjetividade da primeira pessoa, sem adotar a neutralidade absoluta. Frases como “Procuramos demonstrar...”, “Os pesquisadores reconhecem...”, “Nossas conclusões...”, são menos subjetivas que “Procurei demonstrar...”, “Reconheço...”, “Minhas conclusões...”.

## Ocultar o agente

A expressão “é preciso” serve a esse propósito de neutralidade. Assim também expressões como: “é necessário”, “é urgente”, “é imprescindível”, são utilizadas para ocultar o agente. Quem precisa? Quem necessita? Para quem é urgente? Para quem é imprescindível? Não podemos definir com clareza. Torna-se uma realidade geral, universal, neutra, objetiva. Os textos dissertativos, informativos, expositivos, científicos apresentam, muitas vezes, essa característica de ocultar o agente. Tudo é dito como se fosse uma realidade que se apresenta sem intermediários.

## Colocar um agente inanimado

Outra maneira de impessoalizar o texto é colocar como agente um ser inanimado, um fenômeno, uma instituição ou uma organização. Quando escrevo frases como “O Ministério decidiu...”, “A diretoria ordenou...”, “O governo protelou...”, a responsabilidade em relação à ação está diluída e não se pode identificar claramente de onde ou de quem emanou a iniciativa. É um recurso muito utilizado na administração pública e na política.

## Uso gramatical do sujeito indeterminado

Como a própria nomenclatura indica, não se pode determinar com precisão quem realizou uma ação quando usamos a estrutura de sujeito indeterminado. Ela é muito útil quando queremos inserir uma informação da qual não sabemos a procedência exata.

### Exemplo 2

**Vive-se** esperando o aumento de preços.

**Acreditava-se** em uma diminuição dos impostos.

**Fala-se** muito em renovação dos quadros funcionais.

## O uso da voz passiva

Enquanto na voz ativa temos um agente explícito, na voz passiva esse agente pode estar oculto. Assim, usar a passiva sem esclarecer seu agente é um recurso gramatical para impessoalizar a informação. Veja o exemplo:

### Exemplo 3

Novas descobertas **foram realizadas** em centros de estudo e laboratórios ao redor do mundo. **Está sendo revelado** ao mundo que o cérebro é um órgão mais fascinante, complexo e poderoso do que antes se imaginava.

Quem realizou? Quem está revelando? A voz passiva oculta o agente.

Como vimos, há diversas maneiras de tornar o texto impessoal e todas elas utilizam recursos e possibilidades presentes no sistema gramatical da língua.

### ATIVIDADE 3



1. Leia os textos a seguir e descreva:
  - a) situação de comunicação em que se inserem;
  - b) intenção comunicativa;
  - c) público leitor a que se dirigem;
  - d) características da linguagem técnica, acadêmica e científica que apresentam.

#### Texto 1



Fig. 13

Fonte: <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:1Ztb1XROl2hsaM:htp://www.geocities.com/luisacortesao/image12.gif>

#### Texto 2

A **Bio Cibernética Bucal (BCB)** é o nome de uma das várias escolas odontológicas existentes, a partir das diferentes interpretações do conceito da Oclusão, e que foi criada por dois cientistas brasileiros no começo dos anos 70. [...] **O principal objetivo** deste enfoque é a procura de uma resposta somática favorável, uma vez reposturado, reabilitado o paciente, segundo os padrões saudáveis do seu **programa biológico**.

Fonte: <<http://www.biociberbucal.com.br/bcb.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

### Texto 3

A física Clássica incluía a mecânica de partículas e a mecânica ondulatória, mas cada qual tinha um domínio de aplicação exclusivo. Partículas seguiam trajetórias bem definidas e não se dividiam em espelhos semi-refletores. Ondas se espalhavam pelo espaço, se dividiam, interferiam consigo mesmas, eram limitadas pelo princípio de incerteza (por exemplo, um pulso de luz emitido em um intervalo de tempo curto não podia ter uma frequência bem definida), sofriam tunelamento, e exibiam flutuações em sua intensidade. A física quântica é justamente a teoria que atribui todas essas propriedades ondulatórias a partículas individuais.

(PESSOA JÚNIOR, 2008, p. 185)



### LEITURA COMPLEMENTAR

- <[http://www.mundovestibular.com.br/articles/746/1/TECNICAS-DE REDACAO/Paacutegina1.html](http://www.mundovestibular.com.br/articles/746/1/TECNICAS-DE_REDACAO/Paacutegina1.html)>
- <<http://www.espirito.org.br/portal/palestras/klickeducacao/>>.

Esses endereços eletrônicos apresentam uma série de *links* bastante interessantes sobre tópicos discutidos ao longo desta nossa aula. Visite-os e aprofunde seus conhecimentos!

## RESUMINDO



Nesta aula, discutimos algumas das características da linguagem técnica, acadêmica ou científica. Vimos que para elaborar textos dessa natureza é preciso seguir algumas regras básicas que dizem respeito à clareza, à precisão, à comunicabilidade e à expressão gramatical. Essas regras orientam, portanto, quanto ao uso adequado do idioma, quanto à qualidade das informações utilizadas, quanto às relações estabelecidas entre as informações apresentadas e quanto à lógica na organização dos textos. Fique atento a essas informações, pois elas serão úteis também no desenvolvimento das aulas seguintes..

## AUTOAVALIAÇÃO



1. Os fragmentos abaixo foram modificados para fins didáticos. Leia-os, identifique neles os principais problemas de linguagem que os descaracterizam como textos técnicos, acadêmicos ou científicos e, quando possível, reescreva-os na forma adequada.

- a) Na sociedade atual, os riquíssimos senhores e o poderoso clero detinham a posse das terras e os pobres servos as cultivavam e guerreavam sobre elas. Foi nessa época que as lindas florestas da Europa começaram a desaparecer. Enquanto isso, a poderosa igreja vivia seu tempo áureo de recebimento de doações, honras e terras, mantendo seu enorme poder.
- b) Foi a partir de então que se iniciou uma ampla discussão sobre os problemas ambientais, como crescimento populacional, a qualidade da água piorou, rejeitos tóxicos e radioativos, a biodiversidade foi afetada, esgotamento de recursos energéticos, mudanças climáticas e aquecimento global, erosão dos solos agrícolas, desastres naturais, dentre outros.

- c) Vejo claramente a incapacidade da população em fazer frente a um capitalismo que se embasa no consumismo exagerado, gerando, com isso, a revolta social, com destaque para a violência urbana, vista nos grandes centros e copiada pelos municípios em quase todo o Brasil. Na realidade, acreditamos que há um uso indiscriminado do poder, exigindo o consumo exagerado dos recursos naturais. Conclui-se então, que, como o sistema econômico vigente, o sonho do desenvolvimento sustentável pode ser visto como uma utopia.
- d) Se, por um lado, a revolução tecnológica, sustentada pelos paradigmas da política da Modernização Ecológica, propicia o surgimento das sociedades industriais modernas, caracterizadas pela riqueza, pelo consumismo e pela expectativa de que os bens materiais e o conforto estariam sempre disponíveis para todos, por outro, a vida da maioria da população vive à margem, lutando para não perder as suas conquistas sociais alcançadas, como energia, transportes, saúde, educação, previdência, dentre outros. Ao contrário disto, vê-se no aumento do lixo espalhado por todo o planeta, na poluição de mananciais, no corte indiscriminado da madeira e na caça, dentre outros.
- e) O Brasil ostenta uma das mais regressivas repartições de renda no mundo, com diferenças abismais entre a minoria dos bem de vida e a massa dos pés-rapados. Entre bem de vida e pé-rapado está imprensada uma classe média bastante numerosa, que se distanciou muito das classes populares.
- f) Segundo alguns, dentre a maioria dos estudiosos, economia globalizada se refere a uma lógica de guerra cujo “desenvolvimento” talvez se vincule a um tipo qualquer de mundialização das finanças. Muitos afirmam que isto é uma coisa nova e recente, mas outros negam que essa seja a verdadeira essência do desenvolvimento.
- g) Após a Segunda Guerra Mundial, ainda com o mundo disperso diante das atrocidades cometidas, foi criado os primeiros organismos internacionais de proteção do ambiente: a União internacional para a Proteção da Natureza, sob atenção da UNESCO, esboçando os primeiros contornos da consciência ambiental; e o Clube de Roma, criado a partir da realização da Conferência Internacional sobre o Homem e o Meio Ambiente em Estocolmo.



- h) Sabe-se que o processo de urbanização no Brasil acelerou-se após os anos 40. Desta forma, pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, que neste período o país alcançou um grande índice de desenvolvimento, principalmente no que diz respeito ao crescimento das suas cidades.

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

BRAGA, W. D., **Ciência e mídia**: a legitimação de um mito perigoso. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação/UFRJ, 1999.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

GARCEZ, L. H. do C. **Técnica de redação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOUVEIA, L. M. B. **A redação de documentos científicos**: dicas para a escrita de textos de relatórios e monografia. Universidade Fernando Pessoa, abr. 1997. Disponível em: <[http://www2.ufp.pt/~lmbg/textos/rddoc\\_id.htm](http://www2.ufp.pt/~lmbg/textos/rddoc_id.htm)>. Acesso em: 9 set. 2008.

PESSOA JÚNIOR, O. **A física quântica seria necessária para explicar a consciência?** Disponível em: <[www.fflch.usp.br/df/opessoa/Cons.pdf](http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Cons.pdf)>. Acesso em: 9 set. 2008.

PINHEIRO, J. M. S. **Elaboração de uma Redação Científica**. Disponível em: <<http://www.centralmat.com.br/Artigos/Mais/cuidadosElaboracaoRedacaoCientifica.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2010.

PRATA, M. Uma tese é uma tese. **O Estado de S. Paulo**, quarta-feira, 7 out. 1998. Caderno 2. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/apg/marioprata.html>>. Acesso em: 8 set. 2008.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - <http://blog.duplos.org/wp-content/uploads/2006/12/tese.png>

**Figura 02** - [http://2.bp.blogspot.com/\\_00lcfP4KGEY/SuYEwFhxGgl/AAAAAAAAAV8/4gKcHJ49Uh4/s640/lapis2.bmp](http://2.bp.blogspot.com/_00lcfP4KGEY/SuYEwFhxGgl/AAAAAAAAAV8/4gKcHJ49Uh4/s640/lapis2.bmp)

**Figura 03** - <https://lh3.googleusercontent.com/-SYdXEGnCxIE/AAAAAAAAAAI/AAAAAAAAABM/WLXzrhV7X5k/photo.jpg>

**Figura 04** - <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:WCKshMkbMc0NcM:http://www.contabilidadeluzcorrea.com.br/site/images/stories/precisao.jpg>

**Figura 05** - Nascimento (2014)

**Figura 06** - Nascimento (2014)

**Figura 07** - <http://midiaeducacao.com.br/wp-content/uploads/2011/08/Captura-de-tela-2011-08-22-%C3%A0s-07.40.51.png>

**Figura 08** - [http://www.abae.pt/programa/EE/escola\\_energia/2006/EcoReporter/j0308986.jpg](http://www.abae.pt/programa/EE/escola_energia/2006/EcoReporter/j0308986.jpg)

**Figura 09** - [http://www.observador da qualidade.com.br/o\\_que\\_eh\\_qualidade/o\\_que\\_%20eh\\_qualidade.gif](http://www.observador da qualidade.com.br/o_que_eh_qualidade/o_que_%20eh_qualidade.gif)

**Figura 10** - PAZ (2014).

**Figura 11** - <http://www.livingtv.com.br/wp-content/uploads/2011/01/lampada2-150x150.jpg>

**Figura 12** - [http://4.bp.blogspot.com/-1fxjUPM6kbg/T\\_JReA9lyDI/AAAAAAAAAuA/4Qow-wOOImE/s1600/alvo.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-1fxjUPM6kbg/T_JReA9lyDI/AAAAAAAAAuA/4Qow-wOOImE/s1600/alvo.jpg)

**Figura 13** - <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:1Ztb1XROI2hsaM:http://www.geocities.com/luisacortesao/image12.gif>

# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 11**  
**MODOS DE CITAÇÃO DO DISCURSO**  
**ALHEIO**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

Nesta aula você vai estudar alguns recursos utilizados para fazer citação do discurso alheio. Dentre outros discursos, você verá o discurso direto, o indireto, a modalização em discurso segundo e a ilha textual. Aprender a fazer citações é um recurso fundamental para elaboração de textos, principalmente os de caráter técnico, científico e acadêmico.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Conhecer cada modo de citação do discurso alheio.
- Utilizar corretamente, em suas produções textuais de natureza acadêmica, técnica ou científica, os modos de citação do discurso alheio.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

Por acaso, surpreendo-me no espelho:

Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu? [...]

Parece meu velho pai - que já morreu! [...]

Nosso olhar duro interroga:

“O que fizeste de mim?” Eu pai? Tu é que me invadiste.

Lentamente, ruga a ruga... Que importa!

Eu sou ainda aquele mesmo menino teimoso de sempre

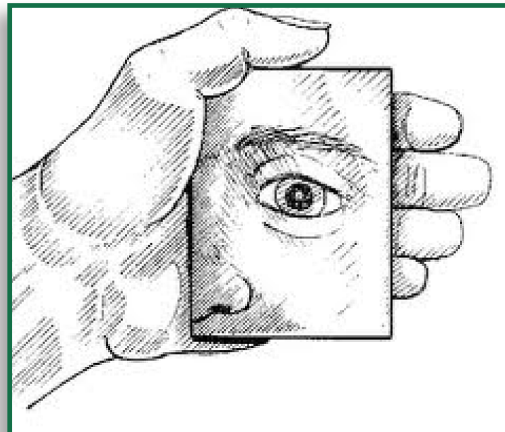
E os teus planos enfim lá se foram por terra,

Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra!

Vi sorrir nesses cansados olhos um orgulho triste.

(Mário Quintana – Espelho)

No poema, Mário Quintana dialoga no espelho, consigo mesmo, acerca da passagem do tempo, do envelhecimento. De como nos surpreendemos, às vezes, quando notamos, ao nos olhar no espelho, as marcas do tempo em nossa face. Nesse diálogo, ele cita uma questão do rosto do espelho: “O que fizeste de mim?” Para fazer essa questão ser lida, realmente, como um enunciado dito pelo outro que surge no espelho, ele utiliza um verbo de dizer “interroga” e logo após a questão, destacada entre aspas. Vamos discutir, nesta aula, exatamente a forma de utilizar, em nosso discurso, o enunciado de outras pessoas.



Fonte: [http://3.bp.blogspot.com/EEEi3XYEX1Q/TDfcmTtT8/AAAAAAAHk/PccYp5ZuXZU/s1600/REFLEXO\\_-\\_ESPELHO.png](http://3.bp.blogspot.com/EEEi3XYEX1Q/TDfcmTtT8/AAAAAAAHk/PccYp5ZuXZU/s1600/REFLEXO_-_ESPELHO.png), Acesso em 05 de junho de 2013

**Fig. 01 - No espelho**

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### Alguns modos de citar o discurso alheio

Sempre que produzimos textos, é comum fazermos referência a falas de outras pessoas para reforçar nossas ideias, fazer nosso interlocutor aceitá-las, mudar de opinião e passar para nosso lado. Não é isso que ocorre geralmente? Nossos discursos não pretendem que os outros aceitem nossas ideias e ajam conforme nossos “conselhos e dicas”? Para tanto, utilizamos, entre outros artifícios, a **citação do discurso alheio**.

Há diversos mecanismos lingüísticos que servem para registrar o discurso alheio no interior de um texto, como o discurso direto, o indireto, a modalização em discurso segundo e a ilha textual. Vejamos cada um desses.



Fonte: <http://wqtransito.vilabol.uoi.com.br/referencias.jpg>. Acesso em: 9 set. 2008.

Fig. 02

Para compreendermos isso, é preciso estarmos conscientes de que há, sempre, portanto, um **discurso citante**, o discurso de quem está produzindo o texto e um **discurso citado**, aquele discurso utilizado para complementar ou ilustrar o discurso citante.

### Discurso direto

Leia a tirinha, a seguir:



Fonte: ANDRADE (2014).

Fig. 03 - Tirinha.



Na tirinha, João é um menino inteligente e questionador que conversa com Maria, sua amiga. A fala de ambos, nos três primeiros quadrinhos, tem uma grafia diferente da fala de João no último quadrinho. Por que será? Observe que no último quadro João afirma: “o bom de ir à escola é aprender a ter conversas didáticas!” Nessa última fala da personagem reside o elemento cômico de toda a tirinha e indica, ao leitor, que o diálogo estabelecido com a amiga antes fora retirado dos textos escolares. Uma crítica, aliás, à alienação da realidade nos textos didáticos. A fala dos três primeiros quadros, portanto, tem destaque com outra fonte porque é citada por João e por Maria dos textos didáticos da escola. Esse tipo de citação é o que denominamos discurso direto.

O discurso direto exime o enunciador citante de qualquer responsabilidade e caracteriza-se por dissociar as duas situações: a do discurso citante e a do citado.

### Exemplo 1:

Em um de seus primeiros discursos após o resgate, a ex-senadora franco-colombiana fez questão de ressaltar a importância da rádio para todos os seqüestrados, dizendo que o programa era essencial e que os reféns ouviam a rádio sempre. “Muito obrigado por seu apoio. A rádio foi uma grande companhia por muitos anos”, disse.

No exemplo 1 vemos uma notícia acerca da libertação de uma refém da guerrilha colombiana, a ex-senadora do país, Ingrid Betancourt. No texto, ela

agradece a um jornalista de uma rádio que costumava escutar ao longo dos seis anos em que esteve sob o poder dos seqüestradores. O discurso citado, nesse caso, é do jornalista que redigiu o texto e se divide em duas partes: a primeira parte do início até a palavra “sempre”; a segunda parte somente o verbo “disse”. Esse verbo demonstra para o leitor que o texto entre aspas faz parte do discurso de Ingrid Betancourt e foi citado exatamente da forma como ela enunciou.

Na verdade, mesmo se apresentando sob a forma de citação direta, é uma encenação visando a criar um efeito de autenticidade. Por mais que aparente ser fiel, o discurso direto é sempre um fragmento do texto submetido ao enunciador do



Fig. 04

Fonte: <http://landmotion.gu.ca.es/wp-content/uploads/2007/05/pensador-rodin-ultimate.jpg>. Acesso em: 5 jul. 2008.

discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal. A oração que consta do exemplo 1 não é o discurso completo de Ingrid, é apenas uma parte dele, acoplada ao discurso do jornalista que redigiu o texto, não é mesmo?

O discurso citante deve satisfazer a duas exigências em relação ao leitor: indicar que houve um ato de fala (emprego de verbos de dizer, como afirmar, assegurar, confirmar, discordar, perguntar, responder, etc.) e marcar a fronteira que o separa do discurso citado (no caso de textos acadêmicos, técnicos e científicos, com o auxílio de dois-pontos e aspas), conforme você pôde constatar no exemplo 1.

Ainda no caso de citações diretas em textos acadêmicos, técnicos e científicos, há necessidade de explicitação do ano da fonte consultada, acrescido da indicação das páginas, como no exemplo a seguir.

### **Exemplo 2:**

Contrapondo-se à admiração exagerada das pessoas pela tecnologia, Cury (2005, p. 36) enfatiza: “A maioria dos seres humanos elogia as maravilhas da tecnologia, mas não conseguem se encantar com o espetáculo da construção de pensamentos que ocorre na psique humana”.

Concluindo, podemos dizer, então, que o discurso direto se caracteriza por abrir espaço, no texto, para uma outra voz, cujo discurso, ou ato de fala é recortado e esse recorte é copiado na íntegra e integrado ao discurso citante.



**Fig. 05**

Fonte: <http://rogerioribeiro.files.wordpress.com/2007/09/media.jpg>. Acesso em: 10 set. 2008.

## **Discurso indireto**

O discurso indireto é uma condensação ou uma paráfrase do que foi proferido pelo enunciador citado.

Paráfrase é um recurso textual que implica em dizer com outras palavras aquilo que já foi dito por alguém a quem citamos.

A citação no discurso indireto, no entanto, não é feita da mesma forma que no discurso direto que acabamos de ler. Lá, o discurso citado é copiado da mesma forma; aqui, o discurso citado é apropriado pelo enunciador do discurso citante

e é apresentado sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva, introduzida por um verbo de dizer. Veja o exemplo 3, a seguir:

**Exemplo 3:**

Irene Knysak, diretora do laboratório de artrópodes do Instituto Butantan, afirmou que há cerca de 35 mil espécies de aranha.

No exemplo 3 podemos perceber que há alguém sendo citado (Irene Knysak). Essa pessoa citada afirmou (verbo de dizer) o quê? Que existem 35 mil espécies de aranhas. No entanto a oração “que há cerca de 35 mil espécies de aranha” não foi dita por ela exatamente dessa mesma forma, o enunciador do texto está dizendo de novo o que ela disse e não copiando as palavras dela. Será que deu para entender?



**Fig. 06**

Fonte: <http://www.leitematerno.org/images/ivros.gif>. Acesso em: 10 set. 2008.

Vamos ver, então, como ficaria esse mesmo texto se fosse dito em discurso direto:

**Exemplo 4:**

Irene Knysak, diretora do laboratório de artrópodes do Instituto Butantan afirmou: “Há 35 mil espécies de aranha no mundo”.

Percebeu a diferença entre a forma de citar do exemplo 3 e a do exemplo 4? No último exemplo a oração foi citada da mesma forma como foi dita por Irene e usou-se aspas para indicar isso. No primeiro caso, a oração foi dita, com outras palavras, pelo enunciador do discurso citante, que nesse caso não precisa usar aspas e transforma a fala do discurso citado em oração subordinada ao seu próprio discurso.

Em se tratando de textos acadêmicos, técnicos e científicos, há necessidade, em todas as citações, de ser indicada a data da fonte consultada (e as páginas, no caso de discurso direto; essa indicação é obrigatória).

**Exemplo 5:**

Olérion (1890, p. 13) afirma que a demonstração científica não é tão pura e rigorosa quanto alguns acadêmicos acreditam ser.

**Exemplo 6:**

Bagno (1999) assegura ser muito comum os pais de alunos cobrarem dos

professores o ensino tradicional de gramática.

Nos exemplos 5 e 6, o ano que aparece entre parênteses diz respeito ao ano de publicação do livro, ou do texto de onde se retirou a citação. Falaremos um pouco mais sobre isso, quando estudarmos algumas orientações das normas ditadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)<sup>1</sup> em aula subsequente.

## ATIVIDADE 01

1. Que elementos da linguagem escrita caracterizam o discurso direto e o indireto numa notícia ou reportagem?

2. E num texto acadêmico, como devem ser usados o discurso direto e o indireto?

3. Qual a razão de um enunciador citar o discurso de outra pessoa?



## Modalização em discurso segundo

A modalização em discurso segundo é muito parecida com o discurso indireto. Ela não cita o texto da mesma forma que foi dita pela pessoa citada. Mas também não subordina, necessariamente, essa fala ao discurso do enunciador do texto. Além disso, nessa forma de citação, o enunciador deixa claro que o que ele está afirmando está baseado em outra pessoa. Por isso é comum o uso de expressões como: “segundo fulano”, “de acordo com beltrano”, “baseado em tal pessoa”, etc.

Esse é, talvez, o modo mais simples de o enunciador citante de um texto mostrar que não é responsável por uma determinada citação, apenas indica que está se apoiando em um discurso alheio.

### Exemplo 7:

<sup>1</sup> ABNT: Fundada em 1940, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o órgão responsável pela normalização técnica no país, fornecendo a base necessária ao desenvolvimento tecnológico brasileiro. É uma entidade privada, sem fins lucrativos, reconhecida como único Foro Nacional de Normalização através da Resolução n.º 07 do CONMETRO, de 24.08.1992. É membro fundador da ISO (International Organization for Standardization), da COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas) e da AMN (Associação Mercosul de Normalização). A ABNT é a única e exclusiva representante no Brasil das seguintes entidades internacionais: ISO (International Organization for Standardization), IEC (International Electrotechnical Commission); e das entidades de normalização regional COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas) e a AMN (Associação Mercosul de Normalização). (ABNT, 2008, extraído da Internet).

A incidência de câncer de pulmão entre as mulheres, de acordo com as mais recentes pesquisas científicas, é maior que entre os homens.

**Exemplo 8:**

Segundo fontes bem informadas, caçadores de Mianmar, sul da China, matam ursos para vender as patas, uma iguaria culinária.

**Exemplo 9:**

Para a pesquisadora Maria Firmina dos Reis, do Instituto de Ciências da USP, as pichações em portas de banheiros públicos revelam um lado escondido da psique humana.

Observe nos exemplos 7, 8 e 9 que todas as afirmações feitas pelo enunciador baseiam-se em alguma outra pessoa ou instituição, explicitada ou não no texto. Como podemos constatar isso? Através das expressões “de acordo com as mais recentes pesquisas científicas”, “segundo fontes bem informadas” e “para a pesquisadora Renata Plaza Teixeira”. Ao utilizar tais expressões, o enunciador do texto parece querer dar mais credibilidade ao seu texto, pois busca o apoio de uma autoridade que o apoie nas afirmações.

A organização lingüística dessa forma de citar apoia-se na articulação de dois elementos: uma expressão como “de acordo com”, “segundo dizem”, “conforme Beltrano”, “para Fulano”, dentre outras, e uma condensação ou uma paráfrase do que foi proferido pelo enunciador citado. Essa é uma forma de citação indireta, uma vez que não apresenta transcrição.

A propósito, os textos dos exemplos 7, 8 e 9 têm um caráter mais jornalístico, pois não se preocupam em ser minuciosos na apresentação de suas fontes, ou seja, expressões como “as mais recentes pesquisas” e “fontes bem informadas” são muito vagas, não devem, por exemplo, ser utilizadas em discursos mais técnicos, científicos ou acadêmicos.

Em se tratando de texto de natureza acadêmica, técnica ou científica, há necessidade de, após a indicação do responsável pela citação, ser explicitado, entre parênteses, o ano da fonte consultada (e em se querendo surtir mais efeito de credibilidade, as páginas que registram o que foi proferido), conforme os modelos a seguir.

**Exemplo 10:**

Conforme Maingueneau (1998), a retórica desapareceu do ensino francês no final do séc. XIX.

**Exemplo 11:**

De acordo com Bellenger (1987, p. 29-33), o discurso falsificado desenvolve-se com o auxílio dos seguintes meios: a fabulação, a simulação, a dissimulação, a polidez, a calúnia e o equívoco.

Você consegue perceber a diferença entre os exemplos 10 e 11 e os exemplos 7, 8 e 9? Nos últimos (10 e 11) as fontes são cuidadosamente citadas, incluindo, no exemplo 11, até as páginas em que a informação citada pode ser encontrada. Assim é como deve ser o discurso de natureza técnica, científica e acadêmica.

## Ilha textual

Nesse modo de citar, o enunciador citante, recorrendo geralmente à modalização em discurso segundo ou ao discurso indireto (formas de citação indireta), isola, entre aspas, um fragmento que, ao mesmo tempo, ele utiliza e menciona, emprega e cita. Tem-se, então, uma forma híbrida: mesmo, por exemplo, tratando-se globalmente de discurso indireto, esse contém palavras atribuídas aos enunciadores citados.

**Exemplo 12:**

No vestiário, o craque disse que ganhariam a copa “de qualquer jeito, com ou sem *dopping*”.

**Exemplo 13:**

Segundo o porta-voz do planalto, o Brasil está mudando “de forma acelerada, aceleradíssima”.

Perceba no exemplo 12 que o enunciador inicia a citação como se fosse utilizar o discurso indireto, pois utiliza o verbo de dizer (disse) e a partícula integradora (que), além disso, as primeiras palavras do discurso citado são apropriadas pelo enunciador (ganhariam a copa); só no final do enunciado ele usa aspas e cita, em forma de



**Fig. 07**

Fonte: <http://coloridavida.com/blog/wp-content/uploads/2007/11/ilha-deserta.jpg>. Acesso em: 10 set. 2008.

discurso direto, um fragmento do discurso do craque citado da maneira como ele disse (de qualquer jeito, com ou sem *dopping*). Essa fragmentação do discurso citado, que depende do discurso citante, inclusive para ganhar um sentido completo, contextualizado, é que caracteriza a ilha textual.

Não esqueça, no entanto, que, no caso de textos acadêmicos, técnicos e científicos, a data e as páginas devem se fazer presentes.

**Exemplo 14:**

Landowsky (1989, p. 2) diz que a enunciação é o “ato pelo qual o sujeito faz ser o sentido” e o enunciado, o “objeto cujo sentido faz ser o sujeito”.

**Exemplo 15:**

Para Reboul (1989, p. 137), o problema não é descartar as figuras de linguagem, mas “conhecê-las e compreender seu perigoso poder, para não ser vítima dele”.

Convém ainda acrescentar que a ABNT dispõe de documentos, como a NBR 10520 e a NBR 6023, ambas de agosto de 2002, que tratam, especificamente, dos aspectos técnicos (aqui, tão somente tangenciados) a serem considerados quanto à produção de textos acadêmicos, técnicos e científicos, em citações diretas e indiretas e em referências bibliográficas, respectivamente. Vamos falar mais sobre a ABNT em aula posterior.

## ATIVIDADE 02

1. Explícite o uso da modalização em discurso segundo e o uso da ilha textual em textos de natureza jornalística.

2. Quanto ao texto científico, por exemplo, como devem ser utilizadas a modalização em discurso segundo e a ilha textual?



## UMA REFLEXÃO

A utilização de qualquer uma dessas formas de citar o discurso alheio está associada ao gênero textual e às estratégias utilizadas pelo enunciador citante.

Para criar, por exemplo, efeito de autenticidade, mostrar-se supostamente neutro, não aderir ao que é dito ou até mesmo revelar inteira adesão, o enunciador citante recorre ao discurso direto e à ilha textual.

Nos gêneros jornalísticos escritos, excluindo-se os da imprensa popular e sensacionalista, é mais comum o discurso indireto, a modalização em discurso segundo e a ilha textual. Já nos gêneros acadêmicos, técnicos e científicos, as formas de citar tendem a ser variadas, tanto para alternar o padrão estilístico das citações quanto para permitir, ao enunciador citante, a consolidação das mais diversas intenções.

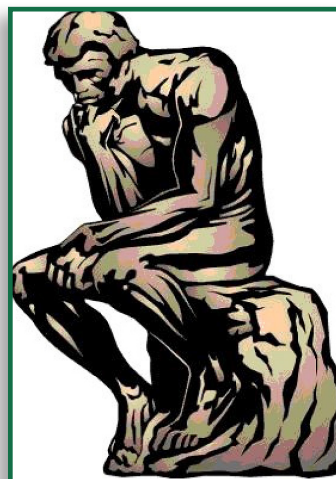


Fig. 08

Fonte: <http://www.santana.googlepages.com/pensador.bmp/pensador-full.jpg>. Acesso em: 10 out. 2008.

Lembre-se, também, de ter cuidado, nas suas produções textuais, ao utilizar citações de outras pessoas. Elas devem ser retiradas de forma cuidadosa. Ao recortar um texto para citá-lo como base ou complemento de seu discurso, observe se ele está coerente com o que você afirma. Pois, muitas vezes, incorremos no erro de acharmos interessante uma afirmação de um autor que em fragmento parece concordar com o que queremos afirmar, mas pode, dentro de seu contexto mais amplo, contradizer o que pregamos. Esse cuidado é preciso, principalmente, quando o texto que produzimos vai ser alvo de avaliação por uma banca ou por um professor, numa disciplina. O fato é que, como citamos apenas fragmentos dos discursos alheios, podemos correr o risco de estarmos utilizando as idéias dos outros incorretamente.

Além disso, é preciso estar atento às normas da ABNT. Ela tem muitos detalhes, mas os detalhes são importantes para os leitores de seus textos, pois a indicação de ano e página permitem que os leitores pesquisem diretamente as fontes utilizadas por você.

## LEITURAS COMPLEMENTARES

MODOS de citação do discurso alheio. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/>





books/1749837-modos-cita%C3%A7%C3%A3o-discurso-alheio-in/>. Acesso em: 10 set. 2008.

SILVA, Patrícia Alves do Rego. **As marcas de enunciação no texto jornalístico policial**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno07-02.html>>. Acesso em: 10 set. 2008.

Nos sítios anteriores você vai encontrar informações interessantes sobre as diferentes formas de citar o discurso de outras pessoas. O primeiro sítio apresenta algumas informações sobre citações baseadas no livro *Lições de texto*, de Platão e Fiorin, citado como fonte de referência desta aula. E o segundo traz um artigo sobre uso de citações no discurso jornalístico

## RESUMINDO

Nesta aula, estudamos algumas formas de citação do discurso alheio: discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo e ilha textual. Vimos também o que diferencia um modo de citação do outro e quais as marcas textuais relevantes para construir cada uma dessas formas de citação. Além disso, observamos que os textos de natureza técnica, científica e acadêmica exigem uma atenção às normas da ABNT no tocante à citação de vozes alheias.

## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

**1.** Em cada trecho de artigo científico apresentado a seguir e criado para esta avaliação, identifique o modo de citação do discurso alheio utilizado pelo produtor.





a) Ferreira (1986) afirma que uma das principais características das leis científicas é a de que elas assumem a forma lógica de uma generalização universal.

b) Segundo Hulot (1982), há duas razões principais que poderiam explicar o fato de que, apesar de a história ser um simples relato de fatos que realmente aconteceram, os historiadores dificilmente se põem de acordo sobre as causas de muitos acontecimentos importantes na história, como, por exemplo, a queda do Império Romano.

c) Por outro lado, Camembert (1996, p. 234) chama a atenção contra o perigo dos conceitos classificadores e explicita: “Dizemos apenas que todo conceito classificador é falso porque nenhum acontecimento se parece com outro [...]”.

d) Dessa forma, a necessidade que se tem de, na pesquisa histórica, fazer uso de hipóteses universais das quais a grande maioria vem de outros campos de pesquisa tradicionalmente distintos da história, conforme Haidel (2001), “é exatamente um dos aspectos de que se pode chamar unidade metodológica da ciência empírica”.

e) Câmara Ferreira (2006, p. 90) afirma: “A expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório”.

f) Ferreira (1998, p. 72) assegura que, para o poeta

popular, “a poesia é a roda do engenho, a máquina do mundo, o exercício possível para a recuperação da neutralidade”.

g) De acordo com Oliveira (2004), muitos estudiosos, contrariando a orientação saussuriana de Bally e influenciados, sobretudo, pelo pensamento estético idealista de Croce, transformam a fala literária em objeto de estudo.

h) Para Bezerra (2001, p. 345), a linguagem é, nesse sentido, a “possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão”.

i) No parecer de Ferreira Júnior (2006) e de outros, como Santana (1998) e Zigby (1975), os sufixos formadores de aumentativos ou de diminutivos é sempre derivacional.

j) Lima e Bezerra (2000) afirmam que um texto coerente é um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira complementar, de modo que não haja nada destoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo.

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Conheça a ABNT**. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/default.asp?resolucao=1024X768>>. Acesso em: 10 set. 2008.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BELLENGUER, L. **A persuasão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

CURY, A. J. **Inteligência multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores**. 7. ed. São Paulo, Vozes, 2005.

LANDOWSKY, E. **A sociedade refletida**. São Paulo, PUCSP, 1989.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 137-154.

PLATÃO, F. ; FIORIN, J. L. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2003.

QUINO. **Toda a Mafalda: da primeira à última tira**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RÉBOUL, O. Les valeurs de l'éducation , in A. Jacob (Org.), **L'Univers Philosophique**. Encyclopédie philosophique universelle, Paris: Puf, 1989,

## Lista de figuras

**Figura 01** - [http://3.bp.blogspot.com/\\_EEEi3XYEx1Q/TDfcMtlfT8I/AAAAAAAHk/PccYp5ZuXZU/s1600/REFLEXO\\_-\\_ESPELHO.png](http://3.bp.blogspot.com/_EEEi3XYEx1Q/TDfcMtlfT8I/AAAAAAAHk/PccYp5ZuXZU/s1600/REFLEXO_-_ESPELHO.png) , Acesso em 05 de junho de 2013

**Figura 02** - <<http://wqtransito.vilabol.uol.com.br/referencias.jpg>>. Acesso em: 9 set. 2008.

**Figura 03** - Andrade (2014).

**Figura 04** - <<http://landmotion.guca.es/wp-content/uploads/2007/05/pensador-rodin-ultimate.jpg>>. Acesso em: 5 jul. 2008.

**Figura 05** - <<http://rogerioribeiro.files.wordpress.com/2007/09/media.jpg>>. Acesso em: 10 set. 2008.

**Figura 06** - <<http://www.leitematerno.org/images/livros.gif>>. Acesso em: 10 set. 2008.

**Figura 07** - <<http://coloridavida.com/blog/wp-content/uploads/2007/11/ilha-deserta.jpg>>. Acesso em: 10 set. 2008.

**Figura 08** - <<http://www.santana.googlepages.com/pensador.bmp/pensador-full.jpg>>. Acesso em: 10 out. 2008.

# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

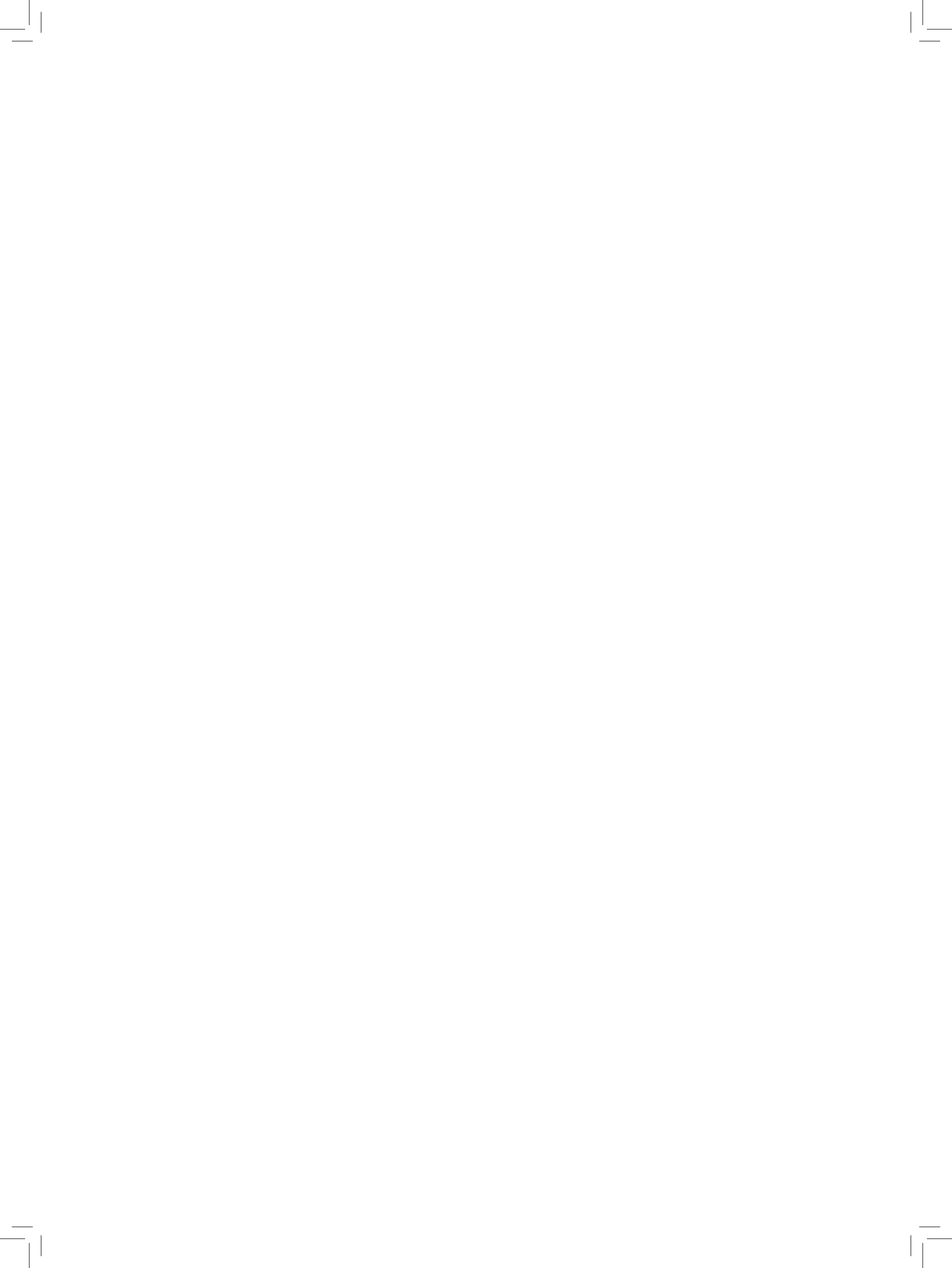
**DISCIPLINA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**AULA 12**  
**TÓPICOS DE GRAMÁTICA**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**





## APRESENTANDO A AULA

Ao longo desta aula você vai tomar contato com uma seleção de tópicos gramaticais que representam problemas recorrentes para a produção de textos de toda natureza, principalmente aqueles que exigem mais acuidade em sua elaboração, como os de natureza técnica, acadêmica e científica. Ao longo desta aula você poderá pôr em prática o seu conhecimento acerca do uso de pronomes, advérbios, verbos e expressões que causam confusão para os usuários da língua portuguesa.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Compreender alguns dos problemas mais comuns na produção de textos mais formais.
- Utilizar corretamente, em produções textuais, pronomes, verbos, advérbios e expressões que causam confusão entre os usuários da língua portuguesa.



## PARA COMEÇO DE CONVERSA

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado de sua vida,  
regular como um paradigma da 1ª conjugação.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,  
ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito  
assindético de nos torturar com um aposto.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um pronome.

E ela era bitransitiva.

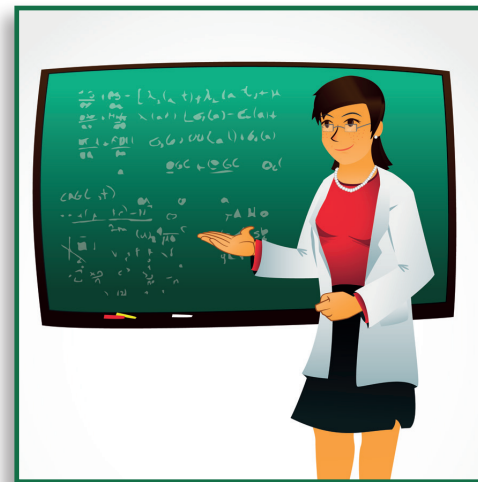
Tentou ir para os EUA.

Não deu.

Acharam um artigo indefinido na sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,  
conectivos e agentes da passiva o tempo todo.

Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.



Fonte: ROCHA (2013)

Fig. 01 - Professora

(O assassino era o escriba - Paulo Leminski)

O divertido poema do poeta curitibano Paulo Leminski utiliza a nomenclatura da gramática normativa para narrar uma pequena história. A gramática tem sido um motivo de grande preocupação para estudantes de língua portuguesa no Brasil desde longa data. O problema não é ela em si, no entanto, mas a forma como percebemos a sua importância. A gramática de uma língua é fundamental, sem gramática não teríamos como elaborar enunciados com sentido. No entanto, tendemos a acreditar que aprender gramática é o suficiente para aprender a escrever. E não é bem assim.

Conhecer bem a gramática normativa não garante a qualidade de sua produção textual, ela é apenas um instrumento a mais que, se for bem utilizado, pode ser muito útil, mas não é o único instrumento.

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### A escrita e a gramática

Falar e escrever são coisas muito diferentes, e nós já vimos algumas dessas diferenças ao longo de nossas aulas dessa disciplina. Mas uma diferença que pesa bastante é que, ao escrever textos de natureza técnica, científica ou acadêmica, somos mais cobrados na atenção às normas da língua. Ou seja, precisamos estar mais atentos à gramática. Por isso, ao longo desta aula, vamos discutir alguns dos problemas mais comuns de quem lida com textos mais formais.



Fonte: SANTOS (2013)

Fig. 02

### Os diferentes “quês”

Um probleminha comum para quem escreve é o uso ou não da vírgula antes da palavra “que”. Já tivemos uma aula sobre vírgulas na disciplina Língua Portuguesa, portanto, aqui vamos só lembrar algumas razões que remetem à necessidade de usar vírgulas ao utilizar o “que”. Veja o exemplo:



Fonte: SANTOS (2013)

Fig. 03

#### Exemplo 1

Algum tempo atrás, antes do real, você podia dizer que, no Brasil, o dinheiro não durava muito e logo perdia o valor. Mas não se pode dizer isso da nota de dinheiro. Aquela folhinha que a gente pega, dobra, amassa, põe no bolso e, principalmente, tira do bolso a toda hora...

Quantos quês foram utilizados no exemplo?

1. Você pode até dizer **que**, no Brasil, o dinheiro não dura muito e logo perde o valor

2. Aquela folhinha que a gente pega, dobra, amassa, põe no bolso e, principalmente, tira do bolso a toda hora.

No primeiro enunciado o “que” vem depois do verbo (dizer) e não faz referência a nenhuma palavra ou expressão anterior, ele apenas conecta o verbo ao seu objeto (verbo dizer + objeto dinheiro). No enunciado entre o verbo e o objeto há uma informação intercalada (no Brasil) que é uma indicação do lugar sobre o qual se fala. As vírgulas estão presentes para demonstrar essa interlocução adverbial na oração. Portanto, entre o “que” e o verbo não há vírgulas. A oração principal é “Você pode até dizer que o dinheiro não dura muito no Brasil”.

No segundo enunciado, o “que” remete à “folhinha”. Neste caso, funciona como um pronome relativo, ou seja, como um elemento que remete a um nome. É o mesmo caso de “João é o homem que eu amo”.

São duas orações:

1. João é o homem.

2. Eu amo o João.

Para não precisarmos repetir João ou o homem, usamos o pronome relativo e unimos as duas orações. Todo pronome relativo introduz uma oração que está ligada a um nome, seja esse nome de pessoa, objeto, animal etc. Outro exemplo:

### **Exemplo 2**

Os compositores de que gosto são brasileiros.

Há, além do “que”, uma preposição exigida pelo verbo. Quando gostamos, gostamos de alguma coisa, não é mesmo? Nesses casos em que há necessidade de uma preposição, ela entra na oração que o que introduz (de que, com que, a que, para que).

Mas em algumas orações em que o pronome relativo “que” surge, há necessidade de vírgulas. Vamos ver alguns exemplos?

**Exemplo 3**

A árvore, que é um ser vivo, pode adoecer.

**Exemplo 4**

Maria, que é feliz, nunca chora.

Nos exemplos 3 e 4, as orações entre vírgulas têm um “que” funcionando como pronome relativo, ou seja, remetendo aos sujeitos do enunciado que são, respectivamente, árvore e Maria.

Muito bem, mas essas orações introduzidas pelo “que” vêm entre vírgulas, por quê? Lembra da aula sobre uso da pontuação, na disciplina Língua Portuguesa? Lá, esclarecemos que usamos a vírgula sempre que intercalamos, na oração principal, um aposto, ou seja, algo que explica alguma coisa sobre quem a oração fala. No caso dos enunciados dos exemplos 3 e 4 é isso que temos: o primeiro explica que a árvore é um ser vivo; o segundo, que Maria é feliz. Explicadas essas coisas, compreendemos tanto o porquê da árvore adoecer quanto de Maria chorar.

Assim, só utilizamos vírgulas em orações introduzidas pelo pronome relativo “que”, quando essas orações tiverem a função de aposto explicativo.

Certo é que podemos nos confundir ou não identificar, de pronto, se uma oração é explicativa ou não. Veja os exemplos a seguir:

**Exemplo 5**

O homem que fuma morre mais cedo.

**Exemplo 6**

O homem, que fumava, precisou sair do restaurante.

Por que há vírgulas no enunciado do exemplo 5 e não há vírgulas no enunciado do exemplo 6? Vamos analisar... Em “O homem que fuma” o “que” funciona como pronome relativo, certo? Pois ele remete à palavra homem. No enunciado do exemplo 6 também, “o homem fumava”, mas há uma diferença. No enunciado do exemplo 5 sabemos que todos os seres humanos morrem não é mesmo? Mas o que o enunciado quer dizer é que uma parcela dos homens, aqueles que fumam, morrem mais cedo que os demais. Assim, no exemplo 5 não há uma intenção de explicar no enunciado

“que fuma”, mas de restringir em um amplo contingente, uma parcela que morre mais cedo. Portanto, “que fuma” é uma oração restritiva e não explicativa.

Já no enunciado do exemplo 6, a oração “que fumava” explica por que o homem precisou sair do restaurante. Ele saiu do restaurante porque fumava. Entendeu?

Outro detalhe: o pronome “que” não é o único utilizado como pronome relativo em orações explicativas. Observe os exemplos a seguir:

#### **Exemplo 7**

Minha mãe mora em Natal, onde a água costumava ser pura.

#### **Exemplo 8**

Essa garota, cujas ofensas já suportei, é muito indelicada.

Nos exemplos 7 e 8, as orações explicativas são introduzidas, respectivamente, pelos pronomes “onde” e “cujas”. Mas lembre-se, o pronome “onde” só deve ser utilizado quando nos referimos a lugares, no caso, a palavra a que ele remete é Natal.

### **ATIVIDADE 01**

**1.** Exercite um pouco do que você aprendeu nas orações a seguir. Coloque as vírgulas onde for necessário.

- a) O show de corrupção que Natal tem mantido em cartaz não estimula a população a imaginar que seja possível eliminar a criminalidade.
- b) A multidão que estava faminta gritava sem parar.
- c) Ela que não é boba disse que estava tudo errado.
- d) O homem que assaltou o banco usava calça preta.
- e) Ele que estava cansado gostou da massagem.



## Os diferentes porquês

Uma coisa que incomoda a quem escreve também são as diferentes formas de grafar o “porquê”. Quando falamos, todos eles soam igual, então, por que escrevê-los de forma diferente? Isso só se justifica quando remetemos à função que cada um deles exerce na oração. Vejamos cada caso:



Fonte: SANTOS (2013)

Fig. 04

Nesse caso “por que” pode ser substituído por “por que motivo”. Ele investiga a causa de alguma coisa. Observe o exemplo:

### Exemplo 9

Por que ele não veio?

### Exemplo 10

Eu não sei por que ele não veio.

No caso dos exemplos 9 e 10 há uma junção entre a preposição por e o pronome interrogativo “que”. Juntos eles devem ser utilizados em orações que interrogam (exemplo 9) direta ou indiretamente (exemplo 10).

Existem casos em que por que é formado pela junção de preposição e pronome relativo. Nesses casos ele equivale a **pelo qual, pelos quais, pelas quais, pela qual**.

### Exemplo 11

A rua por que passamos não era a que procuramos.

No caso do exemplo 11, não há um questionamento direto nem indireto. O “por que” pode ser substituído por pela qual.

## Por quê

Caso o questionamento, a interrogação que se faça não venha no início ou no meio da oração, mas no final, é preciso agregar ao que, um acento circunflexo, pois no final da oração o monossílabo “que” passa a ser tônico, essa é a função do acento. Por isso, só usamos o “por quê” em finais de oração:

**Exemplo 13**

- Você gosta dele?

- Claro. Por quê?

**Exemplo 13**

Não terminou por quê?

Não sei por quê!

**Por que**

A forma “porque” é explicativa. Poderia ser substituída na maioria dos casos por **pois, já que, uma vez que**, quando remete a uma causa, ou por **para que, a fim de**, quando remete a uma finalidade. Veja o exemplo:

**Exemplo 14**

Ela não está falando comigo porque faltei ao nosso encontro.

**Porquê**

Essa forma é substantivada e, portanto, vem sempre acompanhada por um artigo (o porquê) ou por um pronome (esse porquê). Além disso, sofre mudança de número, ou seja, vai para o plural (os porquês). Vamos ao exemplo:

**Exemplo 15**

Os verdadeiros porquês do assassinato estão sendo investigados.

**ATIVIDADE 02**

1. Novamente, vamos exercitar. Insira nas lacunas das orações abaixo os seus respectivos por que, por quê, porque ou porquê.



a) Ninguém sabe \_\_\_\_\_ o secretário não assinou o documento.

- b) O presidente assinou a medida provisória \_\_\_\_\_ quis.
- c) Afinal, ele não veio \_\_\_\_\_?
- d) Qual o \_\_\_\_\_ de sua demissão?

## Onde ou aonde?

“Onde”, eis uma palavrinha muito utilizada. E, em geral, de forma inadequada, pois oralmente usamos indefinidamente para indicar tempo, lugar etc. Veja os exemplos:

### Exemplo 16

Em fevereiro, onde a nova lei será implantada, serão feitas alterações na estrutura pública.

### Exemplo 17

Estive no estádio, onde é muito bonito, mas gostei mais do museu.

### Exemplo 18

Curitiba, onde haverá eleições municipais, está tranquila.

Qual desses exemplos (16, 17 ou 18) apresenta o uso correto da palavra onde? Você consegue identificar? Muito bem, você acertou se disse que o único enunciado correto é o exemplo 18. No padrão escrito, a palavra onde só deve ser utilizada para indicar lugar.

No caso, ele remete à cidade de Curitiba. Por isso, o termo a que o “onde” remete deve estar sempre próximo a ele.

O uso excessivo do “onde” acaba por eliminar também de nossa prática o uso do “aonde”. O fato é que ambos são muito parecidos. O “onde” é utilizado em situações estáticas, enquanto o “aonde” é a combinação da preposição “a + onde”. Indica movimento **para** algum lugar. Dá ideia de aproximação. É usado com os verbos **ir**, **chegar**, retornar e outros que pedem a preposição **a**. Veja alguns exemplos:

### Exemplo 19



Fig. 05

Fonte: SANTOS (2013)



- Onde você está?

- Em casa.

### Exemplo 20

-Aonde você vai?

- Para casa.

Percebeu a diferença? A casa, no exemplo 19, é um lugar estático onde se está. No exemplo 20, a pessoa ainda não está em casa, mas está a caminho, portanto, em movimento de ida.

## ATIVIDADE 03



1. Coloque adequadamente nas orações abaixo “onde” ou “aonde”.

- \_\_\_\_\_ fica o Sudão?
- Sabe \_\_\_\_\_ eles estão indo?
- Estavam à deriva sem saber \_\_\_\_\_ ir.
- De \_\_\_\_\_ você está falando?
- Não sei \_\_\_\_\_ ele estava com a cabeça quando disse isso.

## Este ou esse?

Os pronomes demonstrativos são palavrinhas bem versáteis da nossa língua. Eles têm três empregos, como veremos a seguir.

## Indicam situação no espaço

Quando estamos remetendo, no texto, em geral em conversas orais, cujos interlocutores estão no mesmo local e falam sobre o que está a seu redor, podemos dizer:

**Exemplo 21**

- Esta sala está suja.

A sala é o local onde as pessoas participando do diálogo estão localizadas, portanto, o pronome “esta” remete a algo que está fora do texto, indica um espaço em que os interlocutores se encontram.



Fig. 06

Fonte: <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:bn:TShejVTg3N7bM:http://www.receita.pb.gov.br/educfiscal/images/menino-apontando.jpg>. Acesso em: 7 jan. 2010.

**Exemplo 22**

- Esse quarto não está bem arrumado.

O quarto é um local que o enunciador está vendo, mas em que não está. Pode estar lá a pessoa com quem o enunciador fala.

Nesse caso, o pronome também poderia indicar um objeto a que uma das pessoas do diálogo se referisse.

**Exemplo 23**

- Este lápis é seu? (A pessoa precisaria estar próxima ao lápis)

- Aquela caneta vermelha é a minha? (A pessoa estaria distante da caneta).

Resumindo:

- o lugar onde estou: **este**;
- o lugar onde você está: **esse**;
- o lugar distante do falante e do ouvinte: **aquele**.

## Indicam situação no tempo

Quando remetemos, no texto, a situações temporais que estamos vivendo fora do texto. Se o tempo a que nos referimos é tempo presente (em curso), pode-se usar “este”. Se nos referimos a um tempo passado próximo, usamos “esse”. Se o passado a que nos referimos já está distante, usamos “aquele”.

**Exemplo 24**

Esta semana viajo para a Espanha. (A semana já está em curso)

**Exemplo 25**

Esse ano visitei minha tia. (A visita foi feita em algum momento do ano, num passado próximo, pois o ano ainda está em curso).

**Exemplo 26**

Aquele foi um ano feliz! (O ano de que se fala já passou, é um passado remoto).

Mas, quando saber se o lugar ou o tempo estão próximos ou distantes? Só o contexto pode nos ajudar nisso. No caso do tempo, a nossa relação com ele é ditada, principalmente, pela nossa psique. Em uma sala de espera de um médico, o tempo dura uma eternidade, se estamos nos divertindo com um grupo de amigos, no entanto, como ele passa rápido, não é? Assim, o que precisamos é nos guiar pelo contexto.

Resumindo:

- tempo presente: **este**;
- passado ou futuro próximo: **esse**;
- passado distante: **aquele**.

**Indicam situação no texto**

Muitas vezes os pronomes remetem a termos ou expressões utilizadas dentro do texto. Nesses casos é que costumamos nos confundir mais.

Se o termo de referência ainda vai ser anunciado, usamos este.

**Exemplo 27**

O presidente disse esta pérola: “Nossa política não possui erros”.

No exemplo 27, o pronome “esta” remete à toda frase dita pelo presidente que foi explicitada logo depois.

Se o termo de referência já foi enunciado, utiliza-se “esse”.

**Exemplo 28**

“Nossa política é bem planejada”. Essa frase foi pronunciada pelo presidente.

Agora, quando temos dois termos comparativos, usa-se “este” para fazer referência ao mais próximo e “aquele” para fazer referência ao mais distante.

**Exemplo 29**

Lula e FHC são dois presidentes da história recente do Brasil. Este, conhecido por uma sigla, aquele, por um apelido.

Resumindo:

- o que vai ser mencionado: **este**;
- o que se mencionou antes: **esse**;
- entre dois ou três fatos citados:
  - o primeiro que foi citado: **aquele**;
  - o do meio: **esse**;
  - o último citado: **este**.

**ATIVIDADE 04**

1. Aplique corretamente este/esse/aquele nos enunciados a seguir:

- a. \_\_\_\_\_ ano [ano em curso] pouco se fez em favor dos sem-teto.
- b. Não há ocorrência de acidentes \_\_\_\_\_ data (de hoje).
- c. Bons tempos \_\_\_\_\_! - diz vovó, nostálgica.
- d. Nosso vizinho vive repetindo \_\_\_\_\_ provérbio: “Casa de ferreiro, espeto de pau”.

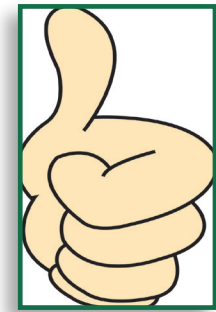
e. Quando o rei D. João V faleceu e D. José ocupou o trono, \_\_\_\_\_ recorreu a Sebastião José para ser Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros.

f. \_\_\_\_\_ sala em que você está é muito mal arrumada.

## Concordar pra quê?

Na linguagem coloquial, diária, é comum usarmos expressões tais como: “Vamo lá!” ou “Tu sabe disso?”. Essas expressões, que passam despercebidas na linguagem oral familiar, ou entre amigos, se escritas em textos mais formais, indicam sério problema de uso da expressão gramatical: falta de concordância. A língua portuguesa estabelece regras de concordância verbal e nominal. Ou seja, precisamos concordar todas as palavras, situando-as no singular ou no plural, no masculino ou no feminino e adequando-as ao modo e ao tempo verbal.

Os textos de natureza técnica, científica e acadêmica exigem o uso da linguagem padrão, por isso precisamos nos ater às regras de concordância. Assim, observe o exemplo a seguir:



Fonte: SANTOS (2013)

Fig. 07

### Exemplo 30

A maioria das pessoas consideram correto o consumo de verduras.

Qual é o problema nessa oração? Você consegue identificá-lo? Não? Vamos a ele: “a maioria” é um nome que traz uma ideia de grande quantidade, não é mesmo? Por isso, em geral, temos a tendência de concordar o verbo com a quantidade que o nome indica e colocamos o verbo no plural (consideram). Mas, apesar da ideia, o termo “a maioria” é singular e, portanto, o verbo precisa permanecer na terceira pessoa do singular (considera).

Também dificulta a concordância quando o sujeito aparece depois do verbo. Veja o exemplo:

### Exemplo 31

Foi anunciada na semana passada a inauguração da usina hidrelétrica.

Saíram os resultados da última eleição.

Apareceu dez pessoas com o mesmo traje.

Qual dos enunciados do Exemplo 31 apresenta problemas de concordância? Descobriu? Muito bem! “Dez pessoas apareceram com o mesmo traje.” Fica muito mais fácil fazer a concordância quando colocamos o sujeito antes do verbo, não é mesmo?

## ATIVIDADE 05

1. Teste seu domínio de concordância reescrevendo os enunciados abaixo substituindo as palavras em negrito pelas palavras entre parênteses e fazendo as adequações necessárias.



a) **Faltou troco**, mas no primeiro dia de convivência com a nova moeda de R\$2,00 não houve maiores problemas. (moedas)

b) Fechada no dia da Independência, **a pesquisa** apresentou resultados favoráveis ao candidato da oposição. (os dados)

c) **Os juros**, que são o grande vilão do mercado consumidor, foram temas de reunião ministerial. (a taxa de juros)

d) Aconteceu, ao contrário do que previa o **noticiário**, uma **boa receptividade** ao novo sistema de avaliação do Ensino Médio. (os comentaristas/manifestações de apoio).

## Uso da crase

Crase é outro bicho-papão de quem usa a língua portuguesa. Quando usar? Quando não usar? Sempre ficamos em dúvida. Mas, o que é crase, afinal?

Crase é a contração da preposição “a” mais o artigo “a”. Isso significa que só colocaremos o acento grave (´) indicador de crase, quando houver a necessidade de usar ambos: “a +



Fonte: SANTOS (2013)

Fig. 08

a". É por isso que jamais usamos a crase antes de palavras masculinas, porque elas não pedem artigo feminino, não é?

É claro que há exceções: "aquele", às vezes, pede crase, apesar de masculino, se o verbo antecedente pedir preposição. Ao unir-se ao pronome, que começa com a letra "a", haverá crase.

### **Exemplo 32**

O governador reclamou àquele (a+ aquele) mesmo secretário que havia aclamado.

Ou quando ficar subentendida a expressão "à moda de", então, mesmo que o nome seguinte seja masculino, a crase é colocada.

### **Exemplo 33**

Contou uma piada à Chico Anísio (à moda de Chico Anísio)

Também não usamos crase antes de **ela, essa, esta, uma**.

### **Exemplo 34**

Ele disse a verdade a ela.

Ninguém obedece a essa regra.

O deputado referiu-se a esta declaração.

Ele foi a uma sessão da câmara.

Convém lembrar, ainda, que nos casos de numerais indicativos de hora de relógio, a crase é permitida, pois sempre usamos crase antes de numeral que indica hora de relógio. Portanto, se "uma" na oração, referir-se à hora de relógio, a crase é permitida.

### **Exemplo 35**

A loja abre às duas horas.

A mercearia abre à uma e meia.

Nomes de países, estados e cidades são caprichosos. Ora pedem artigo. Ora esnobam-no. Por isso, às vezes exigem crase. Às vezes não. Como saber? Se a frase for construída com o verbo ir, há um truque. Substitua o ir por voltar. Depois, siga o conselho da quadrinha:

Se, ao voltar, volto da,  
crase no a  
Se, ao voltar, volto de,  
crase pra quê?

Vamos ver alguns usos típicos que às vezes nos confundem:

1. às vezes – Isso acontece às vezes;
2. à base de – A massa foi feita à base de amido;
3. à moda de – Bife à moda francesa;
4. às tantas horas – Ela chegou às cinco horas;
5. às escuras – O encontro foi às escuras;
6. à toa – Estava à toa na vida;
7. à exceção de – À exceção do seu amigo, todos estavam na festa;
8. à mão – Escrevi à mão, depois digitei;
9. à escuta – Os policiais ficaram à escuta, acompanhando a conversa.

Antes que você diga, no entanto, que difícil em português é o fato de toda regra ter exceção, vamos a duas tabelinhas que vão resumir o uso e não uso de crase e facilitar a sua compreensão.



## Lembre-se!

Nunca use crase antes de	Exemplo
Masculino	Bife a cavalo, entrega a domicílio.
Verbo	Disposto a reagir.
Pronomes (que não aceitem o artigo a(s))	Falei a cada prima. Dirigiu-se a ela. Referia-me a esta moça. Parabéns a você.
Expressões formadas por palavras repetidas	Gota a gota, face a face.
Nomes de cidades sem determinação (exceção: haverá crase, se o nome da cidade vier determinado)	Vou a Santos. Vou à poluída Santos.
Palavras no plural precedidas de a (no singular)	Assisti a demonstrações de carinho.

**Quadro 1** - Quando não se deve usar crase. Fonte: <[http://www.geocities.com/mgh\\_7/gramatica.html](http://www.geocities.com/mgh_7/gramatica.html)>. Acesso em: 7 jan. 2010.

Sempre use crase	Exemplo
Na indicação do número de horas	À uma e meia, às nove.
Quando há ou se pode subentender a palavra moda	Chapéu à gaúcha (à moda gaúcha). Sopa à calabresa (à moda calabresa).
Nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas	Às vezes choro. Acabou devido à falta de luz. Saímos à medida que recebíamos.

**Quadro 2** - Usos da crase. Fonte: <[http://www.geocities.com/mgh\\_7/gramatica.html](http://www.geocities.com/mgh_7/gramatica.html)>

## ATIVIDADE 06

1. Use a crase nos termos grifados, quando necessário:

a) Quanto as crianças abandonadas, as mesmas estão a procura da felicidade, mas só encontram a incompreensão e o desprezo da sociedade.

b) Dada a urgência da situação referente a negociação imobiliária, se eu resolver vender a casa, volto a telefonar-lhe.

c) Esta advertência não se destina aqueles alunos que comparecem as aulas.

d) As vezes as medidas governamentais contemplam somente aqueles que contribuem há mais tempo para a autarquia, não visando aquela parcela da população que ainda não quitou a dívida.

e) De segunda a quinta, das nove as dezessete horas, estaremos sempre lá, a postos, a disposição da população, para esclarecer as dúvidas. Favor, dirijam-se a Marechal Floriano para maiores esclarecimentos.

f) A partir de setembro, não haverá mais resistência as nossas ideias, devendo a chefia submeter-se as reivindicações dos funcionários.





## LEITURAS COMPLEMENTARES

CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim (Org.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Se você quiser divertir-se um pouco com aspectos da gramática aplicados a textos literários, leia o livro *Lições de gramática para quem gosta de literatura*, que reúne textos de diversos autores, cada um enfocando alguma questão problemática do uso da língua portuguesa.



## RESUMINDO

Nesta aula, abordamos o uso de alguns tópicos gramaticais como os diversos porquês, este/esse, concordância verbal e nominal e crase, que às vezes causam confusão no processo de produção textual. Mas é importante lembrar que esses tipos de dúvidas gramaticais só podem ser respondidos na medida em que você for escrevendo e pesquisando para elaborar com qualidade o seu texto.



## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

1. Observe os termos em destaque no texto 1 e corrija quando necessário, de acordo com as questões a e b.

### Texto 1

Com fardas do Exército, homens rendem e assaltam lotérica e farmácia

Um grupo com aproximadamente cinco homens, segundo populares, rendeu e assaltou clientes e

funcionários de dois estabelecimentos comerciais próximos, no município de Severiano Melo, a 357 km de Natal, na manhã desta segunda-feira, **as** 9h da manhã.

De acordo com informações da Delegacia de Polícia Civil de Severiano Melo, a Lotérica Rafael e a Drogaria Santa Teresinha, vizinhas, estavam em funcionamento normal quando os assaltantes chegaram, camuflados, com fardas do Exército, dizendo serem policiais e alegando que fariam uma inspeção no local.

Começando pelo primeiro estabelecimento, logo renderam e mandaram que todos ficassem deitados. **A** mesma ação aconteceu na Drogaria, logo depois. “Foi uma grande humilhação”, definiu Francisco Erismar Monteiro, de 35 anos, um dos clientes que estavam na farmácia.

Segundo ele, que testemunhou **a** polícia, os assaltantes levaram cerca de R\$ 5 mil em dinheiro e cheque, celulares, inclusive novos que estavam a venda em um dos estabelecimentos, pertences de clientes e até cartões de benefícios como aposentadoria e Bolsa Família.

Populares informaram que viram o grupo fugir em um Fiat Uno branco com placas de Recife. A polícia acredita, já no início das investigações que se trata de uma quadrilha que age e é natural da própria região. O delegado José Célio de Oliveira Fonseca está apurando o caso.

Gabriela Olivar

Fonte: <[http://www.diariodenatal.com.br/int\\_cotidiano\\_interna.php?id=35716](http://www.diariodenatal.com.br/int_cotidiano_interna.php?id=35716)>. Acesso em: 8 jun. 2008.

a) Observe se há a necessidade de uso de crase nas palavras em negrito das linhas 3, 11, 15 e 16 e corrija, quando houver.

b) Observe, nos trechos sublinhados se há necessidade de uso da vírgula antes do pronome que. Corrija quando houver.

2. Identifique no texto 2 se há problemas de concordância e de uso do pronome relativo “onde” nos trechos sublinhados e corrija, quando necessário.

## **Texto 2**

### **Ônibus com destino a Natal sofre atentado**

Um ônibus da empresa Nordeste que fazia a rota Fortaleza/Natal foi vítima de uma tentativa de assalto na madrugada desta terça, próxima ao posto Zé da Volta,

localizado entre as cidades de Assu e Mossoró. O veículo chegou a ser alvejado e dois passageiros ficaram feridos.

De acordo com agentes da delegacia de Assu, os passageiros e o motorista do ônibus relataram que era por volta das 3h40 da manhã onde um carro tipo Corsa Sedan Vermelho encostou no veículo e efetuou vários disparos na tentativa de fazê-lo parar. Ao todo, seis disparos atingiram a parte lateral e a frente do ônibus. O assalto só não foi bem-sucedido porque o motorista, que não teve o nome revelado, acelerou até encontrar uma viatura da PM já próximo a cidade de Assu.

Os estilhaços do pára-brisa chegou a ferir duas pessoas de forma leve. Os passageiros foram encaminhados, ainda de acordo com a polícia, para o hospital regional de Assu onde foram medicados e liberados em seguida para seguir viagem. Um Policial Militar de Assu, para dar assistência, veio para Natal dentro do ônibus. Ao chegar à capital potiguar, o motorista dirigiu-se até a Delegacia de Furtos e Roubos de Veículos para realizar um Boletim de Ocorrência.

O Grupo Tático de Combate de Mossoró e de Assu realizaram diligências pelo local da ocorrência e ainda pelas estradas carroçáveis de Serra do Mel e Upanema, mas não conseguiu chegar até os suspeitos.

Carlos Eduardo Araújo

Fonte: <[http://www.diariodenatal.com.br/int\\_cotidiano\\_interna.php?id=35733](http://www.diariodenatal.com.br/int_cotidiano_interna.php?id=35733)>. Acesso em: 8 jul. 2008.

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa: com exercícios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAMPOS, C. L. ; SILVA, Nilson Joaquim (Org.). **Lições de gramática para quem gosta de literatura**. São Paulo: Panda Books, 2007.

FARACO, C. A. ; TEZZA, C. **Oficina de texto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SQUARISI, D. Dicas da Dad: **português com humor**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

### Lista de figuras

**Figura 01** - ROCHA (2013).

**Figura 02** - SANTOS (2013).

**Figura 03** - SANTOS (2013).

**Figura 04** - SANTOS (2013).

**Figura 05** - SANTOS (2013).

**Figura 06** - <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:bTShejVTg3N7bM:http://www.receita.pb.gov.br/edufiscal/images/menino-apontando.jpg>. Acesso em: 7 jan. 2010.

**Figura 07** - SANTOS (2013).

**Figura 08** - SANTOS (2013).



# TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL

**DISCIPLINA**  
**LINGUA PORTUGUESA**

**AULA 13**  
**PONTUAÇÃO**

**AUTORA**  
**ILANE FERREIRA CAVALCANTE**



**GESTÃO AMBIENTAL**







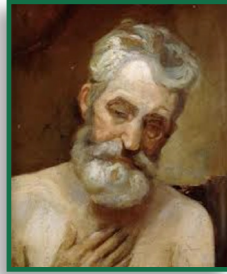
## APRESENTANDO A AULA

Nas aulas anteriores você compreendeu alguns mecanismos importantes na construção de textos, tais como a coesão, a coerência, a progressão e a paragrafação. Nesta aula, você vai lidar com alguns tópicos gramaticais importantes para dar a seu texto uma adequação maior às regras gramaticais. Nesta aula o foco é a pontuação.

## DEFININDO OBJETIVOS

- Compreender a importância da pontuação.
- Conhecer algumas regras de pontuação.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA



Fonte: <http://liquidificadorverbal.files.wordpress.com/2012/04/velho-doente.jpg>

Fig.1

Era uma vez um velho senhor que, sentindo que iria morrer, tomou papel e lápis e escreveu um bilhete a título de testamento. Infelizmente, não teve tempo de pontuar o texto e morreu. Deixou o seguinte enunciado:

Deixo meus bens a minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres.

Tinha o velho três herdeiros: a irmã, o sobrinho e o alfaiate, a quem devia larga soma. Ou então, seu dinheiro seria entregue à doação, favorecendo os pobres de seu lugarejo. Quatro homens doutos da cidade debruçaram-se sobre a nota para definir a quem deveria ser dada a herança, de acordo com o desejo do velho senhor. Cada um deles, ao fim de vários dias, entregou uma resposta à comunidade. E, para cada um, um dos quatro possíveis herdeiros receberia a fortuna.

(Autor anônimo)

Você sabe como cada um dos especialistas pontuou o texto favorecendo a um dos herdeiros? Veja só:

1. Deixo meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.
2. Deixo meus bens à minha irmã? Não. A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.
3. Deixo meus bens à minha irmã? Não. A meu sobrinho? Jamais. Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres.

4. Deixo meus bens à minha irmã? Não. A meu sobrinho? Jamais. Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres.

Essa é uma historinha muito utilizada entre os professores de língua portuguesa, talvez você já a tenha até visto por aí, mas ela é bastante ilustrativa acerca da importância da pontuação. Vamos discutir um pouco sobre isso?

## DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

### A pontuação

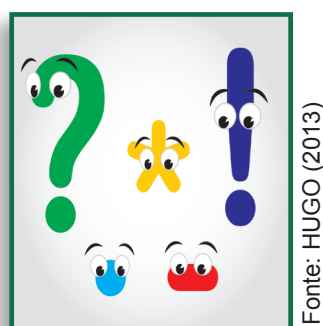


Fig.2

Na linguagem oral há muitos recursos de que dispomos: gestos, expressões, pausas, entonação são alguns deles. Esses recursos não estão disponíveis na linguagem escrita e precisamos, geralmente, contar com outros elementos, próprios da linguagem escrita que funcione com o mesmo objetivo. A pontuação é fundamental nesses casos. Ela é útil não só para essa simulação de recursos da oralidade, mas para atender a algumas necessidades que são próprias da linguagem escrita, como intercalações de termos ou expressões, por exemplo. A seguir, vamos estudar alguns dos principais sinais de pontuação.

### O ponto

O ponto é empregado, geralmente, para determinar o final de uma frase declarativa ou o final de um texto (neste caso, chama-se ponto final).

**Exemplo 1**

Gosto muito de você.

Também utilizamos o ponto em quase todas as abreviaturas, por exemplo: jan. (janeiro) ou Sr. (senhor).

**O ponto-e-vírgula**

**Fig.3 - Ponto e vírgula.**

O ponto-e-vírgula é sempre um problema, pois nunca sabemos se devemos utilizá-lo ou não, não é mesmo? Temos em mente que devemos utilizá-lo sempre que precisamos assinalar uma pausa maior do que a da vírgula, praticamente uma pausa intermediária entre o ponto e a vírgula. Mas isso é muito vago, assim, é bom observarmos que, geralmente, emprega-se o ponto-e-vírgula nas seguintes situações:

a) separar orações coordenadas que tenham certo sentido ou aquelas que já apresentam separação por vírgula:

**Exemplo 2**

Criança, foi uma garota sapeca; moça, era inteligente e alegre; agora, mulher madura, tornou-se uma dodivanas.

Observe que, se utilizássemos uma vírgula no lugar do ponto-e-vírgula no enunciado do exemplo 2, poderíamos ter problemas de ambigüidade, ou seja, o texto poderia ficar confuso. Por outro lado, se utilizássemos o ponto, teríamos um texto sem fluidez, muito fragmentado. Assim, o ponto-e-vírgula resolve o problema.

Outra utilização para esse sinal seria:

b) separar vários itens de uma enumeração:

### Exemplo 3

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino em estabelecimentos oficiais;

Fonte: <[http://www.acaoeducativa.org.br/porta1/images/stories/geral/5casojuridicotransp\\_orte escolar.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/porta1/images/stories/geral/5casojuridicotransp_orte escolar.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2008.

Observe que, no exemplo 3, os tópicos, separados por ponto-e-vírgula, não iniciam com letra maiúscula.

## Dois-pontos



Fonte: HUGO (2013)

**Fig.4 - Dois pontos.**

Os dois-pontos são mais fáceis de ser empregados. De qualquer forma, vejamos algumas de suas aplicações mais usuais:

a) uma enumeração

### Exemplo 4

[...] Estirado no gabinete, evocou a cena: o menino, o carro, os cavalos, o grito, o salto que deu, levado de um ímpeto irresistível[...]

(Machado de Assis - Quincas Borba)

No exemplo 4 temos a utilização dos dois pontos para introduzir uma série de dados que são lembrados pelo personagem. Podemos utilizar os dois-pontos para introduzir uma enumeração.

b) uma citação

#### **Exemplo 5**

Visto que ela nada declarasse, o marido indagou:

- Afinal, o que houve?

Observe que, no exemplo 5, antes dos dois-pontos há um verbo (indagou) que introduz o discurso de uma pessoa. Os dois-pontos devem vir logo após o verbo, abrindo espaço para a fala. Logo após os dois-pontos, portanto, vem um travessão e a fala desse interlocutor (o marido).

c) um esclarecimento

#### **Exemplo 6**

Joana conseguiu enfim realizar seu desejo maior: seduzir Pedro. Não porque o amasse, mas para magoar Lucila.

Os dois-pontos no exemplo 6 introduzem uma explicação, um esclarecimento acerca do maior desejo de Joana. Da mesma forma, em outros contextos, poderia introduzir exemplos, notas ou observações.

Outro uso possível dos dois pontos pode ser na invocação em correspondência (social ou comercial). Nesse caso, podem ser utilizados dois-pontos ou vírgula. Veja o exemplo a seguir:

#### **Exemplo 7**

Querida amiga:

Prezados senhores,

## Ponto de interrogação



Fonte: HUGO (2013)

**Fig.5 - Interrogação.**

Sobre o ponto de interrogação, com certeza, nem seria necessário falar, pois ele é empregado para indicar uma pergunta direta, ainda que esta não exija resposta:

### Exemplo 8

O criado pediu licença para entrar:

- O senhor não precisa de mim?
- Não, obrigado. A que horas janta-se?
- Às cinco, se o senhor não der outra ordem.
- Bem.
- O senhor sai a passeio depois do jantar? De carro ou a cavalo?
- Não.

(José de Alencar - Senhora)

## ATIVIDADE 01

1. Pontue adequadamente o texto abaixo, fazendo as adaptações que considerar necessárias:

Chega um cara no restaurante e diz

- Vocês servem advogados aqui
- Sim senhor, servimos
- Então me traz o prato principal, e pro meu cachorro um advogado mal passado





## Ponto de exclamação

O ponto de exclamação também tem um uso bem conhecido e fácil. É empregado para marcar o fim de qualquer enunciado com entonação exclamativa, que normalmente exprime admiração, surpresa, assombro, indignação etc.

### Exemplo 9

- Viva o meu príncipe! Sim, senhor... Eis aqui um comedouro muito compreensível e muito repousante, Jacinto!

- Então janta, homem!

(Eça de Queiroz - A cidade e as serras)

Mas também utilizamos o ponto de exclamação com interjeições e locuções interjetivas:

### Exemplo 10

Oh!

Valha-me Deus!

Assim como, muitas vezes, para darmos mais ênfase em representações de diálogos orais, utilizamos mais de um ponto de exclamação ou o ponto de exclamação junto a um ponto de interrogação. Esse é um uso não determinado gramaticalmente, mas possível, visto que corrente, principalmente em histórias em quadrinhos, anúncios publicitários e textos mais modernos.

### Exemplo 11



Fonte: PAZ (2014)

Fig.6

No diálogo entre pai e filho, perguntas e respostas exclamativas são marcadas, respectivamente, pelos sinais de interrogação e exclamação, mas no primeiro quadro, o filho responde ao pai com uma pergunta que é, ao mesmo tempo, uma exclamação, pois ele está admirado. Para denotar esse misto de admiração e questionamento o autor usou juntos os pontos de exclamação e de interrogação.

## Aspas

As aspas são usadas para indicar a declaração textual de alguém. Ou seja, que aquele discurso foi retirado do texto de alguém exatamente da mesma forma como foi dito. As aspas geralmente são usadas quando a declaração está inserida no meio de um parágrafo.

### Exemplo 12

O jornal paraense O Liberal registrou a convocação do ministro para que as forças produtivas da sociedade, governos estaduais e prefeituras invistam recursos no desenvolvimento da ciência e tecnologia: “precisamos de muitos recursos e não pode ser só da União; tem de ser dos estados, de algumas prefeituras e do empresariado”, conclamou Amaral.

Fonte: <<http://www.rnp.br/noticias/2003/not-030221b.html>>.

Acesso em: 25 ago. 2008.

Também podemos usar aspas quando queremos dar ênfase a algum termo ou expressão ou quando utilizamos uma expressão fora de contexto, por exemplo, uma expressão coloquial em um texto de caráter mais formal.

## ATIVIDADE 02

1. Pontue os textos abaixo fazendo as adaptações que considerar necessárias.



**TEXTO 1**

Quanto menos os BCs subirem suas taxas de juros, mais vamos ter que subir no Brasil, afirma o economista Ricardo Amorim, chefe da área de análise econômica para América Latina do banco West LB o BC fez as coisas certas, mas não contou com a ajuda de fora se eles apertassem mais, daria para apertar menos aqui, concorda Alcides Leite, professor de mercado financeiro da Trevisan Escola de Negócio

Fonte: <[http://www.estadao.com.br/economia/not\\_eco196737,0.htm](http://www.estadao.com.br/economia/not_eco196737,0.htm)>. Acesso em: 25 ago. 2008.

**TEXTO 2**

O coveiro adorava sua profissão, um dia ele tava cavando e cavou um buraco de 4 metros, sem conseguir sair do buracão, ele pediu socorro, e gritou, e gritou... eram 5 da tarde e à meia noite, com muito frio e fome, ouviu alguns passos, ele gritou por socorro, e a cabeça da pessoa apareceu (era o bêbado) o coveiro pediu socorro

– SOCORRO, POR FAVOR, ME AJUDE, ESTOU COM MUITO FRIO

E o bêbado respondeu

- CLARO QUE VOCÊ ESTÁ COM FRIO ALGUÉM TIROU A TERRA DE CIMA DE VOCÊ MEU POBRE MORTINHO...

E o bêbado colocou toda a terra em cima dele, feliz da vida, por ter feito sua parte

Fonte: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080725124659AAxDj6L>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

## Alguns usos da vírgula



**Fig.7 -Vírgula.**

Dentre os sinais de pontuação, a vírgula é que oferece mais dificuldades para o estudante em geral. Isso decorre da ideia, tão propalada e falsa, de que corresponde a uma pausa para o leitor respirar ou de que a vírgula tenha alguma relação com a linguagem oral. Diferentemente disso, segundo Dacanal (1987, p. 9), “[...] é uma evidência que um sistema de pontuação só pode, por sua natureza, ser considerado decorrente e integrante do sistema de sinais visuais que é a escrita”.

Então, a vírgula é um elemento da língua escrita e tem a função de auxiliar a explicitação da significação dos textos em geral. Trata-se de um sinal de pontuação ligado “[...] intrinsecamente à estrutura sintático-semântica da frase, isto é, à lógica da língua como instrumento de transmissão de informações”. (DACANAL, 1987, p. 14).

A seguir, você tem listadas as principais orientações para o correto emprego da vírgula.

a) A primeira orientação é a de que você não deve usar vírgulas entre o sujeito e seu predicado, nem entre o verbo e seus complementos verbais em orações na ordem direta. A ordem direta de uma oração é a seguinte: sujeito— verbo—objeto direto—objeto indireto — adjunto adverbial.

### **Exemplo 13**

As ocorrências anormais de temperaturas —demonstram a insatisfação

b) A segunda orientação é a de que você deve usar vírgula para separar os “termos móveis” na oração, como o aposto explicativo e o vocativo; e os termos adverbiais – adjuntos e orações adverbiais (reduzidas ou desenvolvidas) quando deslocados de sua posição original (que é no final da oração).

**Exemplo 14**

A educação escolar, fator indispensável para o desenvolvimento da sociedade, deveria ser a preocupação primeira dos governos deste país.

Se você deslocar o aposto para o início da oração, deve usar apenas uma vírgula após o termo:

**Exemplo 15**

Fator indispensável para o desenvolvimento da sociedade, a educação escolar deveria ser a preocupação primeira dos governos deste país.

**Exemplo 16**

Senhor governante, nossa educação escolar continua sendo desvalorizada.

Se o vocativo aparecer no meio da oração, você deve usar duas vírgulas, uma antes e outra depois do termo:

**Exemplo 17**

Nossa educação escolar, senhor governante, continua sendo desvalorizada.

Se o vocativo aparecer no final da oração, você deve usar apenas uma vírgula, antes do termo:

**Exemplo 18**

Nossa educação escolar continua sendo desvalorizada, senhor governante.

Os termos móveis de natureza adverbial (adjunto ou oração subordinada) devem ser separados por vírgula apenas quando aparecerem no início ou no meio da oração. No exemplo 1, o termo adverbial “nos últimos anos” aparece no final da oração, sem necessidade de ser separado por vírgula. Mas, se você deslocar esse adjunto adverbial para perto do sujeito, deverá usar vírgulas para separá-lo do restante da oração:

**Exemplo 19**

As ocorrências anormais de temperaturas, nos últimos anos, demonstram a insatisfação do planeta a seus habitantes inescrupulosos.

Nesse caso, não estaria o sujeito separado de seu predicado, pois existem duas vírgulas, uma antes e outra depois, isolando o adjunto adverbial do restante da oração. Aliás, o adjunto adverbial “nos últimos anos” pode aparecer também no início da oração, como no exemplo 8, sendo separado por vírgula.

### **Exemplo 20**

Nos últimos anos, as ocorrências anormais de temperaturas demonstram a insatisfação do planeta a seus habitantes inescrupulosos.

c) A terceira orientação é a de que você deve usar a vírgula para separar termos ou orações de mesma função sintática.

### **Exemplo 21**

O lixo das cidades, a contaminação das águas, a fumaça dos veículos estão contribuindo para abreviar a vida animal no planeta Terra.

### **Exemplo 22**

Quando você aprender a usar moderadamente o chuveiro elétrico, a desligar corretamente as torneiras de sua casa, a separar o lixo orgânico do lixo seco, poderá ser considerado, então, um cidadão civilizado do mundo.

d) A quarta orientação é a de que você deve usar a vírgula para separar os termos explicativos, exemplificativos e retificadores numa oração e para separar as orações adjetivas explicativas.

### **Exemplo 23**

Houve aumento de arrecadação de impostos em 2006, isto é, o Leão continua com suas garras muito bem afiadas.

### **Exemplo 24**

A corrupção consome milhões de reais, ou melhor, bilhões de reais dos cofres públicos anualmente.

### **Exemplo 25**

O aquecimento do planeta, que já é uma realidade indesejada, tende a expandir-se em razão do comportamento leviano de autoridades dos países desenvolvidos.

## ATIVIDADE 03



**1.** Identifique as vírgulas que foram usadas incorretamente no seguinte trecho:

O amor e o ódio se tocam. O primeiro pode, inesperadamente, transformar-se, no segundo. E vice-versa. No reino animal, esta máxima toma, a força de quase uma lei. Quem já teve a oportunidade de presenciar, os jogos amorosos de um casal de rinocerontes, por exemplo, percebeu isto: machos e fêmeas dão encontrões violentos, vezes e vezes seguidas, como se estivessem fazendo a guerra e não o amor. Mas, quando livres de sua agressividade, tudo se transforma.

(SUPERINTERESSANTE, 2005, p. 5/6).

**2.** Apenas as vírgulas do trecho a seguir foram retiradas. Reponha-as de modo a restabelecer o sentido original do trecho.

E é surpreendente verificar como as formas de vida das diferentes espécies está relacionada com a agressividade dos seus membros. Se machos e fêmeas são pacíficos formarão colônias; se só o macho é agressivo formarão haréns; se ambos são agressivos formarão um par capaz de manter uma longa união monogâmica.

(SUPERINTERESSANTE, 2005, p. 5/6).

**3.** Justifique o uso da vírgula nas sentenças em destaque no texto abaixo:

A VÍRGULA

A vírgula pode ser uma pausa. Ou não.

Não, espere.

Não espere.

A vírgula pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso, só ele resolve.

Ela pode forçar o que você não quer.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode acusar a pessoa errada.

Esse, juiz, é corrupto.

Esse juiz é corrupto.

A vírgula pode mudar uma opinião.

Não quero ler.

Não, quero ler.

Uma vírgula muda tudo.

ABI. 100 anos lutando para que ninguém mude nem uma vírgula da sua informação."

Fonte: <<http://i3comunicacao.wordpress.com/2008/04/09/uma-virgulapode-mudar-tudo/>>. Acesso em: 26 jun. 2008.



## LEITURAS COMPLEMENTARES

ALÔ ESCOLA. Uso da vírgula. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/sintaxe/pontuacao-usodavirgula.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

PONTUAÇÃO. Disponível em: <<http://www.profabeatriz.hpg.ig.com.br/gramatica/pontuacao.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2008.



SILVA, Patrícia. O uso da vírgula: uso obrigatório da vírgula nas orações estudadas. 15 out. 2006. Disponível em: <[http://www.notapositiva.com/resumos/portugues/virgula\\_uso.htm](http://www.notapositiva.com/resumos/portugues/virgula_uso.htm)>. Acesso em: 18 ago. 2008.

Você pode ampliar seus conhecimentos sobre o assunto desta aula, consultando esses endereços eletrônicos. Neles você encontrará mais informações sobre pontuação e sobre o uso da vírgula, assim como exercícios.



## RESUMINDO

Nesta aula, você estudou o uso de alguns sinais de pontuação e como eles podem alterar significativamente o conteúdo de nossas idéias. Você viu, então, a aplicação de alguns dos sinais mais comuns, o ponto e vírgula, as aspas, o ponto de exclamação e o ponto de interrogação. Maior ênfase, no entanto, foi dada ao uso da vírgula por ser ela que costumeiramente gera maiores dúvidas quanto à sua aplicação.



## AVALIANDO SEUS CONHECIMENTOS

**1.** No trecho a seguir, a maior parte das vírgulas foi suprimida. Reponha-as sem que o sentido global do trecho seja alterado.

Desde o começo dos tempos nada foi capaz de atiçar tanto a curiosidade dos homens como os enigmas do espaço sideral e sua relação com esta nossa Terra. Por milhares de anos o estudo do firmamento manteve-se entrelaçado a tradições religiosas. Só a partir do século XVI os aspectos

puramente científicos da Astronomia passaram a distinguir-se das variadas formas de misticismo. Com o desenvolvimento dos meios de observação do espaço foram se estabelecendo os conhecimentos básicos a respeito do sistema solar e da galáxia de que faz parte. A era das viagens espaciais, enfim, começa a revelar a imensa diversidade do nosso sistema planetário. E dá vida a uma velha dúvida: ele é único?

Carl Sagan renomado astrofísico da Universidade de Cornell nos Estados Unidos reuniu num disco as informações mais importantes sobre o homem e o enviou para fora do nosso sistema solar, em diversas sondas do programa espacial norte-americano. Ele tem esperança de que algum deles chegará um dia às mãos de alguma espécie de seres inteligentes em qualquer parte do Universo. Outros cientistas se mostram mais cautelosos. Investigações recentes demonstram que as possibilidades de existência de vida em outros planetas são mais remotas do que sempre se supôs. Sob esse aspecto a Terra é realmente um caso excepcional, um corpo espacial com condições especiais para a vida.

(SUPERINTERESSANTE, 2005, p. 5/6).

**2.** Algumas vírgulas foram substituídas por ponto no trecho a seguir. Desfaça essas substituições, repondo as vírgulas no seu devido lugar.

A primeira geração de robôs, surgida em 1962. Foi a dos chamados autômatos: robôs eletromecânicos. Que só conseguiam fazer movimentos simples, como dobrar o braço. A segunda geração, nascida cerca de dez anos depois. Foi a dos robôs equipados com comandos eletrônicos, da qual existem 300 mil espécimes no mundo inteiro (e cerca de 200 no Brasil). Que representam a maioria dos robôs industriais

atualmente em uso. Eles possuem movimentos bem mais flexíveis e podem ser programados para uma série de tarefas. Como pintar automóveis, soldar, parafusar peças.

(SUPERINTERESSANTE, 2005, p. 14).

**3.** No trecho a seguir, algumas vírgulas foram acrescentadas indevidamente. Retire-as, de modo que o trecho torne ao seu sentido original.

Batatas fritas crocantes, mas sem gordura, café sem cafeína, mas com sabor – eis dois exemplos do que a ciência pode em breve, colocar nos supermercados. Tudo graças ao chamado, fluido supercrítico, substância intermediária, entre o líquido e o gás. A maioria das substâncias, é sólida em baixas temperaturas, líquida em temperaturas médias e, gasosa em altas temperaturas. Submetida à pressão e temperatura, suficientemente altas, uma substância entra em estado supercrítico. Como um gás, o fluido preenche um recipiente; como um líquido, pode dissolver sólidos. O gás dióxido de carbono, por exemplo, aquecido a 31,1°C e submetido à pressão de 73 atmosferas, pode dissolver, a cafeína dos grãos de café sem alterar seu sabor; ou retirar a gordura sem estragar as batatas.

(SUPERINTERESSANTE, 2005, p. 17).

## CONHECENDO AS REFERÊNCIAS

BATISTA, J. et al. **Língua portuguesa**: pensando e escrevendo. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

DACANAL, J. H. **A pontuação**: teoria e prática. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. (Série Revisão, 30).

FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto**: para estudantes universitários. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 01** - <http://liquidificadorverbal.files.wordpress.com/2012/04/velho-doente.jpg>

**Figura 02** - ROCHA (2013)

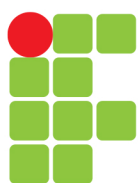
**Figura 03** - ROCHA (2013)

**Figura 04** - ROCHA (2013)

**Figura 05** - ROCHA (2013)

**Figura 06** - PAZ (2014)

**Figura 07** - ROCHA (2013)



**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
RIO GRANDE DO NORTE  
Campus EaD



GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA